

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**  
**FACULDADE DE LETRAS – FLET**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGL**

**O DISCURSO SOBRE O ABUSO SEXUAL NA COMUNIDADE SURDA DE  
MANAUS : uma análise discursiva francesa (AM)**

Cristiane Alves Rosa

MANAUS (AM)  
2024

**CRISTIANE ALVES ROSA**

**O DISCURSO SOBRE O ABUSO SEXUAL NA COMUNIDADE SURDA DE  
MANAUS: uma análise discursiva francesa (AM)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de Teoria e Análise Linguística, sob a orientação do Prof. Dr. Leonard Christy Souza Costa.

MANAUS (AM)  
2024

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

R788d Rosa, Cristiane Alves  
O discurso sobre o abuso sexual na comunidade surda de  
Manaus: : uma análise discursiva francesa (AM) / Cristiane Alves  
Rosa . 2024  
101 f.: 31 cm.

Orientador: Leonard Christy Souza Costa.  
Dissertação (Letras) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Análise do discurso. 2. Pecheuxtiana. 3. Abuso sexual. 4.  
Pessoas surdas. I. Costa., Leonard Christy Souza. II. Universidade  
Federal do Amazonas III. Título

Dedico aos meus pais, seu Edson Antônio e dona Gracinete (*in memorian*) que me apoiaram em todos os momentos da minha vida e que sempre me motivaram a prosseguir nos meus estudos com seriedade e disciplina.

## **AGRADECIMENTOS**

A Minha família, pelo apoio e torcida.

Ao Prof. Dr. Sérgio Freire, orientador competente, sou profundamente grato por ter abraçado a temática desta pesquisa e por acreditar em meu potencial. Sua orientação foi essencial, e jamais esquecerei sua confiança.

Agradeço também ao meu orientador, Leonard Costa, por finalizar essa jornada com apontamentos importantes e bem fundamentados.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marta de Faria e Cunha Monteiro, sou grata pela correção minuciosa das questões metodológicas e pelas sugestões atualizadas, que enriqueceram este trabalho.

Agradeço à minha amiga e diretora, Haydeé Carneiro, pelo apoio, e aos colegas da Escola Augusto Carneiro dos Santos pela colaboração.

À minha amiga Karen Dominique, por seus valiosos conselhos e incentivos.

E, finalmente, a todos que desenvolvem direta ou indiretamente para a realização desta pesquisa.

ROSA, C. A. **O discurso sobre o abuso sexual na comunidade surda de Manaus: uma análise discursiva francesa**. 2024. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2024.

## **RESUMO**

O presente estudo sobre o abuso sexual das pessoas surdas no contexto brasileiro, baseado na Análise do Discurso Francesa (AD) de orientação pecheuxtiana, trouxe à tona a complexidade e multiplicidade de discursos que permeiam essa temática delicada. Durante a análise do corpus, emergiram diversos objetos discursivos relevantes, incluindo o abuso na infância e a inocência, abuso e brincadeira, família e comunicação, abuso e penetração, abuso e mulher, e o silêncio em torno do abuso como assunto de família. Para compreender a diversidade de sentidos presentes no discurso sobre o abuso sexual, foram realizadas entrevistas com 10 pessoas surdas (homens e mulheres) residentes em Manaus. A utilização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) nas entrevistas foi fundamental para assegurar a valorização da forma de comunicação natural dessas pessoas e garantir que suas vozes fossem respeitadas. Por meio da análise do discurso pecheuxtiana, foi possível identificar os efeitos de sentidos produzidos pelos diferentes discursos sobre o abuso sexual. Os temas centrais foram reorganizados para destacar a pluralidade de experiências vivenciadas pelas vítimas em diferentes papéis de sujeito, como mulher casada, namorada, criança, mulher e homem gay. A análise também evidenciou as relações estabelecidas entre as formações discursivas (FD) e as imagens construídas sobre a mulher surda e o abuso, bem como os movimentos de deslizamento dos significados, paráfrases e polissemias presentes nos discursos. Ficou evidente que a questão do abuso sexual contra pessoas surdas não pode ser compreendida de maneira homogênea. Cada sujeito surdo carrega consigo uma multiplicidade de identidades, o que influencia a sua experiência individual e sua relação com o abuso. Nesse contexto, a valorização da cultura surda e o conhecimento da Libras são fundamentais para a formação da identidade das pessoas surdas e para quebrar barreiras na comunicação e no acesso a informações sobre prevenção do abuso sexual. A discussão sobre a sexualidade das pessoas surdas também foi destacada como um aspecto relevante do estudo. Reconhecer e valorizar essa dimensão importante de suas vidas é essencial para promover uma abordagem inclusiva e respeitosa em relação ao tema.

**Palavras-chave:** Análise do discurso; pecheuxtiana; abuso sexual; pessoas surdas.

**ROSA, C. A.** The discourse on sexual abuse in the deaf community of Manaus: a French discursive analysis. 2024. 101 f. Dissertation (Master's in Letters) – Graduate Program in Letters, Federal University of Amazonas, Manaus, 2024.

### **ABSTRACT**

The present study on sexual abuse against deaf individuals in the Brazilian context, based on French Discourse Analysis (DA) with a Pecheuxian orientation, brought to light the complexity and multiplicity of discourses that permeate this delicate topic. During the analysis of the corpus, several relevant discursive objects emerged, including abuse in childhood and innocence, abuse and play, family and communication, abuse and penetration, abuse and women, and the silence surrounding abuse as a family matter. To comprehend the diversity of meanings present in the discourse on sexual abuse, interviews were conducted with 10 deaf individuals (both men and women) residing in Manaus. The use of Brazilian Sign Language (Libras) in the interviews was essential to valorize these individuals' natural mode of communication and ensure that their voices were respected. Through the Pecheuxian discourse analysis, it was possible to identify the effects of meanings produced by different discourses on sexual abuse. Central themes were reorganized to highlight the plurality of experiences lived by victims in different subject roles, such as married women, girlfriends, children, women, and gay men. The analysis also revealed the established relationships between discursive formations (FD) and the images constructed about deaf women and abuse, as well as the sliding movements of meanings, paraphrases, and polysemies present in the discourses. It became evident that the issue of sexual abuse against deaf individuals cannot be understood in a homogenous manner. Each deaf individual carries a multiplicity of identities, which influences their individual experiences and their relationship with abuse. In this context, the valorization of deaf culture and knowledge of Libras are fundamental for the formation of deaf individuals' identities and for breaking barriers in communication and access to information about sexual abuse prevention. The discussion about the sexuality of deaf individuals was also highlighted as a relevant aspect of the study. Recognizing and valuing this important dimension of their lives is essential to promote an inclusive and respectful approach to the topic.

**Key words:** sexual abuse, deaf individuals, Pecheuxian discourse analysis.

## Sumário

|                                                                                  |    |
|----------------------------------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO .....                                                                 | 8  |
| 1.1. Apresentação do Tema.....                                                   | 10 |
| 1.2. Justificativa – Relevância social e pessoal da escolha do tema.....         | 12 |
| 1.3. Apresentação da estrutura do trabalho .....                                 | 13 |
| 2.....                                                                           | 15 |
| Abuso sexual de pessoas surdas: uma análise crítica do contexto brasileiro ..... | 15 |
| 2.1. Cultura Surda .....                                                         | 16 |
| 2.2. Língua brasileira de sinais (Libras) .....                                  | 21 |
| 2.3. A sexualidade de surdos e de outras Pessoas com Deficiências (PcDs) .....   | 22 |
| 2.4. O abuso sexual.....                                                         | 26 |
| 3 .....                                                                          | 35 |
| 3.1. A escolha da Análise do Discurso.....                                       | 36 |
| 3.2. A Análise do Discurso.....                                                  | 37 |
| 3.3. A Formação Discursiva.....                                                  | 38 |
| 3.4. A Ideologia .....                                                           | 39 |
| 3.5. Noção de Interdiscurso.....                                                 | 41 |
| 3.6. Condições de Produção.....                                                  | 42 |
| 3.7. Heterogeneidade .....                                                       | 43 |
| 3.8. Sujeito.....                                                                | 45 |
| 3.9. Sentido .....                                                               | 46 |
| 3.10. O que é a Análise do Discurso: dispositivo teórico .....                   | 47 |
| 3.11. O método da Análise do Discurso: o dispositivo analítico.....              | 48 |
| 4 .....                                                                          | 50 |
| 4.1. Escolha do Corpus e os instrumentos de coleta de registros.....             | 50 |
| 4.2. Os procedimentos de análise .....                                           | 51 |
| 4.2.1. ENTREVISTA – LARA .....                                                   | 53 |
| 4.2.2. ENTREVISTA – MATILDE .....                                                | 59 |
| 4.2.3. ENTREVISTA - JOANA.....                                                   | 61 |
| 4.2.4. ENTREVISTA – RUANA .....                                                  | 63 |
| 4.2.5. ENTREVISTA – ANDRÉ .....                                                  | 65 |
| 4.2.6. ENTREVISTA – JOÃO .....                                                   | 67 |
| 4.2.7. ENTREVISTA – JOANA.....                                                   | 68 |
| 4.2.8. ENTREVISTA – MÁRIO .....                                                  | 69 |
| 4.2.9. ENTREVISTA – DORIANA .....                                                | 70 |



|                                                  |    |
|--------------------------------------------------|----|
| 4.2.10. ANÁLISE PSICANALÍTICA DOS DISCURSOS..... | 71 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                    | 74 |
| REFERÊNCIAS .....                                | 77 |
| ANEXOS .....                                     | 83 |

## INTRODUÇÃO

O objetivo geral deste trabalho é aprofundar a análise dos discursos relacionados ao abuso sexual na comunidade surda de Manaus, com ênfase na compreensão dos efeitos de sentido atribuídos à palavra "abuso" por diferentes sujeitos envolvidos. Almeja-se investigar a presença de perspectivas progressistas ou conservadoras nesse discurso, bem como identificar como tais abordagens influenciam a percepção e a abordagem do tema na comunidade surda.

Adicionalmente, este estudo tem a intenção de examinar o impacto da escassez de acesso adequado à informação, decorrente da pouca fluência na língua portuguesa na comunidade surda, sobre a compreensão e construção do significado de abuso sexual para esses indivíduos. A análise das interações entre linguagem, cultura e vivências pessoais visa a uma maior compreensão das implicações sociais e psicológicas do abuso sexual nessa comunidade.

Para fundamentar essa pesquisa, adota-se o arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso Francesa (AD, doravante), embasada nos estudos de Michel Pêcheux. Nessa abordagem, reconhece-se o papel essencial da linguagem na constituição do ser humano e destaca-se o poder dos discursos em constituir o indivíduo em sujeito. Por meio da linguagem, o ser humano interage com o mundo, atribui significados e constrói sua própria identidade.

A compreensão das dinâmicas linguísticas e discursivas possibilitará uma leitura mais abrangente das relações entre linguagem, cultura e vivências pessoais dos indivíduos surdos, revelando como esses fatores se entrelaçam e influenciam as concepções e experiências relacionadas ao abuso sexual.

No primeiro capítulo, intitulado *Abuso sexual de pessoas surdas: uma análise crítica do contexto brasileiro*, destaca-se a importância de incluir e proteger as pessoas surdas na sociedade, abordando as barreiras linguísticas enfrentadas por essa comunidade e as dificuldades de acesso à informação e comunicação.

Também são examinadas as diversas formas de abuso que afetam de maneira desproporcional as pessoas surdas, incluindo abuso sexual, psicológico, patrimonial, institucional, de poder e autoridade, e religioso ou cultural.

Através dessa análise, busca-se conscientizar sobre a relevância da inclusão, educação e políticas inclusivas para proteger os direitos e o bem-estar das pessoas surdas, promovendo uma sociedade mais justa e respeitosa para todos.

No segundo capítulo, intitulado *A Análise do Discurso Francesa*, são explorados os conceitos fundamentais dessa abordagem teórica. Inicialmente, busca-se compreender a natureza complexa do discurso, enfatizando sua interação com a linguagem e o poder.

Em seguida, é abordada a noção de interdiscurso e suas relações na construção da identidade discursiva dos sujeitos. Além disso, é dada ênfase ao papel do sujeito como agente social na produção de sentidos, destacando sua construção e posicionamento ideológico no discurso.

Por fim, apresenta-se o método analítico da AD, delineando suas etapas e procedimentos para a interpretação dos efeitos de sentido e das identidades sociais construídas pelos discursos. Essa etapa oferece uma visão panorâmica e essencial para uma análise do discurso em diferentes contextos e perspectivas teóricas.

No terceiro capítulo, são apresentadas as análises que abordam a questão delicada do abuso sexual e suas implicações para os indivíduos surdos. Exploram-se os desafios enfrentados por essa comunidade, destacando a vulnerabilidade e a dificuldade na comunicação para relatar casos de violência. Ademais, são evidenciados os efeitos traumáticos do abuso, incluindo o sentimento de culpa e vergonha associados a essas experiências.

A abordagem equivocada da palavra "brincadeira" em contextos abusivos também é analisada, ressaltando-se a importância da educação sexual e da superação de discursos capacitistas - preconceito contra as pessoas com deficiência - e conservadores para proteger a comunidade surda. Essas análises contribuem para uma compreensão dos desafios enfrentados pelos surdos e a necessidade de promover conscientização e medidas de prevenção.

Neste contexto desafiador, a AD foi escolhida como dispositivo teórico e analítico devido à sua capacidade de evidenciar tessituras de análise, utilizando três poderosas áreas de estudo: a linguística saussuriana, o materialismo histórico althusseriano e a psicanálise lacaniana. Essa abordagem possibilita a realização de uma análise do funcionamento do discurso sobre abuso sexual na comunidade surda.

Assim, neste trabalho, busca-se explorar essa temática complexa, lançando luz sobre as dimensões do abuso sexual de pessoas surdas no contexto de Manaus e do Brasil. Com base na AD como uma ferramenta teórica, a investigação se

concentrará em compreender como os discursos e práticas sociais influenciam a violência sexual contra pessoas surdas (Orlandi, 2012).

### **1.1. Apresentação do Tema**

O abuso sexual é uma forma de violência que afeta um número significativo de indivíduos em todo o mundo. Infelizmente, as pessoas com deficiência, incluindo as pessoas surdas, apresentam particular vulnerabilidade a esse tipo de violência.

A comunidade surda enfrenta frequentemente obstáculos na comunicação, na obtenção de informações e no acesso a serviços de apoio, tornando-as mais suscetíveis ao abuso sexual (Kvam, Loeb, & Tambs-Lyche, 2006).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a violência sexual é caracterizada por "qualquer ato sexual, tentativa de obter um ato sexual, comentários ou insinuações sexuais indesejadas, ou tráfico sexual direcionado contra uma pessoa utilizando coerção". A OMS ressalta que a violência sexual constitui uma violação dos direitos humanos e pode resultar em sérias consequências físicas, emocionais e sociais para as vítimas.

Contudo, as pessoas surdas enfrentam desafios adicionais na comunicação e obtenção de informações relacionadas ao abuso sexual. A língua de sinais é a língua natural das pessoas surdas, porém, nem sempre é compreendida e utilizada adequadamente por profissionais que trabalham com essa população. Como resultado, as pessoas surdas podem enfrentar dificuldades em compreender e denunciar casos de abuso sexual, bem como em receber o suporte necessário após o ocorrido (Magnusson, 2011, p.609).

A Organização Mundial da Saúde (2013) sobre isso diz:

"A violência sexual é uma violação dos direitos humanos e pode ter um impacto devastador na vida das pessoas. Para as pessoas surdas, essa violência pode ser ainda mais traumática, pois enfrentam barreiras adicionais na obtenção de informações, no acesso a serviços de apoio e na comunicação com profissionais que trabalham com essa população.

Além disso, fatores sociais e culturais podem tornar as pessoas surdas mais vulneráveis ao abuso sexual. Estudos indicam que indivíduos surdos têm maior probabilidade de experienciar abuso sexual durante a infância em comparação a indivíduos ouvintes (Cintra, 2014). Também há evidências de que cuidadores,

professores e outros profissionais que trabalham com a comunidade surda podem representar uma fonte de abuso sexual para essa população (idem).

Conscientizar sobre a problemática do abuso sexual de pessoas surdas é crucial para garantir a proteção de seus direitos humanos e prevenir a violência contra esse grupo vulnerável. É fundamental que os serviços de apoio sejam acessíveis e adequados às necessidades das pessoas surdas, incluindo a disponibilidade de intérpretes de língua de sinais e a adaptação de materiais informativos e preventivos para a língua de sinais (Glickman, 2013).

A vulnerabilidade das pessoas surdas em situações de violência sexual é amplificada pela falta de acessibilidade e de profissionais capacitados. Reconhecer essas barreiras é fundamental para garantir um atendimento eficaz e inclusivo.

O abuso sexual de pessoas surdas é uma questão séria e urgente que merece a atenção de profissionais de saúde, assistência social e justiça. É essencial que esses profissionais sejam treinados na compreensão das necessidades das pessoas surdas e em como fornecer um atendimento adequado e eficaz para vítimas de abuso sexual" (Harrington, 2010).

Diante dos desafios apresentados, torna-se imprescindível a compreensão das experiências das pessoas surdas em relação ao abuso sexual, identificando as barreiras que enfrentam ao buscar ajuda e investigando as políticas e serviços disponíveis para apoiar vítimas surdas de abuso sexual.

Essa compreensão é essencial para o desenvolvimento de políticas e programas mais eficazes na prevenção do abuso sexual de pessoas surdas e para assegurar que as vítimas surdas tenham acesso adequado aos serviços de apoio disponíveis.

Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo analisar o funcionamento discursivo acerca do abuso sexual de pessoas surdas, especialmente no contexto brasileiro e, mais especificamente, na cidade de Manaus.

Além disso, busca-se contribuir para a literatura existente sobre o tema, proporcionando uma melhor compreensão das experiências dessas pessoas em relação ao abuso sexual na comunidade surda (Magnusson, 2011).

Com essa análise, almeja-se promover maior conscientização sobre a temática e fornecer subsídios para o desenvolvimento de estratégias mais adequadas de prevenção e suporte para as vítimas surdas de abuso sexual.

## **1.2. Justificativa – Relevância social e pessoal da escolha do tema**

Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2018), o número de casos de violência em geral, incluindo estupros, tem aumentado no país. Esses dados são considerados uma das fontes nacionais mais confiáveis e compõem o 13º anuário que complementa o Atlas da Violência. A pesquisa destaca que cerca de 10,3% das vítimas de estupro possuem alguma deficiência, e 12,2% dos casos de estupros coletivos foram contra vítimas com alguma deficiência. A maioria das vítimas são do sexo feminino (81,8%), sendo 50,9% negras e a maioria das vítimas com menos de 13 anos de idade (53,8%) (IPEA/FBSP, 2019).

As pessoas surdas enfrentam barreiras adicionais na comunicação e na obtenção de informações sobre o abuso sexual, o que as torna ainda mais vulneráveis a essa forma de violência. Como resultado, muitas vítimas surdas de abuso sexual podem encontrar dificuldades em denunciar o crime e em acessar os serviços de apoio disponíveis.

Do ponto de vista pessoal, o abuso sexual pode causar graves consequências físicas, emocionais e psicológicas para as vítimas. As pessoas surdas que sofrem abuso sexual podem enfrentar dificuldades adicionais na busca de ajuda e no processo de recuperação. Portanto, compreender as experiências das pessoas surdas em relação ao abuso sexual é fundamental para garantir que as vítimas recebam o apoio adequado e para prevenir futuros casos de violência.

Por fim, este trabalho foi motivado por um projeto de ação realizado na Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos, que abordou a prevenção do assédio sexual. Durante o projeto, alunas relataram espontaneamente diversos tipos de abusos sofridos, destacando a relevância e urgência do tema.

Diante dessa necessidade, a pesquisadora deste estudo sentiu-se interessada em debruçar-se em uma análise sobre essa temática, buscando compreender melhor o discurso das pessoas surdas sobre o abuso sexual, identificar os efeitos de sentido que a palavra "abuso" possui para diferentes sujeitos e analisar o grau de progressismo ou conservadorismo presentes nesses discursos.

Para alcançar esses objetivos, a pesquisa também se propõe a explorar a relação entre a falta de acesso à informação devido à pouca fluência na língua portuguesa e a percepção do sentido de abuso sexual na comunidade surda de Manaus.

O estudo adota uma perspectiva pecheuxtiana de análise do discurso, focando na análise de materialidades linguísticas, especialmente através de entrevistas com vozes de sujeitos surdos, tanto do sexo feminino quanto masculino, na cidade de Manaus.

A partir desse contexto surgem os seguintes problemas: Qual a relação histórica de repressão do sujeito surdo com os abusos sexuais? Quais os efeitos de sentido de “abuso sexual” na comunidade surda? Quais as imagens sobre o sujeito surdo? Quais são as imagens sobre o sujeito ouvinte? Quais as relações de força entre sujeito surdo e o sujeito ouvinte? Quais as relações de força entre sujeito surdo e o sujeito ouvinte dentro de uma relação abusiva?

### **1.3. Apresentação da estrutura do trabalho**

O presente estudo foi conduzido em quatro etapas distintas. Na primeira etapa, será realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema do abuso sexual em pessoas com deficiência, com especial enfoque nas pessoas surdas.

Foram abordados conceitos pertinentes relacionados ao abuso sexual, bem como os principais fatores de risco e proteção que afetam essa população. Além disso, serão discutidas as principais barreiras enfrentadas pelas pessoas surdas ao denunciar o abuso sexual e ao receber o apoio necessário após a ocorrência do crime.

Na primeira etapa, é apresentado o referencial teórico que guiará a pesquisa. Serão abordados conceitos relevantes relacionados à cultura surda, à língua de sinais e à sexualidade das pessoas surdas. Nesse contexto, serão examinados os principais estudos realizados sobre o abuso sexual de pessoas surdas, tanto no cenário brasileiro quanto em outros países.

A terceira etapa consiste na apresentação dos resultados da pesquisa. Será conduzida uma análise minuciosa do discurso acerca das experiências de pessoas surdas que foram vítimas de abuso sexual.

Na quarta e última etapa, apresenta-se as considerações finais do estudo. Nesse sentido, serão sumarizadas as principais conclusões obtidas na pesquisa, bem como serão discutidas eventuais limitações encontradas durante o processo investigativo.

Além disso, serão propostas sugestões para pesquisas futuras e discutidas as implicações práticas dos achados para a prevenção do abuso sexual de pessoas surdas. Com base nos resultados obtidos, serão oferecidas diretrizes para o desenvolvimento de políticas e programas mais eficazes, visando a prestação adequada de apoio às vítimas surdas de abuso sexual.

No cenário contemporâneo, a discussão sobre abuso sexual é uma preocupação em muitos contextos sociais, porém, a complexidade desse problema ganha nuances específicas quando se trata de pessoas com deficiência, particularmente aquelas que são surdas.

O próximo capítulo se propõe a realizar uma análise crítica sobre o abuso sexual dirigido a pessoas surdas, destacando a necessidade de uma abordagem que considere a interseção entre a cultura surda e a sexualidade das pessoas com deficiência.

A revisão bibliográfica aqui apresentada visa explorar as particularidades da vivência e os desafios enfrentados por indivíduos surdos em relação aos abusos sexuais, incluindo uma reflexão sobre como a falta de acessibilidade, a invisibilidade cultural e a estigmatização podem agravar a vulnerabilidade desse grupo. Além disso, serão examinados os diferentes tipos de abuso sexual e suas implicações dentro do contexto da cultura surda.



## 2

**Abuso sexual de pessoas surdas: uma análise crítica do contexto brasileiro**

A AD é uma abordagem teórica que visa compreender o discurso em suas múltiplas formas, bem como seu processo de produção, circulação e transformação social. No contexto específico do abuso sexual de pessoas surdas, a AD apresenta relevância ao fornecer elementos para a compreensão de como os discursos e as práticas sociais influenciam a ocorrência da violência sexual contra essa comunidade.

Segundo Pecheux, o discurso é concebido como uma relação entre a língua e a ideologia, sendo responsável por determinar tanto o sujeito quanto os sentidos produzidos. Além disso, ele reflete sobre como os discursos se estabelecem, se perpetuam e, ao mesmo tempo, excluem outros discursos. (Freire, p.17, 2021).

Sendo assim o discurso pode ser utilizado como ferramenta para dominar e oprimir certos grupos sociais, incluindo as pessoas surdas, é fundamental considerar a forma como o discurso é construído em torno desse grupo minoritário e como isso afeta o tratamento dado a elas em situações de abuso sexual.

Adicionalmente, a AD ressalta a importância das condições sócio-históricas de produção do discurso. No discurso, o sujeito, embora tenha uma língua que permite dizer qualquer coisa, não o diz, porque é contingenciado por fatores jurídicos, éticos e morais que impõem limites ao que pode ser enunciado. Assim, a liberdade de expressão é sempre condicionada pelo contexto em que o discurso ocorre (Freire, p.15, 2021).

Dessa forma o discurso sobre o abuso sexual de pessoas surdas não pode ser compreendido de maneira isolada, mas deve ser contextualizado dentro de um quadro mais amplo que envolve relações de poder e desigualdades sociais.

Portanto, a AD desempenha um papel relevante para a compreensão do abuso sexual de pessoas surdas, ao destacar como o discurso é empregado para perpetuar a violência contra essa comunidade e como as práticas sociais podem ser transformadas a fim de assegurar a segurança e o bem-estar das pessoas surdas.

Essa análise sobre os discursos sobre o abuso sexual de pessoas surdas utilizando os dispositivos analíticos de Pecheux, pode elucidar questões

significativas ao abordar a interseção entre discursos normativos e as experiências específicas desta comunidade. A AD de Pecheux, com sua ênfase na construção discursiva de subjetividades e na influência das relações de poder sobre a produção e interpretação do discurso, pode lançar luz sobre como as narrativas dominantes e as práticas sociais moldam a compreensão e a resposta ao abuso sexual de pessoas surdas.

A análise pode revelar como essas narrativas influenciam a percepção pública e institucional do abuso sexual contra surdos, bem como identificar deficiências na formação de políticas e práticas de proteção que não detectam as necessidades únicas dessa comunidade.

Além disso, ao explorar as relações de poder presentes nos discursos e práticas, a pesquisa pode oferecer uma crítica construtiva que desafia e reconfigura as estruturas discursivas existentes, promovendo um maior reconhecimento e uma abordagem mais equitativa no enfrentamento do abuso sexual das pessoas surdas.

A maioria dos estudos sobre abuso sexual pode não levar em conta as especificidades comunicativas e culturais das pessoas surdas, muitas vezes refletindo um discurso hegemônico que não permite especificamente a diversidade das experiências e desafios enfrentados por esse grupo. Portanto, esta pesquisa pode oferecer uma contribuição valiosa, dada a escassez de estudos que abordam a singularidade da cultura surda e sua representação nos discursos sobre abuso sexual.

Mediante essa análise, a AD oferecerá subsídios para o enfrentamento dessa problemática e para a construção de abordagens mais inclusivas e respeitosas para com a comunidade surda em questões relacionadas ao abuso sexual.

## **2.1. Cultura Surda**

A cultura surda é uma comunidade linguística e cultural distintiva, que possui uma língua própria, conhecida como língua de sinais, além de compartilhar valores e tradições peculiares. Ela transcende a mera questão da deficiência auditiva, constituindo-se como um grupo social coeso com sua própria história, literatura e arte (Lane, 1992, p. 27).

Contudo, frequentemente, a cultura surda é mal compreendida ou negligenciada pela sociedade em geral, o que pode resultar em preconceitos e discriminação contra pessoas surdas. Profissionais que lidam com essa comunidade, por vezes, ignoram ou invisibilizam sua cultura, o que pode gerar barreiras na comunicação e na prestação adequada de serviços.

Como observam Marschark e Spencer (2011), "a cultura surda é uma cultura visual, uma cultura de língua de sinais e uma cultura de identidade, que é independente da deficiência auditiva".

A língua de sinais desempenha um papel central na cultura surda e não é uma mera forma simplificada do idioma oral. Ao contrário, é uma língua natural e completa, com sua própria gramática e vocabulário. Por meio da língua de sinais, as pessoas surdas conseguem se comunicar de maneira eficaz, expressando suas ideias, pensamentos e emoções.

Como afirmam Sutton-Spence e Woll (1999), "a língua de sinais é um meio pelo qual as pessoas surdas se comunicam e se conectam com outras pessoas surdas. A língua de sinais não é apenas uma forma de comunicação, mas também uma parte importante da identidade surda".

A cultura surda possui suas próprias tradições, valores e formas de arte. Por exemplo, a poesia em língua de sinais é uma arte altamente valorizada na cultura surda. Essa forma de expressão criativa possibilita que as pessoas surdas se comuniquem e se conectem com outras, permitindo que compartilhem suas experiências.

Como ressalta Humphries (2005), "a poesia em língua de sinais é uma forma de arte que permite que as pessoas surdas expressem sua criatividade e compartilhem suas vivências com outras pessoas surdas".

A cultura surda também abraça valores e tradições únicas relacionadas à educação e à comunidade. Na cultura surda, a educação é vista como um direito e responsabilidade da comunidade, e não apenas do indivíduo.

A comunidade surda é considerada uma fonte de apoio e orientação, incentivando as pessoas surdas a se engajarem em atividades comunitárias e a se tornarem líderes no âmbito da comunidade. Conforme afirma Ladd (2003), "a educação na cultura surda baseia-se em princípios diferentes da educação ouvinte.

A educação na cultura surda valoriza a língua de sinais e a comunicação visual, sendo vista como um meio de empoderamento e inclusão na comunidade surda".

Portanto, a cultura surda é um elemento essencial para a compreensão da experiência das pessoas surdas e de como elas se relacionam com o mundo. Essa cultura possui suas próprias tradições, valores, línguas e formas de comunicação, as quais devem ser valorizadas e respeitadas. Como destacam Bauman e Murray (2010), "a cultura surda é uma parte crucial da diversidade humana e deve ser reconhecida como tal".

Além disso, é fundamental enfatizar que a cultura surda é uma cultura minoritária, com suas próprias tradições, normas e valores. Os surdos compartilham uma história e experiências comuns, incluindo a opressão e discriminação que enfrentaram ao longo do tempo.

Como resultado, a cultura surda é um elemento essencial da identidade das pessoas surdas, que merece ser respeitada e valorizada. Conforme afirmam Padden e Humphries (2005), "a cultura surda é rica e diversa, possui sua própria língua, história, literatura e tradições culturais".

No entanto, frequentemente, essa cultura é desrespeitada e ignorada, especialmente no contexto do abuso sexual de pessoas surdas. Como apontado por Steinberg e Russo (2009), "às vítimas surdas são frequentemente tratadas como se não possuíssem cultura ou identidade, ou como se a cultura surda não tivesse importância". Isso pode resultar em uma falta de compreensão e respeito pelos valores culturais das pessoas surdas, assim como em uma escassez de apoio adequado às vítimas de abuso sexual.

É imprescindível lembrar que o abuso sexual de pessoas surdas não é um problema isolado, mas sim enraizado em questões mais amplas de opressão e discriminação.

Conforme enfatiza Lane (1992), "a opressão dos surdos é mais do que a simples incapacidade de ouvir; trata-se da opressão da diferença e da cultura surda". Portanto, qualquer análise do abuso sexual de pessoas surdas deve considerar o papel da opressão e da discriminação na perpetuação desse problema.

O respeito à cultura surda e a compreensão de suas implicações sociais e psicológicas são fundamentais para uma abordagem efetiva e sensível a essa questão delicada.

A cultura surda é uma manifestação cultural rica e diversa que engloba diversos aspectos, e um dos pilares mais fundamentais e significativos é o conceito de "família". Na cultura surda, a família ocupa um lugar central, desempenhando um papel essencial na formação da identidade surda, na transmissão da língua de sinais e no apoio emocional e social dos indivíduos surdos (Alves, 2015).

A família na cultura surda pode ser composta por membros surdos e ouvintes, e sua dinâmica é moldada pelo uso e valorização da língua de sinais como meio principal de comunicação. É nesse contexto que ocorre uma comunicação autêntica e completa, permitindo que os membros surdos se expressem plenamente e se conectem com sua comunidade cultural (Ribeiro, 2019).

Desde o nascimento, a criança surda é envolvida em uma teia de conexões familiares que constituem seu mundo e identidade. A língua de sinais é um elo inquebrável nessa construção identitária, e é por meio dela que os laços familiares são fortalecidos e transmitidos de geração em geração. Os membros da família, sejam eles surdos ou ouvintes, aprendem a língua de sinais para se comunicarem de forma efetiva e nutrir as relações afetivas (Ribeiro, 2019).

A família desempenha um papel vital na educação e no desenvolvimento da criança surda. Quando há apoio e valorização da língua de sinais dentro do ambiente familiar, a criança adquire uma base sólida para sua comunicação e aprendizado. Isso resulta em uma autoestima positiva, um sentimento de pertencimento à cultura surda e preparação para enfrentar os desafios sociais e educacionais que possam surgir ao longo de sua jornada (Silva, 2021).

Além disso, a família proporciona uma sensação de acolhimento e compreensão em um mundo predominantemente ouvinte. O compartilhamento de experiências culturais e linguísticas cria uma comunidade sólida e coesa, na qual a identidade surda é valorizada e respeitada (Machado, 2021).

A família desempenha o papel de guardiã da cultura, transmitindo tradições, histórias e valores que são fundamentais para a preservação da identidade surda. A valorização e o respeito pela cultura surda dentro do âmbito familiar são essenciais para o florescimento e a continuidade dessa rica manifestação cultural.

No entanto, é importante destacar que nem todas as famílias de pessoas surdas são fluentes em língua de sinais ou têm conhecimento sobre a cultura surda. Nesses casos, podem surgir desafios relacionados à comunicação e ao

desenvolvimento da identidade surda da criança. Por isso, é fundamental promover a conscientização e o acesso a recursos que auxiliem essas famílias a se conectarem com a cultura surda e a compreenderem a importância da língua de sinais em suas vidas (Silva, 2021).

No decorrer da história da humanidade, a cultura surda enfrentou muitos obstáculos, como a opressão de políticas oralistas e a discriminação social. No entanto, a resistência e a perseverança da comunidade surda em valorizar suas identidades e lutar por seus direitos têm sido inspiradoras (Machado, 2021).

A família, como um artefato cultural central, tem desempenhado um papel crucial nessa resiliência, fortalecendo os laços entre gerações e promovendo o empoderamento da comunidade surda.

A família desempenha um papel de grande importância na proteção e bem-estar emocional da pessoa surda, sendo um fator determinante em seu desenvolvimento social e crescimento global. Desde o momento do diagnóstico da surdez, o apoio e compreensão da família são fundamentais para que a pessoa surda se sinta valorizada, respeitada e amada.

A proteção que a família oferece à pessoa surda começa desde o diagnóstico, quando o suporte emocional e informacional fornecido pelos pais é crucial para enfrentar os desafios que surgem com a surdez. Quando a família está aberta ao aprendizado sobre a cultura surda, a língua de sinais e as tecnologias assistivas disponíveis, eles se tornam importantes aliados na jornada da pessoa surda (Oliveira, 2015).

Além disso, a família desempenha um papel vital na educação da pessoa surda, buscando ambientes inclusivos e adequados para garantir que ela alcance todo o seu potencial acadêmico. A família também pode ser uma aliada na defesa pelos direitos da pessoa surda no sistema educacional, garantindo que ela receba os recursos necessários e seja tratada com equidade (Alves, 2015).

A proteção oferecida pela família também inclui a promoção da saúde e bem-estar da pessoa surda, garantindo acesso a serviços médicos adequados e oferecendo suporte emocional para enfrentar possíveis desafios psicossociais e situações de preconceito e discriminação (Oliveira, 2015).

O convívio familiar é uma fonte crucial de comunicação e interação social para as pessoas surdas. A língua de sinais utilizada pela família cria um ambiente

acolhedor e inclusivo, permitindo que a pessoa surda se expresse plenamente e se sinta parte integrante das dinâmicas familiares. A comunicação efetiva e genuína é fundamental para fortalecer os laços familiares e promover um ambiente de compreensão mútua e respeito.

Além disso, a família desempenha um papel fundamental como a primeira linha de defesa contra a discriminação e a exclusão social que a pessoa surda pode enfrentar na sociedade. Ao educar seus membros sobre a surdez e a importância da inclusão, a família pode ser um agente ativo na promoção de uma cultura de respeito e igualdade (Silva, 2021).

A cultura surda é uma parte essencial da identidade das pessoas surdas e merece ser valorizada e respeitada. No contexto do abuso sexual de pessoas surdas, é de suma importância reconhecer as barreiras culturais que as vítimas surdas enfrentam e trabalhar para fornecer um apoio adequado e sensível às suas necessidades culturais.

Como destacado por Reichle et al. (2014), "é fundamental que os profissionais que trabalham com pessoas surdas compreendam a cultura surda e a importância de oferecer serviços culturalmente sensíveis e linguisticamente acessíveis". Somente através desse reconhecimento e respeito à cultura surda é que podemos esperar avançar na prevenção e no tratamento do abuso sexual de pessoas surdas.

## **2.2. Língua brasileira de sinais (Libras)**

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é a língua natural utilizada pelas pessoas surdas no Brasil e foi oficialmente reconhecida pela Lei 10.436/2002 como um meio legal de comunicação e expressão. A Libras é uma língua visual-espacial que emprega gestos, expressões faciais e corporais para transmitir significados. Possui estruturas gramaticais próprias e variações regionais, sendo indispensável para a comunicação e integração das pessoas surdas na sociedade (Brasil, 2002, p. 1).

A Libras é uma língua completa e autônoma, evoluindo continuamente para atender às necessidades comunicativas da comunidade surda. Por meio dela, as pessoas surdas podem se expressar, compartilhar informações e estabelecer

relações sociais e culturais, promovendo a inclusão social e valorizando a diversidade.

Contudo, é comum que a Libras não seja devidamente compreendida e utilizada pelos profissionais que lidam com pessoas surdas, resultando em barreiras na comunicação e no acesso a informações e serviços de apoio. Conforme afirmado por Lima (2019), a falta de conhecimento acerca da Libras e das particularidades da cultura surda pode levar à discriminação e ao isolamento social das pessoas surdas, dificultando, inclusive, a prevenção e o tratamento do abuso sexual.

Portanto, é imperativo que os profissionais que trabalham com pessoas surdas, incluindo os da área de saúde, educação e justiça, sejam devidamente capacitados em Libras e cultura surda.

De acordo com Quadros e Karnopp (2004), a formação de profissionais bilíngues e biculturais, que compreendam a complexidade da Libras e da cultura surda, é essencial para garantir o acesso adequado aos serviços de apoio e para promover a inclusão e o respeito à diversidade.

Além disso, é fundamental promover e desenvolver a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e outros recursos de comunicação acessíveis como medidas essenciais na prevenção e tratamento do abuso sexual contra pessoas surdas.

Conforme apontado por Lacerda (2006), a falta de acesso à informação e aos serviços de apoio, bem como a carência de habilidades em comunicação, podem aumentar a vulnerabilidade das pessoas surdas ao abuso sexual. O uso da Libras e de outros recursos de comunicação acessíveis pode contribuir para a prevenção do abuso sexual, além de facilitar o acesso ao suporte e tratamento após o ocorrido.

A Libras desempenha um papel fundamental na comunicação e integração das pessoas surdas na sociedade brasileira. A falta de conhecimento sobre a Libras e a cultura surda pode gerar barreiras na comunicação e dificultar o acesso aos serviços de apoio, o que consequentemente pode agravar a vulnerabilidade das pessoas surdas ao abuso sexual. Dessa forma, a promoção e o desenvolvimento da Libras e de outros recursos de comunicação acessíveis são de suma importância para a prevenção e tratamento do abuso sexual envolvendo a comunidade surda.

### **2.3. A sexualidade de surdos e de outras Pessoas com Deficiências (PcDs)**



Além disso, é de extrema importância promover e aprimorar a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e outros recursos de comunicação acessíveis como medidas fundamentais para a prevenção e tratamento do abuso sexual contra pessoas surdas.

Conforme apontado por Lacerda (2006), a falta de acesso à informação e aos serviços de apoio, bem como a limitação nas habilidades de comunicação, podem tornar as pessoas surdas mais vulneráveis ao abuso sexual. A utilização da Libras e de outros recursos de comunicação acessíveis pode contribuir para prevenir o abuso sexual, além de facilitar o acesso ao suporte e tratamento após a ocorrência do abuso.

A Libras desempenha um papel crucial na comunicação e integração das pessoas surdas na sociedade brasileira. A falta de conhecimento sobre a Libras e a cultura surda pode criar barreiras na comunicação e dificultar o acesso aos serviços de apoio, o que, por sua vez, pode aumentar a vulnerabilidade das pessoas surdas ao abuso sexual. Assim, a promoção e o desenvolvimento contínuo da Libras e de outros recursos de comunicação acessíveis são de suma importância para a prevenção e tratamento do abuso sexual envolvendo a comunidade surda.

A sexualidade das pessoas com deficiência é frequentemente mal compreendida pelos profissionais de saúde e provedores de serviços. Como observa Sullivan (2017, p. 104), muitas vezes há falhas em considerar as questões relacionadas à sexualidade, e é comum presumir que as pessoas com deficiência não são sexualmente ativas. Esse equívoco pode resultar em um acesso insuficiente a informações e serviços de saúde sexual e reprodutiva, aumentando assim o risco de abuso sexual e outras formas de violência sexual.

Diante desses desafios, é de extrema importância reconhecer e valorizar a intimidade das pessoas surdas. Isso envolve garantir que elas tenham acesso a informações precisas e culturalmente adequadas, permitindo que explorem essa dimensão de suas vidas de forma segura e saudável. Além disso, é necessário combater estereótipos e preconceitos relacionados à vida íntima das pessoas surdas, além de fornecer treinamento adequado aos profissionais de saúde e prestadores de serviços, a fim de oferecer serviços de saúde sexual e reprodutiva de qualidade para essa população.

Em suma, reconhecer e valorizar a sexualidade das pessoas surdas é um aspecto crucial de sua identidade que deve ser respeitado e apoiado. Superar barreiras na comunicação e no acesso a informações essenciais é essencial para garantir que tenham acesso a serviços de saúde adequados. Ao fazermos isso, poderemos contribuir para a segurança e o bem-estar das pessoas surdas e combater a violência. Além disso, oferecer educação adequada e informações acessíveis pode ajudar a reduzir a vulnerabilidade das pessoas com deficiência a abusos.

O estudo de McConkey e Ryan (2013) destaca como a falta de informações pode levar a comportamentos de risco e tornar as pessoas com deficiência mais suscetíveis a abusos. Portanto, é crucial garantir que a sexualidade das pessoas surdas seja compreendida, valorizada e protegida, promovendo assim sua saúde e bem-estar integral.

Outro fator de extrema importância a ser considerado é a influência das atitudes sociais e culturais em relação à sexualidade das pessoas com deficiência. Muitas vezes, essas atitudes são enraizadas em estereótipos e preconceitos, o que resulta em uma falta de reconhecimento das necessidades e desejos sexuais das pessoas com deficiência (Bates et al., 2016). Esse cenário contribui para a marginalização das pessoas com deficiência em termos de sua sexualidade, tornando-as mais vulneráveis ao abuso sexual.

No caso específico das pessoas surdas, a falta de acesso à informação sobre sexualidade e a ausência de reconhecimento de sua identidade sexual são questões de relevância. Conforme apontado por Kammoun e Turki (2019), a vida íntima das pessoas surdas muitas vezes é desconsiderada ou ignorada, o que pode levar a problemas de identidade sexual e à falta de informações e orientações sobre questões sexuais.

É imprescindível reconhecer que a sexualidade é uma parte natural e essencial da vida das pessoas surdas e que elas têm o direito de expressar-se de maneira segura e consensual. Para garantir esse direito, é fundamental tornar as informações sobre sexualidade acessíveis e transformar as atitudes sociais e culturais em relação a essa dimensão da vida das pessoas surdas.

No contexto do abuso sexual, é importante reconhecer que as pessoas com deficiência, incluindo as pessoas surdas, podem enfrentar desafios adicionais para

denunciar e obter ajuda. Isso pode incluir barreiras de comunicação, a falta de compreensão dos profissionais sobre as questões específicas que as pessoas com deficiência enfrentam e a ausência de recursos adequados para apoiar as vítimas com deficiência (UN Women, 2018).

É essencial abordar esses obstáculos para garantir que todas as vítimas, independentemente de sua deficiência, tenham acesso ao suporte necessário e sejam tratadas com dignidade e respeito ao lidar com questões relacionadas ao abuso sexual.

Ao realizar uma análise da literatura sobre violência doméstica contra mulheres surdas, deparei-me com informações alarmantes que corroboram com a afirmação impactante feita por McQuiller Williams e Porter (2010) no blog "Descobrimos um Mundo Novo". De acordo com o estudo citado, mulheres surdas têm 1,5 vezes mais chances de serem vítimas de assédio sexual, agressão sexual, abuso psicológico e abuso físico em comparação com mulheres ouvintes. Esses dados demonstram que as mulheres surdas estão significativamente mais suscetíveis e sofrem mais agressões do que suas contrapartes ouvintes.

Em um estudo conduzido por Krause (2017) com 360 estudantes surdos, foram reveladas informações alarmantes sobre a prevalência de violência sexual contra mulheres surdas. Os resultados mostraram que 48% dos entrevistados relataram terem experimentado carícias indesejadas, beijos, toques ou esfregões em suas áreas íntimas, enquanto 28% tiveram suas roupas retiradas sem consentimento.

Além disso, diversos relatos de atos sexuais não consensuais foram apresentados, incluindo sexo oral (22%), relação sexual vaginal (19,5%) e anal (13%). Adicionalmente, foram relatadas tentativas de atos sexuais sem consentimento, como sexo oral (27%), relação sexual vaginal (18%) e sexo anal (14%). De forma alarmante, 20% das participantes admitiram já terem sido estupradas.

Outro dado impactante obtido na mesma revisão bibliográfica foi o fato de que 61% das estudantes universitárias surdas do sexo feminino relataram terem sido vítimas de coerção sexual por parte de seus parceiros no ano anterior, em comparação com 27,8% das estudantes ouvintes do sexo feminino (Sabina & Straus, 2008).

Essas informações destacam a extrema vulnerabilidade das mulheres surdas em relação à violência sexual e evidenciam a necessidade urgente de conscientização, medidas preventivas e apoio adequado para combater esse grave problema. O acesso a serviços de apoio e suporte culturalmente sensíveis e linguisticamente acessíveis é fundamental para garantir a segurança e bem-estar das mulheres surdas e para combater a violência que enfrentam.

Esses dados ressaltam a gravidade do problema da violência doméstica contra mulheres surdas e destacam a necessidade urgente de abordar essa questão de maneira mais efetiva. É imprescindível criar políticas e programas de prevenção e conscientização que sejam culturalmente sensíveis e acessíveis à comunidade surda, além de fornecer suporte e proteção às vítimas.

A educação sobre consentimento, direitos humanos e relacionamentos saudáveis deve ser amplamente disseminada na comunidade surda para combater a violência e garantir a segurança e o bem-estar das mulheres surdas.

Além disso, é essencial promover a colaboração entre organizações surdas, autoridades, profissionais de saúde e educadores para criar um ambiente seguro e inclusivo para as mulheres surdas e para toda a comunidade surda como um todo. Somente através de uma abordagem coletiva e sensível às necessidades culturais da comunidade surda é possível garantir a proteção adequada contra a violência sexual.

Portanto, a compreensão da sexualidade das pessoas com deficiência, incluindo as pessoas surdas, é crucial para o desenvolvimento de políticas e práticas mais inclusivas e para a prevenção do abuso sexual.

A garantia do acesso à informação, educação e serviços adequados é fundamental para garantir que as pessoas com deficiência possam desfrutar de sua vida privada com segurança e respeito.

É um compromisso coletivo garantir que as mulheres surdas tenham seus direitos protegidos e que a sociedade seja mais inclusiva e consciente das questões enfrentadas pela comunidade surda.

## **2.4. O abuso sexual**

O abuso sexual é uma forma de violência que afeta milhares de pessoas em todo o mundo. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), ele engloba

diversos atos indesejados, como tentativas de obter atos sexuais, comentários ou insinuações sexuais não solicitadas, ou tráfico sexual, tudo isso usando a coerção. Essa forma de abuso pode resultar em consequências físicas, emocionais e sociais graves para as vítimas.

Autores como Finkelhor (1984) destacam que o abuso sexual é um evento traumático que pode impactar profundamente a vida da vítima. Esse trauma pode afetar sua autoestima, segurança e levar a problemas emocionais e comportamentais de longo prazo. Além disso, as vítimas podem encontrar dificuldades para confiar em outras pessoas e estabelecer relacionamentos saudáveis.

No contexto das pessoas com deficiência, incluindo as pessoas surdas, a violência sexual pode ser ainda mais devastadora. Infelizmente, pessoas com deficiência são frequentemente alvos desse tipo de violação (Sobsey; Doe, 1991). Isso ocorre, em parte, devido às barreiras na comunicação e na obtenção de informações sobre o assunto, tornando mais difícil para as pessoas com deficiência reconhecerem e denunciarem tais violências.

Sobsey e Doe (1991) apontam que a vulnerabilidade das pessoas com deficiência à violência sexual muitas vezes está ligada à sua dependência de outros indivíduos para cuidados diários. Essa dependência pode tornar as pessoas com deficiência mais suscetíveis a serem coagidas por cuidadores, familiares ou outros indivíduos que têm acesso a elas.

Para as pessoas surdas, a barreira linguística é um fator significativo que pode contribuir para sua vulnerabilidade. Como a língua de sinais é a língua natural das pessoas surdas, elas podem ter dificuldades para entender e comunicar sobre o abuso com pessoas que não conhecem a língua de sinais (Ladd, 2003).

Além disso, essa violência pode afetar de forma particularmente grave a identidade e a autoestima das pessoas surdas. Como destaca Marschark (2007), "a identidade surda muitas vezes é construída em torno da cultura e da comunidade surda, e o abuso sexual pode afetar profundamente essa identidade."

Conforme Bento (2005) observa, as pessoas surdas frequentemente possuem conhecimento limitado sobre sexualidade, permeado por mitos e crenças arraigadas em seus discursos. Além disso, a informação sobre essa temática é insuficiente, o que ressalta a importância de ações e intervenções educativas

efetivas. O objetivo dessas ações seria garantir que a pessoa surda possa tomar decisões responsáveis e bem informadas em relação à sua saúde sexual e reprodutiva.

Job (2004) apontou alguns aspectos que podem influenciar a falta de conhecimento dos surdos sobre sexualidade, incluindo a limitada disponibilidade de oportunidades para adquirirem informações, a resistência dos familiares em abordar a educação sexual e a falta de conhecimento dos colegas sobre a temática, além da propagação de informações equivocadas sobre o assunto.

Diante dessas constatações, fica evidente a necessidade de desenvolver estratégias educacionais mais inclusivas e acessíveis à comunidade surda. Elas devem abranger a utilização de recursos visuais, como a língua de sinais, bem como materiais pedagógicos adaptados para atender às especificidades comunicacionais dos surdos.

É imprescindível que os familiares, educadores e profissionais da saúde estejam engajados na promoção de uma educação sexual adequada e sensível à realidade dos surdos. Essa abordagem deve ser pautada no respeito à identidade cultural e linguística da comunidade surda, fornecendo informações claras, precisas e não estigmatizadas sobre sexualidade e saúde reprodutiva.

Diante desses desafios, é crucial entender as experiências das pessoas surdas em relação a todos os tipos de abusos e garantir que elas tenham acesso adequado aos serviços de apoio disponíveis. Como destacam Powell e Berman (2001), é necessário desenvolver políticas e programas que sejam sensíveis às necessidades das pessoas com deficiência, incluindo as pessoas surdas, e que possam ajudá-las a reconhecer e relatar os abusos e a receber o apoio necessário após o ocorrido.

Infelizmente, a comunidade surda enfrenta desafios adicionais devido à falta de compreensão, barreiras linguísticas e isolamento social, o que as torna mais vulneráveis a diferentes formas de abuso. É fundamental combater essas dificuldades e garantir que a comunidade surda tenha acesso a informações, recursos e apoio adequados para proteger seus direitos e bem-estar.

- **Abuso Psicológico**

O abuso psicológico é uma forma de violência emocional que pode afetar as pessoas surdas, deixando cicatrizes na mente e no coração. A surdez já apresenta desafios únicos para a comunicação e a interação social, tornando essa violação ainda mais avassaladora e traumática para a comunidade surda. (Yu et al., 2017).

A língua de sinais é o principal meio de comunicação para muitas pessoas surdas, e sua capacidade de se expressar e ser compreendido é essencial para o bem-estar emocional. Quando essa capacidade é comprometida por meio do abuso psicológico, a pessoa surda pode sentir-se isolada e incapaz de se comunicar efetivamente com os outros, o que pode levar a consequências negativas para sua saúde mental e emocional. (Guimarães, 2020).

O abuso psicológico pode minar a autoestima e a autoconfiança da pessoa surda, levando-a a sentir-se indigna, incompetente e insegura em suas habilidades. A humilhação e a intimidação constantes podem desenvolver sentimentos de vergonha e culpa, perpetuando um ciclo de abuso e vulnerabilidade. O isolamento social é uma tática comum de abuso psicológico que afeta as pessoas surdas, dificultando seu acesso a outros surdos e a serviços de apoio. (Krause, 2017).

O controle excessivo sobre a comunicação e autonomia da pessoa surda pode levar à perda de identidade e à sensação de estar sob constante vigilância, prejudicando o desenvolvimento de relacionamentos saudáveis e o engajamento em atividades sociais e culturais. (Anderson, 2011).

Para combater o abuso psicológico em pessoas surdas, é essencial aumentar a conscientização sobre essa questão na comunidade surda e na sociedade em geral. Capacitar as pessoas surdas com ferramentas de comunicação e habilidades para buscar ajuda de forma efetiva é crucial. As instituições devem ser treinadas para reconhecer os sinais e serem sensíveis às necessidades específicas das pessoas surdas. (Yu et al., 2017).

A sociedade deve trabalhar em conjunto para eliminar o abuso psicológico e proteger o bem-estar emocional e mental das pessoas surdas. A conscientização, educação e apoio são fundamentais para construir uma sociedade mais justa, inclusiva e segura para todos, independentemente de suas habilidades linguísticas ou identidades culturais.

- **Abuso Patrimonial**

O abuso patrimonial é uma forma sutil e devastadora de violência financeira que afeta especialmente as pessoas surdas, comprometendo sua segurança financeira e independência. Essa forma de violência envolve a exploração econômica e o controle indevido dos recursos financeiros de uma pessoa, tornando as pessoas surdas alvos fáceis para abusadores que se aproveitam de sua vulnerabilidade. (Junior et al., 2018).

A língua de sinais é a principal forma de comunicação para muitas pessoas surdas, e a compreensão de assuntos financeiros complexos por meio da língua escrita pode ser um desafio. Essa barreira linguística pode torná-las mais suscetíveis ao abuso patrimonial, onde abusadores exploram sua vulnerabilidade para controlar suas finanças, roubar seus bens ou manipular suas contas bancárias. (Della, 2021).

O abuso patrimonial pode se manifestar de várias maneiras, como apropriação indevida de recursos financeiros, forçando a pessoa surda a assinar documentos financeiros sem compreensão completa do conteúdo, ou até mesmo negando o acesso a informações financeiras importantes. Abusadores podem se passar por "cuidadores" ou "tutores" que supostamente têm o melhor interesse da pessoa surda em mente, mas estão, na verdade, explorando sua vulnerabilidade para obter benefícios financeiros. (Junior et al., 2018).

Pessoas surdas que dependem de outras pessoas para a comunicação ou têm dificuldades de acesso à informação financeira podem ter dificuldades em identificar sinais de abuso patrimonial. Isso pode resultar em um ciclo contínuo de abuso, onde o abusador continua a explorar a pessoa surda, muitas vezes de maneira oculta e sorrateira. (Anderson, 2011).

É essencial aumentar a conscientização sobre o abuso patrimonial na comunidade surda e promover a educação financeira acessível para que as pessoas surdas possam tomar decisões informadas e reconhecer possíveis situações de abuso. Profissionais de serviços sociais, cuidadores, familiares e amigos também desempenham um papel importante na prevenção e identificação dessa violência, estando atentos aos sinais de abuso financeiro e sendo aliados na proteção e bem-estar das pessoas surdas. (Stang, 2016).

Legislações e políticas que visam proteger as pessoas surdas contra o abuso patrimonial também são essenciais. É importante que as leis incluam



medidas específicas para combater a violência financeira contra pessoas surdas e garantir que os abusadores sejam responsabilizados por suas ações. (Stang, 2016).

Em última análise, é necessário um esforço colaborativo da sociedade como um todo para proteger as pessoas surdas contra esse tipo de violência. A conscientização, a educação e o apoio são fundamentais para construir uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todos possam viver com dignidade e respeito, independentemente de suas habilidades linguísticas ou identidades culturais. O combate ao abuso patrimonial contra pessoas surdas é uma responsabilidade de todos nós, e juntos podemos trabalhar para criar um ambiente seguro e acolhedor para todos.

- **Abuso Institucional**

O abuso institucional é uma forma de violência que se manifesta em ambientes organizacionais, afetando negativamente as pessoas surdas, que são frequentemente alvo de discriminação e falta de acessibilidade. Essa violência pode ocorrer em diversos contextos, como escolas, instituições de cuidados, hospitais e locais de trabalho, onde a falta de sensibilidade e conhecimento sobre a cultura surda e suas necessidades específicas contribui para a perpetuação do abuso institucional. (Correia, 2021)

Por exemplo, nas escolas, a falta de intérpretes de língua de sinais, materiais educacionais adaptados e treinamento adequado para os profissionais pode dificultar a aprendizagem e a participação plena das crianças surdas, levando ao isolamento social e ao baixo desempenho acadêmico. (Lopes, 2016).

Em instituições de cuidados e hospitais, a comunicação pode ser um desafio para as pessoas surdas, especialmente aquelas que não têm fluência na língua escrita ou acesso a intérpretes. A falta de comunicação efetiva com os profissionais de saúde pode levar a diagnósticos equivocados, tratamentos inadequados e até mesmo negligência médica, colocando em risco a saúde e o bem-estar das pessoas surdas. (Rosa, 2019).

Nos locais de trabalho, a discriminação e o preconceito podem resultar em tratamento desigual e injusto para as pessoas surdas, criando um ambiente hostil e desmotivador. A falta de acessibilidade e adaptações razoáveis também prejudica a

produtividade e a participação ativa das pessoas surdas no ambiente profissional. (Nogueira, 2020).

Para combater o abuso institucional contra pessoas surdas, é fundamental promover a conscientização sobre a cultura surda e suas necessidades específicas nos ambientes institucionais. Isso inclui capacitar os profissionais para uma comunicação efetiva com as pessoas surdas, disponibilizar recursos de acessibilidade, como intérpretes de língua de sinais e materiais adaptados, e criar políticas que garantam a inclusão e o respeito aos direitos das pessoas surdas.

A participação ativa da comunidade surda na tomada de decisões e definição de políticas institucionais é crucial, garantindo que suas vozes sejam ouvidas e suas necessidades atendidas. A colaboração entre organizações surdas, profissionais e autoridades é essencial para criar ambientes institucionais mais inclusivos, sensíveis e respeitosos, onde a violência e os abusos não tenham lugar.

É imperativo que as instituições se comprometam a promover igualdade de oportunidades para as pessoas surdas e eliminar qualquer prática discriminatória ou abusiva.

A conscientização é um passo fundamental para construir uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todos possam viver com dignidade, respeito e segurança, independentemente de suas habilidades linguísticas ou identidades culturais.

A luta é uma responsabilidade coletiva e exige ação e comprometimento de todos para garantir que a comunidade surda seja tratada com justiça e igualdade em todos os aspectos da vida.

- **Abuso de Poder e Autoridade**

O abuso de poder e autoridade contra pessoas surdas é uma preocupante forma de violência que ocorre quando figuras de autoridade, como policiais, educadores, profissionais de saúde ou outros prestadores de serviços, utilizam sua posição de poder para prejudicar ou explorar as pessoas surdas. Infelizmente, a barreira linguística é um fator chave que pode dificultar a comunicação adequada e tornar as pessoas surdas mais vulneráveis ao abuso.

No contexto policial, a falta de conhecimento sobre a língua de sinais e a cultura surda pode levar a mal-entendidos e tratamento injusto. Algumas pessoas

surdas podem ser detidas ou interrogadas sem o devido apoio de um intérprete de língua de sinais, resultando em violações de seus direitos e dignidade. (Pires, 2014).

Educadores e profissionais de saúde também podem exercer poder sobre as pessoas surdas em suas respectivas áreas de atuação. A falta de comunicação efetiva pode resultar em falta de acesso a informações importantes, decisões sendo tomadas sem o consentimento da pessoa surda e até mesmo diagnósticos errôneos ou tratamentos inadequados. Isso pode levar a consequências negativas para a saúde física e mental da pessoa surda, além de prejudicar seu desenvolvimento acadêmico e social. (Pedrosa, 2019).

Outros prestadores de serviços, como assistentes sociais e funcionários de instituições de cuidados, também podem abusar de seu poder e autoridade em relação a pessoas surdas. A falta de intérpretes ou recursos de acessibilidade nessas instituições pode levar a negligência ou maus-tratos, colocando em risco a segurança e o bem-estar das pessoas surdas.

Além disso, o estigma e preconceito que muitas vezes cercam as pessoas surdas podem contribuir para o abuso de poder e autoridade. As atitudes discriminatórias podem fazer com que figuras de autoridade vejam as pessoas surdas como menos capazes ou menos merecedoras de respeito e dignidade, o que pode levar a tratamentos injustos e abusivos.

Para combater esse tipo de violência, é fundamental promover a conscientização sobre a cultura surda e a importância da comunicação efetiva em todos os setores da sociedade. Profissionais e autoridades devem receber treinamento adequado para lidar com a comunidade surda, garantindo que suas necessidades sejam atendidas e seus direitos respeitados. O acesso a intérpretes de língua de sinais e recursos de acessibilidade deve ser assegurado em todos os ambientes para garantir que as pessoas surdas possam se comunicar e ser compreendidas em igualdade de condições.

Somente por meio de esforços colaborativos e inclusivos é que podemos criar um ambiente onde todas as pessoas, independentemente de suas habilidades linguísticas ou identidades culturais, sejam tratadas com dignidade, respeito e igualdade, livre de qualquer forma de abuso de poder e autoridade.

- **Abuso Religioso ou Cultural**

O abuso religioso contra pessoas surdas é uma forma preocupante de violência que ocorre quando a surdez é erroneamente interpretada como um sinal de "pecado" ou punição divina em algumas culturas ou religiões. Essas crenças equivocadas podem levar a práticas abusivas, discriminação e negligência dos direitos e bem-estar da pessoa surda, afetando sua vida e identidade.

Em algumas comunidades religiosas, a surdez é vista como uma condição "anormal" ou "defeituosa", alimentando estigmas e preconceitos em relação às pessoas surdas. Essas atitudes discriminatórias podem levar ao abuso emocional e psicológico, onde a pessoa surda é constantemente desvalorizada, culpabilizada ou excluída por causa de sua condição.

Além disso, práticas religiosas que não levam em consideração as necessidades de comunicação das pessoas surdas podem resultar em negligência e isolamento social. Por exemplo, rituais religiosos que não oferecem recursos de acessibilidade, como intérpretes de língua de sinais, podem excluir a pessoa surda da participação plena em sua comunidade religiosa, reforçando sua exclusão e marginalização.

Em casos mais extremos, a crença na punição divina pela surdez pode levar a abusos físicos, como rituais de "cura" ou exorcismo que podem ser traumatizantes e perigosos para a pessoa surda. Essas práticas podem causar danos físicos e emocionais irreparáveis, perpetuando o ciclo de violência e abuso.

É importante destacar que tais crenças não são universais e não representam todas as comunidades religiosas. Muitas religiões e comunidades acolhem e apoiam as pessoas surdas, promovendo a inclusão e a valorização de sua identidade cultural e linguística. No entanto, é crucial abordar e combater os casos de abuso religioso que ocorrem em algumas culturas ou práticas religiosas, para garantir que as pessoas surdas sejam respeitadas, protegidas e capazes de expressar sua fé livremente.

Para combater esse tipo de violência contra as pessoas surdas, é fundamental promover a conscientização e o diálogo intercultural e inter-religioso. Isso envolve o esclarecimento sobre a surdez como uma característica natural e não uma punição divina, e a promoção de uma visão inclusiva da diversidade humana.

É necessário também incentivar as comunidades religiosas a adotarem práticas inclusivas e acessíveis, proporcionando recursos de acessibilidade para

peessoas surdas participarem plenamente das atividades religiosas. A presença de intérpretes de língua de sinais, tradução de materiais religiosos para a língua de sinais e a oferta de suporte emocional e espiritual específico para pessoas surdas são medidas importantes para garantir que suas necessidades sejam atendidas. (Souza, 2016).

Além disso, a legislação e políticas que protejam os direitos das pessoas surdas e proíbam qualquer forma de abuso religioso devem ser implementadas e aplicadas. As organizações de direitos humanos e grupos de apoio também desempenham um papel importante em denunciar casos de abuso religioso e garantir que os responsáveis sejam responsabilizados por suas ações.

Diante desses diversos tipos de abuso, é fundamental que a comunidade surda e a sociedade como um todo estejam atentas e se unam para combater a violência e proteger os direitos e bem-estar das pessoas surdas.

É importante investir em educação, conscientização e acesso a recursos para fortalecer a comunidade surda, promover a inclusão social e garantir um ambiente seguro e respeitoso para todos. A colaboração entre organizações surdas, governos e instituições é essencial para garantir que todas as pessoas surdas possam viver livres de violência e abuso, com dignidade e respeito por sua cultura e identidade surda. (Assis, 2019)

A reflexão posta até aqui desenha o cenário em que a pessoa surda se encontra. Partindo desse cenário, faremos nossas reflexões à luz da AD.

### 3

#### **A Análise do Discurso Francesa**

A AD é um campo teórico que se dedica a compreender as complexas relações entre linguagem, ideologia, poder e sociedade. Ao contrário de ver o discurso como uma mera sequência de palavras, essa abordagem considera-o como uma prática social que constrói significados e produz efeitos de sentido. Nesse sentido, o conceito de interdiscurso é fundamental, pois revela como os discursos se relacionam, evocando vozes sociais e memórias discursivas que contribuem para a produção de sentidos.

Um elemento-chave é o sujeito, que é concebido como uma construção discursiva, heterogênea e posicionada ideologicamente. O sujeito desempenha um

papel crucial na produção de sentidos e na constituição da identidade discursiva. Além disso, a AD destaca a importância das condições de produção, que englobam fatores sociais, históricos e institucionais que influenciam a linguagem.

O foco central dessa abordagem é a análise do sentido, entendendo que o sentido não é algo dado, mas sim construído no processo discursivo, sendo influenciado por formações discursivas em conflito. A AD é, portanto, um dispositivo teórico e metodológico que busca evidenciar como os discursos são utilizados para legitimar relações de poder, construir identidades sociais e influenciar as práticas sociais.

Por meio de um dispositivo analítico complexo, que inclui a descrição, a análise de formações discursivas, a identificação de dispositivos de poder e a interpretação de efeitos de sentido, essa abordagem promove uma compreensão crítica da linguagem em sua dimensão social e histórica. Em suma, a AD oferece uma perspectiva enriquecedora para evidenciar as nuances e impactos da linguagem no contexto social e político.

### **3.1. A escolha da Análise do Discurso**

A AD é uma corrente teórica que se destaca por sua abordagem crítica e interdisciplinar, buscando compreender a relação entre linguagem, ideologia, poder e sociedade. Dentre os principais autores da AD, destacam-se Eni Orlandi e Michel Pêcheux.

A AD enfatiza a importância da linguagem na construção da identidade e da subjetividade. A linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também uma forma de ação e intervenção no mundo. A AD busca compreender como os discursos são produzidos e como influenciam na construção de identidades sociais e subjetivas.

Michel Pêcheux foi um dos fundadores da AD na França. Em sua obra, ele propõe uma abordagem crítica da linguagem, destacando que ela não é apenas um instrumento de comunicação, mas também um campo de luta pelo poder. Para Pêcheux, a linguagem é inseparável das relações sociais e das formas de dominação. Ele propõe uma análise do discurso que considera não apenas o que é dito, mas também o que não é dito, o que é silenciado ou ocultado.

Eni Orlandi é a referência da AD no Brasil. Em sua obra, ela destaca a importância da linguagem na construção da realidade social e da subjetividade. Segundo Orlandi, a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também um campo de luta e disputa pelo poder. Na AD que faz, busca compreender como os discursos são produzidos e como influenciam na construção de sentidos e na relação entre linguagem e ideologia.

Em comum, esses autores da AD propõem uma análise crítica da linguagem, que considera a relação entre linguagem, ideologia, poder e sociedade. Eles destacam a importância de compreender como os discursos são produzidos e como influenciam na construção de sentidos e na relação entre linguagem e ideologia. Além disso, enfatizam a importância do contexto social e histórico na produção do discurso. Em suma, a AD contribui para uma compreensão crítica e interdisciplinar da linguagem e da sociedade.

### **3.2. A Análise do Discurso**

A abordagem da AD, proposta por Pêcheux, tem como base a compreensão dos discursos como práticas sociais que produzem e reproduzem relações ideológicas na sociedade. Pêcheux enfatiza que os discursos são construídos em um contexto histórico e social e, portanto, a análise deve considerar não apenas os aspectos linguísticos, mas também os contextos em que são produzidos e utilizados.

Um conceito central nessa abordagem é o de formação discursiva, que se refere ao conjunto de práticas discursivas que circulam em uma determinada sociedade e estão relacionadas a um campo social ou ideológico específico. A análise da formação discursiva permite compreender como os discursos são produzidos e reproduzidos em uma sociedade específica.

Outro conceito essencial é o de ideologia, que aborda as formas como as relações de poder são produzidas e reproduzidas nos discursos. Pêcheux ressalta que a ideologia não se limita a crenças individuais, mas sim às formas como essas crenças são compartilhadas e reproduzidas socialmente nos discursos.

O interdiscurso é outro conceito fundamental, referindo-se às relações entre diferentes formações discursivas que circulam em uma determinada sociedade.

Essas relações são cruciais para compreender como os discursos são produzidos e utilizados nesse contexto específico.

Na AD de Pêcheux, a heterogeneidade, o sujeito e o sentido são conceitos também essenciais. O sujeito é considerado uma construção discursiva, heterogênea e posicionada ideologicamente. O sentido não é dado, mas construído no processo discursivo, influenciado por diferentes formações discursivas em conflito.

Em suma, a AD proposta por Pêcheux se baseia na compreensão crítica dos discursos como práticas sociais que produzem e reproduzem relações de ideologia e poder. Sua abordagem leva em conta os contextos sociais e históricos, além dos aspectos linguísticos, e se fundamenta em conceitos como formação discursiva, ideologia, interdiscurso, heterogeneidade, sujeito e sentido. Essa perspectiva contribui para uma compreensão reflexiva e crítica dos discursos na sociedade.

### **3.3. A Formação Discursiva**

Conforme Orlandi (2012, p. 25), a formação discursiva é entendida como "um conjunto de condições históricas, sociais e ideológicas que possibilita a emergência de um discurso". Em outras palavras, trata-se de um conjunto de regras e normas que permitem a produção de discursos em um determinado tempo e contexto. Além disso, Orlandi (2012, p. 30) destaca que a formação discursiva é composta por "posições ideológicas que estabelecem a maneira como os sujeitos se relacionam com o mundo e com os outros". Assim, a formação discursiva não se limita apenas a aspectos linguísticos, mas também envolve elementos ideológicos que influenciam as posições assumidas pelos sujeitos na produção e interpretação dos discursos.

De acordo com Possenti (2019, p. 32), a formação discursiva é "não apenas um conjunto de práticas e instituições, mas um conjunto de relações discursivas que constituem um campo de discursividade". Essas relações discursivas são moldadas pelas condições históricas, sociais e ideológicas que permeiam as práticas discursivas em um determinado momento e contexto.

A análise da formação discursiva torna-se, portanto, um objeto de estudo privilegiado na AD, permitindo a compreensão das relações entre o discurso e a



sociedade em que ele é produzido e circula. Dessa maneira, ao analisar a formação discursiva, podemos compreender como os discursos são influenciados pelas questões históricas, sociais e ideológicas e também evidenciar as posições assumidas pelos sujeitos na produção e interpretação dos discursos.

Segundo Pêcheux (1990), a formação discursiva é um conjunto de práticas discursivas que circulam em uma determinada sociedade e estão relacionadas a um campo social ou ideológico específico. Em outras palavras, a formação discursiva permite entender como os discursos são produzidos e reproduzidos em um contexto social determinado.

Pêcheux (1990) ressalta que a formação discursiva é composta por diferentes elementos, como as condições sociais e históricas em que os discursos são produzidos e circulam, os temas e os tipos de discursos que são produzidos e a relação entre diferentes formações discursivas que circulam na sociedade. Esses elementos são interdependentes e contribuem para a construção das práticas discursivas em um determinado momento histórico e social.

É importante frisar que a formação discursiva não é estática ou imutável, mas sim dinâmica e em constante transformação. Ela está sujeita a reconfigurações que dependem das mudanças sociais e históricas (Pêcheux, 1990). Dessa forma, a análise da formação discursiva deve levar em conta as transformações e deslocamentos que ocorrem em um determinado momento histórico.

Para Pêcheux (1990), a análise da formação discursiva é essencial para a compreensão dos discursos e das relações de poder que eles reproduzem na sociedade. A formação discursiva permite entender como os discursos são produzidos e utilizados em um contexto social específico e como contribuem para a construção e manutenção de relações de poder.

### **3.4. A Ideologia**

Segundo Possenti (2019), a ideologia é um sistema de crenças presente na sociedade, responsável por reproduzir uma visão de mundo que beneficia certos grupos sociais em detrimento de outros. Orlandi (2012) também enfatiza que a ideologia permeia todos os discursos, determinando o que pode ou não ser dito e como pode ser dito.

Fairclough e Wodak (1997, p. 258) afirmam que a ideologia é uma dimensão essencial das práticas sociais, incluindo as práticas discursivas. Dessa forma, a ideologia é uma forma de poder presente em todas as esferas da sociedade, perpetuando relações de dominação e subordinação entre os grupos sociais.

Thompson (1995) destaca que a ideologia é um conjunto de ideias disseminadas na sociedade que refletem os interesses de determinados grupos sociais. Para ele, a ideologia legitima e naturaliza as relações de poder existentes na sociedade.

Althusser (2008) contribuiu para a compreensão da ideologia na Análise do Discurso, considerando-a um conjunto de representações simbólicas produzidas e difundidas na sociedade para perpetuar as relações de dominação e subordinação entre os grupos sociais.

Para Pêcheux (1988), a ideologia está presente em todos os discursos e relaciona-se diretamente com as relações de poder na sociedade. A ideologia se manifesta nos discursos através de elementos linguísticos, como escolhas lexicais e sintáticas, que refletem as posições políticas e ideológicas dos falantes. Pêcheux (1988) destaca que a ideologia não é apenas um conjunto de ideias ou crenças, mas sim um conjunto de práticas e relações sociais manifestadas nos discursos. Ela está presente em todas as esferas da vida social, como política, economia e cultura, sendo reproduzida e transformada através dos discursos que circulam na sociedade.

Segundo Pêcheux (1988), a ideologia é reproduzida por meio de processos discursivos de naturalização e ocultação. A naturalização ocorre quando as relações de poder e desigualdades sociais são apresentadas como se fossem naturais e inevitáveis, sem alternativas possíveis. A ocultação ocorre quando as contradições e lutas sociais são omitidas ou minimizadas nos discursos, criando a impressão de harmonia e paz na sociedade.

A análise da ideologia busca evidenciar esses processos discursivos de naturalização e ocultação, possibilitando uma leitura crítica dos discursos e das ideologias e relações de poder que eles perpetuam. A análise, assim, não se limita apenas aos elementos linguísticos superficiais, mas também compreende as relações sociais e políticas presentes nos discursos. Permite, assim, uma

compreensão das contradições e lutas sociais presentes nas diversas esferas da vida social.

### **3.5. Noção de Interdiscurso**

De acordo com Orlandi (2001, p. 61), o interdiscurso é o que possibilita e torna necessário o funcionamento do discurso. É o elemento que faz com que o discurso tenha sentidos possíveis. Além disso, Orlandi (2012, p. 33) enfatiza que o interdiscurso é fundamental para a constituição da identidade discursiva dos sujeitos, pois é por meio das relações entre os discursos que as posições de sujeito são definidas no discurso. O interdiscurso, portanto, permite observar a presença de um discurso em outro e as relações estabelecidas entre eles.

Segundo Possenti (2019, p. 200), o interdiscurso é composto por diferentes vozes que são uma espécie de "memória discursiva", representando o conjunto de representações compartilhadas pela comunidade sobre fatos históricos, sociais e culturais. Essa memória discursiva é acionada pelos discursos e está presente em todas as práticas discursivas, contribuindo para a construção de sentidos.

Outros autores também trazem contribuições relevantes para a compreensão do interdiscurso. Maingueneau (1997, p. 40) destaca que todo discurso se relaciona com outros discursos, dependendo deles para se construir e evocando ou silenciando sua presença. Para Charaudeau (2010, p. 37), o interdiscurso é composto por elementos reconhecidos pelo locutor como pertencentes a outras vozes sociais, permitindo ao discurso evocar a imagem de uma realidade partilhada.

O discurso não é visto como um objeto isolado, mas sim como parte de uma rede discursiva mais ampla composta por outros discursos que circulam na sociedade (Pêcheux, 2008). Essa rede discursiva é denominada interdiscurso.

Para Pêcheux (2008), o interdiscurso é formado por diferentes formações discursivas que se articulam entre si. Essas formações discursivas são compostas por discursos que apresentam coerência interna e que se relacionam com outras formações discursivas através de relações de poder e sentido. O interdiscurso é, assim, um campo discursivo dinâmico e em constante transformação.

A análise do interdiscurso visa compreender as complexas relações entre os discursos e as formações discursivas que compõem o campo discursivo. Essas

relações não são lineares nem unívocas, mas sim complexas e contraditórias. O interdiscurso é permeado por "lutas de sentido" presentes nos diferentes discursos que circulam na sociedade (Pêcheux, 2008).

Em resumo, a noção de interdiscurso permite compreender a complexidade das relações entre os discursos e as formações discursivas que integram o campo discursivo. A análise do interdiscurso possibilita uma leitura crítica dos discursos, revelando as contradições e as lutas de sentido presentes nesse campo discursivo mais amplo.

### **3.6. Condições de Produção**

A Análise do Discurso, em sua vertente francesa, considera a linguagem como um objeto social que é produzido e utilizado em determinadas condições históricas e ideológicas. Nesse sentido, as condições de produção são fundamentais para a compreensão do discurso e de seus efeitos de sentido. Tanto Mussalim quanto Orlandi destacam a importância dessas condições na análise do discurso.

Para Possenti (2005, p. 37), as condições de produção incluem “a posição social do falante e do ouvinte, as relações sociais existentes entre eles, o lugar e o momento em que se dá a enunciação, as circunstâncias históricas e sociais em que ela ocorre, o meio em que se realiza, os objetivos do enunciador, etc.”. Segundo o autor, é a partir dessas condições que o discurso adquire sentido e se torna uma prática social.

Já Orlandi (2007, p. 36) define as condições de produção como “o conjunto de fatores que interferem no processo de produção e recepção do discurso”. A autora destaca que essas condições não são apenas externas ao discurso, mas também se fazem presentes dentro dele, na forma de marcas linguísticas que revelam as relações de poder e as ideologias presentes na sociedade.

Para Fairclough (2001, p. 50), as condições de produção incluem não apenas as relações sociais entre os interlocutores, mas também as estruturas institucionais e as práticas discursivas que moldam o uso da linguagem em determinados contextos. Já Maingueneau (2008, p. 89) destaca a importância das instâncias de enunciação, ou seja, dos lugares sociais que os interlocutores ocupam e que determinam suas posições e papéis na interação comunicativa.

A AD destaca a importância das condições de produção na construção dos discursos. Segundo Pêcheux, a linguagem é um instrumento ideológico, uma vez que está inserida em um contexto social e histórico específico (Pêcheux, 1990, p. 87). Nesse sentido, as condições de produção envolvem elementos que vão além do indivíduo e do seu discurso, abrangendo aspectos como as relações de poder, as estruturas sociais e as formas de controle ideológico.

De acordo com Pêcheux, as condições de produção estão relacionadas às práticas discursivas, que são influenciadas pelos modos de produção e pelas relações sociais de produção (Pêcheux, 1988, p. 39). Isso significa que os discursos são produzidos em um contexto histórico e social específico, marcado por relações de poder e pela luta de classes. As condições de produção, portanto, afetam a forma como os discursos são construídos e recebidos pelos interlocutores.

Além disso, as condições de produção também estão relacionadas aos processos de interação e aos jogos de linguagem presentes nas práticas discursivas (Pêcheux, 1988, p. 41). Esses processos envolvem a produção e a recepção dos discursos, bem como as formas de negociação e de disputa em torno dos sentidos.

Conforme aponta Maingueneau (2008, p. 91), as condições de produção são um elemento-chave para a compreensão da relação entre os discursos e os contextos em que eles são produzidos e recebidos.

A AD destaca a importância das condições de produção na construção dos discursos, que são influenciados pelas relações de poder, pelas estruturas sociais e pelas formas de controle ideológico. Nesse sentido, a análise dos discursos deve levar em conta não apenas os aspectos formais da linguagem, mas também os contextos em que eles são produzidos e recebidos pelos interlocutores.

### **3.7. Heterogeneidade**

A heterogeneidade é um conceito fundamental na Análise do Discurso Francesa (AD), sendo abordado por diversos autores, como Eni Orlandi e Luiz Antônio Marcuschi. De acordo com Orlandi (2012, p. 85), a heterogeneidade é uma característica intrínseca ao discurso, pois “nenhum discurso é homogêneo, e sim constituído de diferentes vozes e perspectivas, heterogeneidades que devem ser consideradas para a sua análise”.

Nesse sentido, a análise deve levar em conta não apenas o que é dito, mas também o que é silenciado e as diferentes posições que podem ser identificadas no discurso.

Possenti (2019, p. 38) afirma que a heterogeneidade discursiva pode estar relacionada à “múltipla filiação ideológica” presente no discurso, ou seja, a possibilidade de uma mesma enunciação ser influenciada por diferentes discursos e ideologias.

A heterogeneidade pode ser observada tanto na dimensão textual quanto na intertextual, ou seja, no diálogo estabelecido entre diferentes discursos em uma mesma situação de produção. Além disso, a heterogeneidade pode estar relacionada à própria condição social e histórica de produção do discurso.

Para Orlandi (2012, p. 87), a heterogeneidade pode ser observada a partir da relação entre a língua e a sociedade, uma vez que “a heterogeneidade é gerada na sociedade e, portanto, é constitutiva do próprio sistema linguístico”. Isso significa que a língua é marcada por diferentes formas de poder e dominação presentes na sociedade, o que se reflete no discurso produzido.

É importante ressaltar que a heterogeneidade não é um elemento a ser eliminado ou neutralizado no discurso, mas sim uma característica intrínseca à sua produção e interpretação. Como afirma Orlandi (2012, p. 88), “a heterogeneidade é constitutiva do discurso, e não um defeito que precisa ser corrigido”. Portanto, cabe à AD identificar e considerar as diferentes vozes presentes no discurso, buscando compreender as relações de poder e ideológicas que estão em jogo em cada enunciação.

A heterogeneidade é um conceito central na teoria da enunciação proposta por Michel Pêcheux. Segundo o autor, a heterogeneidade é uma característica constitutiva da linguagem e da própria enunciação, que se manifesta na multiplicidade de vozes e discursos que coexistem em um mesmo texto (Pêcheux, 1997, p. 156).

Para Pêcheux, a heterogeneidade revela as contradições e as lutas simbólicas presentes em toda e qualquer formação discursiva. O autor enfatiza que a heterogeneidade não é apenas uma questão de variação linguística, mas sim de conflito ideológico (Pêcheux, 1997, p. 157).

De acordo com Pêcheux (2009, p. 41), a heterogeneidade se manifesta de diversas formas na enunciação. Ela pode ser observada, por exemplo, na presença de marcas de intertextualidade, como citações, alusões e paródias, que remetem a outros discursos e vozes. Além disso, a heterogeneidade também pode ser identificada na polifonia, ou seja, na presença de diferentes pontos de vista e posições ideológicas que se confrontam na enunciação.

Outros autores que se dedicam ao estudo do discurso também reconhecem a importância da heterogeneidade na análise linguística. Para Charaudeau (2006, p. 45), por exemplo, a heterogeneidade é uma característica inerente ao discurso, que se manifesta na presença de múltiplos sujeitos enunciadore e pontos de vista em um mesmo texto.

A heterogeneidade é um elemento fundamental para a construção de sentidos e para a interpretação dos discursos. A heterogeneidade se manifesta na multiplicidade de vozes e discursos que coexistem na enunciação, e é um elemento essencial para a construção de sentidos e para a interpretação dos discursos.

### **3.8. Sujeito**

O sujeito é outro conceito fundamental para a AD e tem sido abordado por diversos autores dedicados ao estudo da linguagem. Possenti (2010, p. 226) destaca que o sujeito é um dos elementos constitutivos da enunciação e desempenha um papel essencial na construção de sentidos nos discursos. Ele o concebe como um agente social que se manifesta na linguagem e é capaz de produzir efeitos de sentido em diferentes contextos discursivos. Nessa perspectiva, o sujeito não é uma entidade estática ou pré-existente, mas sim uma construção discursiva que se realiza na interação entre linguagem e sociedade.

Para Orlandi (2007, p. 58), o sujeito também é um elemento constitutivo do discurso e produz sentidos a partir de sua posição social e ideológica. Ela enfatiza que o sujeito não é homogêneo, mas sim heterogêneo, sendo constituído por diferentes posições e vozes que se manifestam no discurso.

Mainueneau (2008, p. 28) aborda o sujeito na AD e destaca sua complexidade. Para o autor, o sujeito é uma construção discursiva que se manifesta na linguagem e é constituído por diferentes posições e papéis sociais que se inter-relacionam no discurso.

Em suma, o sujeito é um conceito-chave para a AD e tem sido trabalhado por diversos autores. Ele é compreendido como um agente social que se manifesta na linguagem e é capaz de produzir sentidos em diferentes contextos discursivos. Sua construção não é estática, mas sim resultado de processos discursivos e ideológicos, refletindo a complexidade das relações entre linguagem, poder e sociedade. As abordagens de Pêcheux sobre o sujeito, como a noção de interdiscurso e formação discursiva, são fundamentais para compreender sua construção no discurso e suas relações com as formações sociais e ideológicas.

### **3.9. Sentido**

O sentido é um elemento fundamental para a análise do discurso, e diferentes autores têm abordado essa questão de formas distintas. Para Orlandi (2001, p. 35), o sentido é a construção que se faz das experiências vividas no mundo. Isso significa que o sentido é produzido a partir das experiências do sujeito e é construído em um processo discursivo que envolve elementos linguísticos e sociais. O sentido surge da interação entre os interlocutores, que mobilizam diferentes elementos linguísticos e sociais para produzir e interpretar os enunciados.

Mainueneau (2008, p. 23) também traz uma abordagem interessante sobre o sentido, destacando que ele é construído em um processo discursivo que envolve a mobilização de recursos linguísticos e extralinguísticos. Isso significa que o sentido é produzido pela combinação entre elementos linguísticos, como palavras e estruturas gramaticais, e elementos extralinguísticos, como gestos, entonação e contexto, que se inter-relacionam no discurso.

Para Pêcheux, o sentido é produzido a partir da relação entre linguagem e ideologia, e é capaz de produzir efeitos de sentido que determinam a posição do sujeito no mundo (Pêcheux, 1997, p. 159). Isso significa que o sentido não é algo dado ou fixo, mas sim um efeito que se produz no processo discursivo, envolvendo diferentes formações discursivas em conflito.

Pêcheux (1997, p. 161) ressalta que o sentido não é transparente nem neutro, mas sim objeto de lutas, investimentos e reapropriações no discurso. A produção de sentido implica a mobilização de diferentes estratégias discursivas.

Além disso, a relação entre sentido e sujeito é fundamental na abordagem de Pêcheux. O sentido é capaz de produzir efeitos de sujeito, determinando a



posição do sujeito no discurso (Pêcheux, 1997, p. 163). Isso significa que o sentido não é apenas um elemento linguístico, mas sim algo intrinsecamente ligado à posição do sujeito no discurso.

O sentido não é produzido apenas a partir dos elementos linguísticos presentes no discurso, mas sim a partir das diferentes formações discursivas que entram em conflito no discurso (Pêcheux, 1997, p. 168). Assim, o sentido é construído em um processo discursivo que envolve a mobilização de diferentes formações discursivas, que se inter-relacionam e entram em disputa.

Em suma, a abordagem de Pêcheux sobre o sentido destaca que ele é um efeito produzido no processo discursivo, envolvendo diferentes formações discursivas e diferentes posições de sujeito em conflito. O sentido não pode ser analisado isoladamente, mas sim em relação ao contexto discursivo em que é produzido.

### **3.10. O que é a Análise do Discurso: dispositivo teórico**

A AD é uma abordagem teórica que visa compreender o funcionamento do discurso na produção de sentidos e na construção de identidades sociais. A AD é um conjunto de procedimentos teóricos e metodológicos destinados a descrever e interpretar práticas discursivas em seus contextos sócio-históricos.

Para a AD, o discurso não se restringe apenas a um conjunto de palavras, mas é um fenômeno complexo que envolve relações de poder e ideologia. É como diz Foucault (1972, p. 13): o discurso não é apenas aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas sim aquilo pelo qual se luta e o poder do qual se busca apoderar.

Nessa perspectiva, a AD busca compreender como o discurso é utilizado para produzir efeitos de sentido em diferentes contextos sociais e históricos. Orlandi (2012, p. 28) destaca que a AD considera a língua como uma prática social, ou seja, não a encara como um sistema autônomo e abstrato, mas como uma atividade humana que ocorre em situações concretas.

Dessa forma, a AD investiga como os discursos são produzidos e recebidos em diferentes contextos sociais, e como podem ser utilizados para legitimar ou questionar relações de poder e ideologias dominantes. A AD é uma abordagem que

estuda as relações entre linguagem e sociedade, com o objetivo de examinar como as práticas sociais são construídas e mantidas por meio do uso da linguagem.

A linguagem é vista pela AD como uma prática social intrinsecamente ligada às relações de poder e às ideologias presentes em uma sociedade. Pêcheux (1990, p. 157) ressalta que a linguagem é sempre carregada de carga ideológica, uma vez que é usada para construir e reproduzir as relações de poder existentes.

Por fim, é importante destacar que a AD não é uma abordagem neutra ou objetiva, mas sim uma prática enraizada em determinados pressupostos teóricos e ideológicos.

### **3.11. O método da Análise do Discurso: o dispositivo analítico**

A AD é um método de análise linguística que busca compreender como o discurso é empregado para produzir efeitos de sentido e construir identidades sociais. Para alcançar esse objetivo, a AD emprega um dispositivo analítico que compreende diferentes etapas e procedimentos metodológicos.

De acordo com Maingueneau (2008, p. 21), esse dispositivo analítico é composto por vários elementos que interagem entre si: a descrição dos enunciados, a análise das formações discursivas, a identificação dos dispositivos de poder e a interpretação dos efeitos de sentido produzidos pelos discursos.

A primeira etapa desse dispositivo analítico consiste na descrição detalhada dos enunciados, envolvendo a análise minuciosa dos elementos linguísticos presentes no discurso, como palavras, frases, estruturas sintáticas e escolhas lexicais. Essa etapa busca identificar as características formais do discurso e suas possíveis relações com outros discursos.

A segunda etapa é a análise das formações discursivas, que implica a identificação dos temas, gêneros e estilos discursivos presentes no discurso. Segundo Foucault (1972, p. 80), uma formação discursiva é "um conjunto de regras que definem o que pode ser dito, como pode ser dito e por quem pode ser dito em uma determinada época e em um determinado lugar".

A terceira etapa consiste na identificação dos dispositivos de poder presentes no discurso, ou seja, dos mecanismos linguísticos utilizados para construir e reproduzir relações de dominação e subordinação. Essa etapa visa

compreender como o discurso é utilizado para legitimar ou questionar as estruturas de poder presentes em uma determinada sociedade.

Por fim, a quarta etapa é a interpretação dos efeitos de sentido produzidos pelo discurso, ou seja, das formas como o discurso é utilizado para produzir significados e construir identidades sociais. Essa etapa busca compreender como o discurso é empregado para influenciar as práticas sociais e como é recebido pelos diferentes interlocutores.

Um outro instrumento teórico utilizado é a psicanálise, que busca aprofundar a compreensão das relações entre linguagem e subjetividade. Nesse contexto, a teoria psicanalítica de Jacques Lacan oferece ferramentas conceituais como o desejo, o Outro e o simbólico, que ajudam a revelar os aspectos inconscientes presentes nos discursos. Através desses conceitos, a análise examina como os sujeitos constroem suas falas e interagem com estruturas sociais e simbólicas, permitindo a identificação de camadas mais profundas de significado que vão além do conteúdo explícito, revelando a dinâmica entre o sujeito e o discurso.

O dispositivo analítico da AD é um método complexo que aborda o discurso como um fenômeno social e histórico, intrinsecamente vinculado à ideologia e às práticas sociais, como destaca Orlandi (2012, p. 29). Com base nesse pressuposto, a AD busca desvendar como o discurso atua na produção de sentidos e na construção de identidades sociais, levando em consideração as complexas relações de poder e as ideologias presentes em uma determinada sociedade. É esse dispositivo teórico-analítico que utilizaremos para a nossa análise.

## 4

**Discursos de Pessoas Surdas Sobre Abuso Sexual: uma análise discursiva francesa**

O discurso das pessoas surdas sobre o abuso sexual evidencia a complexidade de suas vivências, caracterizadas por lacunas de informação e vulnerabilidades. A falta de fluência na língua de sinais por parte dos pais e familiares contribui para o silenciamento e a marginalização dos surdos nesse contexto.

O abuso, frequentemente disfarçado como brincadeira, explora a inocência e a falta de compreensão dos sujeitos surdos. Tais experiências podem gerar sentimento de culpa, vergonha e conflito emocional nas vítimas, dificultando a denúncia e o enfrentamento do abuso.

A escola assume papel relevante como instituição para fornecer informações abrangentes sobre sexualidade, prevenção e direitos, possibilitando uma educação mais inclusiva e progressista. Compreender e analisar esses discursos é fundamental para desenvolver estratégias de prevenção e apoio às vítimas, promovendo uma abordagem mais consciente e respeitosa da sexualidade na comunidade surda de Manaus.

Antes de aprofundar a análise do corpus, é importante destacar os métodos e ferramentas utilizados para a seleção do corpus e a coleta de registros nesta pesquisa. Adiante, serão apresentadas as técnicas específicas de coleta de dados, a descrição do corpus e os instrumentos utilizados para a análise, oferecendo uma visão detalhada do processo que possibilitou a investigação das experiências dessas pessoas. Além disso, serão apresentados os principais procedimentos e resultados dessa análise.

**4.1. Escolha do Corpus e os instrumentos de coleta de registros**

O corpus deste estudo foi coletado por meio de entrevistas realizadas pelo *WhatsApp* e pelo Google Meet, com 9 pessoas surdas (homens e mulheres) residentes em Manaus. As entrevistas tiveram duração mínima de 20 minutos e

máxima de 40 minutos, e foram traduzidas da Língua de Sinais Brasileira para a língua portuguesa escrita.

Os discursos dos entrevistados foram analisados e desconstruídos, levando em consideração os termos recorrentes, a forma como foram expressos, as estruturas de frase, sequências e interrupções observadas, além dos enredos e histórias compartilhados.

Para facilitar a abordagem de um tema delicado, as entrevistas foram conduzidas com respeito, decoro e imparcialidade. O objetivo era criar um ambiente em que os entrevistados se sentissem à vontade para expressar suas experiências de forma espontânea.

A tradução dos relatos da língua de sinais para a língua portuguesa envolveu desafios devido às diferenças gramaticais e sintáticas entre as duas línguas. A equipe de tradutores, outra tradutora-intérprete e dois surdos professores, buscou manter o sentido mais fiel possível, mas houve casos em que a tradução literal não foi possível.

Diversos recursos analíticos foram empregados, como modalizadores do discurso, paráfrases, polissemia e relações opostas entre as formações discursivas (FD) e as imagens construídas sobre a mulher surda e o abuso. Foram explorados também os movimentos de deslizamento dos significados e os efeitos de sentido produzidos, assim como os momentos de silenciamento presentes nos discursos.

Toda a equipe de tradução e análise assinou um termo de confidencialidade, garantindo a privacidade e proteção das informações dos entrevistados. A pesquisa, como já dito, visa contribuir para a compreensão das experiências das pessoas surdas em relação ao abuso sexual, com o intuito de desenvolver estratégias de prevenção e apoio para essa comunidade em Manaus.

#### **4.2. Os procedimentos de análise**

Conforme aquilo que já foi explicado no tópico da metodologia do presente trabalho, pretende-se, aqui, fazer uma análise de discurso das entrevistas realizadas. Esta análise sustentou-se em princípios gerais da Análise do Discurso para a construção desse dispositivo analítico que media a descrição e interpretação desse corpus conforme os objetos discursivos foram se pondo. (Orlandi, p. 26, 2020)

Os procedimentos e conceitos utilizados do dispositivo teórico foram cinco principais: a *descrição dos enunciados*, ou seja, na análise detalhada dos elementos linguísticos presentes no discurso, como as palavras, as frases, as estruturas sintáticas e as escolhas lexicais; o segundo é a análise das *formações discursivas*, que envolve a identificação dos temas, dos gêneros e dos estilos discursivos presentes no discurso; o terceiro é a identificação dos dispositivos de poder presentes no discurso, ou seja, dos mecanismos linguísticos utilizados para construir e reproduzir relações de dominação e subordinação. Essa etapa busca compreender como o discurso é utilizado para legitimar ou questionar as estruturas de poder presentes em uma determinada sociedade. O quarto recurso foi a interpretação dos *efeitos de sentidos* e seus deslizamentos produzidos pelo discurso, ou seja, das formas como o discurso é utilizado para produzir significados e construir identidades sociais. (Orlandi, p. 23, 2020)

Por fim, o quinto instrumento teórico acrescenta uma nova camada semântica ao utilizar a *teoria psicanalítica* de Jacques Lacan. Essa abordagem permite identificar como os discursos interagem com os conceitos lacanianos de desejo, o Outro e o simbólico.

Na coleta do corpus, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, adotou-se um critério metodológico que começava com perguntas amplas sobre as percepções e os conhecimentos gerais dos entrevistados a respeito da sexualidade surda. Sendo progressivamente direcionada a discussão para questões mais específicas sobre abuso sexual. Essa abordagem evitou iniciar as entrevistas com a premissa do abuso, permitindo que os relatos fossem construídos de forma gradual, revelando as experiências de maneira mais natural e contextualizada.

Apenas os sujeitos surdos maiores de idade que tiveram experiências diretas com abuso sexual foram incluídos no corpus; contudo, casos em que os participantes inicialmente negaram experiências de abuso, mas posteriormente relataram situações abusivas durante o desenrolar da entrevista, foram considerados válidos para análise. Sobretudo, para resguardar a identidade dos participantes e garantir sua privacidade, os nomes usados nas análises foram fictícios.

Além disso, assegurou-se que os sujeitos tivessem uma comunicação acessível para que pudessem expressar suas experiências de forma clara e

completa, seja por meio de intérpretes de línguas de sinais, às vezes de outras formas visuais de apoio, respeitando sempre a ética e o consentimento informado.

Tendo em vista que a análise do discurso de Pêcheux, que se concentra em como os discursos são construídos e como as ideologias são reproduzidas, requer um corpus que permita examinar como as experiências e narrativas de abuso são moldadas e interpretadas dentro de contexto social.

Assim, passa-se, a seguir, à análise de cada uma dessas entrevistas.

#### **4.2.1. ENTREVISTA – LARA**

A primeira entrevista realizada foi com Maria, composta por seis perguntas. A primeira pergunta, foi a seguinte:

“Eu queria conversar com você sobre uma temática que muitas vezes é um tabu: o sexo. Muitas vezes, porque os surdos jovens não têm informação sobre esse assunto e acaba ficando desinformado. O que você acha sobre isso?”.

Seguindo a ordem de análise da resposta, o primeiro ponto é a Descrição dos Enunciados. Neste segmento, Maria responde a uma pergunta sobre a temática do sexo, especialmente no contexto dos jovens surdos. Ela aponta a falta de responsabilidade das famílias em educar seus filhos sobre o tema como um problema chave.

Os elementos linguísticos importantes aqui incluem: Escolhas lexicais: Maria utiliza palavras como "responsabilidade", "ensinar", e "aprender", que enfatizam a educação sexual como um dever familiar. Além disso, a resposta à pergunta é direta, com uma cláusula principal clara ("o que falta é...") seguida de uma proposição ("as famílias terem a responsabilidade...").

O discurso de Maria pode ser enquadrado dentro de uma formação discursiva que valoriza a educação sexual como responsabilidade familiar, em contraste com a ideia de que essa educação deveria vir de instituições educacionais ou de saúde. Esse enquadramento sugere uma visão de mundo onde a família é vista como a unidade básica de apoio e educação, especialmente em temas considerados tabus, como o sexo.

Maria ao colocar a responsabilidade da educação sexual nas mãos das famílias, implicitamente questiona as estruturas de poder que negligenciam esse aspecto da educação dos jovens surdos. Isso pode refletir uma crítica às falhas do

sistema educacional e de saúde em prover informações acessíveis sobre sexualidade, especialmente para jovens com jovens surdos. Além disso, ao enfatizar a necessidade de educação sexual em casa, Maria pode estar desafiando a norma social que considera o sexo um assunto tabu, promovendo uma abertura para conversas sobre sexualidade dentro do contexto familiar.

Por fim, no que se refere a Interpretação dos Efeitos de Sentido, o discurso de Maria produz um efeito de sentido que valoriza a autonomia e a responsabilidade individual e familiar sobre a educação sexual, contrapondo-se à dependência de sistemas externos.

Esse posicionamento pode influenciar as práticas sociais ao encorajar as famílias a assumirem um papel mais ativo na educação sexual de seus filhos, possivelmente alterando a maneira como a sexualidade é discutida e entendida nas comunidades surdas. Além disso, pode contribuir para a construção de identidades sociais mais informadas e responsáveis entre os jovens surdos.

Esta análise destaca como o discurso de Maria não apenas reflete suas visões pessoais, mas também interage com contextos sociais e culturais mais amplos, sugerindo mudanças nas práticas e percepções sobre a educação sexual de jovens surdos.

A segunda pergunta feita à Maria foi a seguinte:

“Não sei se você sabe, mas algumas famílias de pais surdos acham que os filhos não conseguem entender sobre sexualidade nem precisam aprender sobre isso. O que você acha?”

Dando início à análise desta pergunta, tem-se a Descrição dos Enunciados. Maria responde a uma pergunta sobre a percepção de algumas famílias de pais surdos em relação à educação sexual dos filhos. Seu discurso enfatiza a importância do interesse dos filhos pelo assunto, do respeito mútuo entre pais e filhos, e da necessidade de regras e disciplina na abordagem da sexualidade.

As escolhas lexicais como "interesse", "respeito", "regras", e "disciplina" destacam a complexidade do tema e a necessidade de uma abordagem equilibrada. A estrutura da resposta é marcada pela progressão lógica de ideias, começando pela importância do interesse dos jovens, seguida pela necessidade de respeito mútuo, e concluindo com a importância de orientação e limites.



No tocante dos discursos de Maria sugere uma formação discursiva que reconhece a educação sexual como um processo interativo, que depende tanto do interesse dos jovens quanto da orientação dos pais. Essa perspectiva desafia a noção de que os jovens surdos são incapazes de compreender ou precisar aprender sobre sexualidade, propondo em vez disso um modelo de educação baseado na comunicação e no respeito mútuo.

Ao enfatizar a necessidade de interesse dos filhos e o papel dos pais em aconselhar, Maria aborda os dispositivos de poder dentro da dinâmica familiar. Ela sugere que a autoridade dos pais deve ser exercida de maneira a respeitar a autonomia e o desenvolvimento dos filhos, ao mesmo tempo em que fornece orientação e limites. Essa abordagem questiona as estruturas de poder que marginalizam os jovens surdos na educação sexual, argumentando por um equilíbrio entre liberdade e orientação.

O discurso de Maria produz efeitos de sentido que promovem a educação sexual como um direito e uma necessidade para todos, incluindo jovens surdos. Ao destacar a importância do interesse dos jovens, do respeito mútuo e da orientação parental, ela propõe um modelo de educação sexual que é inclusivo, respeitoso e baseado na comunicação.

Esse modelo tem o potencial de influenciar práticas sociais ao encorajar um diálogo aberto sobre sexualidade em famílias de pais surdos, contribuindo para a construção de identidades mais informadas e autônomas entre os jovens surdos.

Esta análise mostra como Maria articula uma visão de educação sexual que valoriza a agência dos jovens e o papel dos pais, desafiando preconceitos e promovendo uma abordagem mais holística e inclusiva.

Em relação à pergunta três, inicia-se com a Descrição dos Enunciados. Neste parâmetro, Maria reflete sobre seu conhecimento e maturidade em relação ao sexo durante sua adolescência. Ela menciona inicialmente uma falta de interesse e conhecimento sobre o tema, que gradualmente mudou com a orientação de sua mãe e a exposição a informações sobre violência contra a mulher nas redes sociais.

As escolhas lexicais importantes incluem "aprender", "amadurecer", "cuidado", "responsabilidade pessoal", "respeito", "empatia", e "violência contra a mulher". A estrutura narrativa de sua resposta ilustra um processo de crescimento e

aprendizado pessoal, destacando a influência da mãe e das redes sociais em sua educação sexual e visão de mundo.

Os ditos de Maria inserem-se em uma formação discursiva que reconhece a importância da educação sexual progressiva, fundamentada na comunicação familiar e na autodidaxia através das redes sociais. Ela reflete uma visão de educação sexual que vai além da mera transmissão de informações biológicas, abarcando questões de respeito, empatia e conscientização sobre a violência de gênero.

No âmbito de Identificação dos Dispositivos de Poder, Maria aborda dispositivos de poder relacionados à dinâmica familiar, ao papel educativo dos pais (especialmente das mães) e à influência das redes sociais na formação de atitudes e percepções.

Sua mãe, ao aconselhá-la sobre os perigos do abuso e a necessidade de cuidado nas relações interpessoais, atua como uma figura de autoridade e proteção. As redes sociais servem como um canal alternativo de educação, expondo Maria a narrativas de empoderamento feminino e conscientização sobre direitos iguais, desafiando estruturas de poder patriarcais.

Efeitos de sentidos que valorizam a educação sexual como um processo contínuo de aprendizado e amadurecimento são enfatizados no discurso de Maria, destacando a importância da comunicação familiar, da responsabilidade pessoal, e da exposição a discursos de empoderamento e igualdade de gênero.

Ao compartilhar sua jornada de amadurecimento, Maria contribui para a construção de uma narrativa que encoraja o diálogo aberto sobre sexualidade, a consciência dos perigos do abuso, e a importância do respeito e da empatia nas relações interpessoais. Além disso, sua enunciação destaca o papel das redes sociais como ferramentas educativas que podem inspirar mudanças positivas nas atitudes e práticas sociais relacionadas à sexualidade e ao gênero.

Esta análise ilustra como o discurso de Maria não somente reflete suas experiências pessoais e aprendizados, mas também como interage com e contribui para discursos sociais mais amplos sobre educação sexual, violência de gênero, e empoderamento feminino.

Entrando em espera ainda mais pessoal, na pergunta quatro o sujeito Maria é questionado sobre o sofrimento da família. Analisando a pergunta, sobre a

descrição dos Enunciados, Maria compartilha um relato pessoal sobre sua família, focando na enunciação de sua mãe após o falecimento de seu pai.

O discurso se centra nas dificuldades enfrentadas por sua mãe em seus relacionamentos subsequentes, marcados pelo abuso de álcool, violência e instabilidade familiar. As escolhas lexicais como "honesto", "trabalhador", "sofreu muito", "bebiam muito", "brigas" e "conflitos" destacam o contraste entre a estabilidade proporcionada por seu pai e a turbulência dos relacionamentos posteriores de sua mãe. A narrativa é pessoal e emotiva, refletindo as experiências de Maria e sua família com perdas e desafios.

Maria traz à tona uma formação discursiva que lida com a vulnerabilidade das mulheres e crianças em contextos de abuso e instabilidade familiar. Este discurso está inserido em um contexto social mais amplo que discute as consequências do abuso de substâncias, violência doméstica e a importância do suporte familiar. Ao compartilhar a enunciação de sua mãe, Maria contribui para uma narrativa que reconhece o impacto do ambiente familiar na segurança e bem-estar das crianças.

A enunciação narrada por Maria ilumina vários dispositivos de poder em jogo, incluindo a dinâmica de gênero dentro das relações familiares e sociais. A descrição dos relacionamentos abusivos e instáveis de sua mãe evidencia as estruturas de poder que perpetuam a violência doméstica e a vulnerabilidade das mulheres.

A memória do pai de Maria como um homem honesto e trabalhador estabelece um padrão de comportamento masculino positivo, contrastando com a conduta dos parceiros subsequentes de sua mãe, refletindo sobre as normas sociais e expectativas de gênero.

Os discursos de Maria geram efeitos de sentidos que destacam a complexidade das experiências familiares em contextos de abuso e instabilidade. Ao compartilhar a enunciação de sua mãe, ela não apenas revela as dificuldades enfrentadas por sua família, mas também as consequências da violência doméstica e do abuso de substâncias.

Este relato pessoal serve como um testemunho do impacto duradouro dessas experiências na formação da identidade e na visão de mundo de Maria, ao mesmo tempo em que ressalta a resiliência e a capacidade de superação diante de adversidades.

Analisando a pergunta cinco, na Descrição dos Enunciados, Maria, relata experiências diretas de violência física e abuso sexual, destacando um ambiente doméstico marcado por instabilidade, medo e vulnerabilidade. A descrição inclui um incidente específico de violência física entre sua mãe e o padrasto, bem como um ataque pessoal que Maria sofreu. O uso de termos como "briga", "inchado", "bêbado", "abusou", "medo", e "traumas" enfatiza a gravidade e o impacto emocional dessas experiências.

Os discursos que emanam do sujeito Maria podem ser contextualizados dentro de uma formação discursiva que aborda a violência doméstica e o abuso sexual como problemas sociais graves, refletindo sobre as dificuldades enfrentadas pelas vítimas ao tentarem romper com ciclos de abuso. Ela também aponta para a complexa interação entre dependência econômica e decisões emocionais que mantêm muitas vítimas em ambientes abusivos.

A narrativa revela uma dinâmica de poder desigual na qual o padrasto exerce controle e instila medo, enquanto Maria e sua mãe aparecem em posições de vulnerabilidade. A dependência econômica é identificada como um fator chave que impede a mãe de Maria de deixar o relacionamento abusivo. Esse cenário destaca o poder como uma força que perpetua o abuso e a violência dentro das relações familiares.

Maria compartilha sua enunciação com um efeito de sentido que ressalta a complexidade da violência doméstica, incluindo as barreiras para sair de situações abusivas e o impacto psicológico a longo prazo dessas experiências. Sua narrativa é um testemunho da resiliência diante do abuso e da importância de buscar autonomia e segurança.

Ao discutir abertamente suas experiências, Maria contribui para uma conscientização maior sobre a violência doméstica e o abuso sexual, desafiando estigmas e promovendo uma discussão sobre a necessidade de apoio adequado às vítimas.

Analisando a última pergunta Maria identifica o pastor da igreja e seus professores como figuras influentes que a educaram sobre proteção pessoal, mencionando palestras sobre bullying, assédio e violência. Ela expressa uma determinação em não aceitar comportamentos abusivos e deseja transmitir lições de proteção e educação para seu filho, incluindo o ensino de línguas como libras e

português, visando um futuro positivo para ele. O uso de termos como "ensinava", "palestras", "entender", e "aprender" destaca o processo educativo e aquisitivo de conhecimento sobre autodefesa e conscientização.

O discurso de Maria está inserido em uma formação discursiva que valoriza a educação e a conscientização como meios de proteção contra abusos e violência. Ela reconhece a importância da educação formal (escola) e informal (igreja) na construção de uma compreensão sobre os direitos pessoais e a rejeição de comportamentos abusivos. Esse enquadramento sugere uma visão de que o conhecimento e a informação são ferramentas essenciais na prevenção de abuso e na promoção de um ambiente seguro.

A resposta de Maria reflete sobre os dispositivos de poder dentro da educação e da religião, onde figuras de autoridade, como professores e líderes religiosos, têm a capacidade de influenciar percepções e comportamentos. Ao mesmo tempo, ela destaca a responsabilidade parental na educação dos filhos, demonstrando uma transferência de poder através do conhecimento, com o objetivo de empoderar a próxima geração a se proteger e a promover a igualdade e o respeito.

Ao compartilhar suas fontes de aprendizado sobre proteção e seus desejos para a educação de seu filho, Maria produz um efeito de sentido que valoriza a educação como um meio de mudança social positiva. Ela expressa esperança e determinação em criar um ambiente seguro e informado para seu filho, destacando a importância da transmissão intergeracional de conhecimento e valores sobre respeito, igualdade e autodefesa.

Esse discurso não apenas reflete o desejo de Maria por um futuro melhor para seu filho, mas também aponta para a importância da educação abrangente como forma de combater a violência e o abuso.

A análise revela como a experiência pessoal de Maria com abuso e violência influenciou sua percepção sobre a importância da educação e da conscientização como ferramentas de empoderamento e proteção, tanto para ela quanto para as futuras gerações.

#### **4.2.2. ENTREVISTA – MATILDE**

Da entrevista de Matilde, apesar de muito importante para este trabalho, aproveita-se apenas uma pergunta, que é a primeira. A análise da sua entrevista pode ser feita da seguinte forma: Em relação à Descrição dos Enunciados, Matilde relata uma experiência traumática de abuso sexual pelo padrasto em um contexto de isolamento familiar e falta de suporte educacional sobre sexualidade.

Ela descreve um ambiente doméstico marcado pela violência, o vício em drogas e o álcool, e uma subsequente falta de proteção e cuidado após a morte de sua mãe. A situação é agravada pela ausência de diálogo aberto sobre sexualidade tanto na família quanto na escola, deixando-a desamparada e sem recursos para entender ou lidar com o abuso.

O corpus é marcado por palavras e frases que expressam vulnerabilidade, medo, e uma sensação de injustiça, mas também de recuperação e alívio após encontrar refúgio e aceitação em um novo ambiente familiar. O uso de significantes como "não sabia de nada, culpa dele", "abusava de mim", "me ameaçou" e "agora eu me sinto em paz e aliviada" ilustra o contraste entre o trauma vivido e o alívio encontrado.

O discurso de Matilde reflete uma crítica à falha das estruturas familiares e educacionais em fornecer informação e proteção contra o abuso sexual. Ela destaca a negligência e o estigma associados à denúncia de abuso dentro da família e da sociedade. A transformação de Matilde, de vítima de abuso para uma sobrevivente que encontra paz e aceitação, sugere uma formação discursiva que valoriza a resiliência, a importância do suporte comunitário e religioso, e a busca por justiça.

A enunciação de Matilde ilustra os dispositivos de poder em jogo no contexto do abuso sexual doméstico. O padrasto abusivo exerce poder através do medo e da violência, enquanto a família e a sociedade falham em proteger Matilde, em parte devido à estigmatização e à culpabilização da vítima.

A ameaça de violência para silenciar Matilde é um mecanismo de controle que perpetua o ciclo de abuso. No entanto, a mudança para a casa do tio, onde ela encontra um ambiente carinhoso e religioso, representa uma mudança no equilíbrio de poder, proporcionando a ela um espaço seguro para recuperar e reconstruir sua vida.

No tocante a Interpretação dos Efeitos de Sentido, o relato de Matilde sobre sua experiência de abuso e recuperação produz um efeito de sentido que enfatiza a resiliência frente ao trauma e a importância do apoio emocional e social para a cura.

Sua enunciação destaca a necessidade crítica de educação sexual adequada, sistemas de suporte para vítimas de abuso e a importância de ambientes seguros que promovam a recuperação e o bem-estar. Ao encontrar paz e felicidade em um novo ambiente, Matilde exemplifica a possibilidade de superação e reconstrução após experiências traumáticas.

#### **4.2.3. ENTREVISTA - JOANA**

A entrevista consiste em duas perguntas e duas respostas. À primeira, Joana compartilha que "Minha família nunca me ensinou nada" sobre sexualidade, destacando uma comunicação dificultada pela falta de uso da língua de sinais. Ela aprendeu sobre "os cuidados ao ter relação, como usar camisinha" principalmente na "escola de surdos", onde os professores abordaram temas como "prevenção da gravidez na adolescência" e "uso de camisinha".

A experiência de uma colega grávida aos "15 anos" serviu como alerta, mas mesmo assim, Joana acabou engravidando em seu primeiro namoro. Ela descreve o período subsequente à gravidez como "uma época muito difícil", mas observa que "hoje minha família se arrependeu e todos amam meu filho".

O discurso de Joana revela a formação discursiva em torno da falta de educação sexual em ambientes familiares, especialmente para indivíduos surdos, e a importância da escola especializada na compensação dessa lacuna. Ela destaca a discrepância entre a ausência de diálogo sobre sexualidade em casa e a educação recebida na escola, sublinhando a necessidade de acessibilidade na comunicação e educação para surdos.

A narrativa evidencia dispositivos de poder relacionados à comunicação e à educação. A família de Joana, ao não adaptar sua comunicação para incluir a língua de sinais, exclui Joana de conversas importantes, refletindo um desequilíbrio de poder. A escola de surdos, por outro lado, atua como um espaço de empoderamento ao oferecer informações vitais de maneira acessível, demonstrando como o conhecimento e a educação podem redistribuir o poder.

O relato de Joana sobre sua jornada de descoberta e compreensão da sexualidade até a maternidade adolescência destaca a importância do suporte e educação adequados. Apesar das adversidades iniciais, a transformação da atitude de sua família em relação ao seu filho cria um efeito de sentido de arrependimento, aceitação e amor, ilustrando a capacidade de mudança e adaptação.

Joana sublinha a necessidade crítica de inclusão e educação sexual adaptada para surdos, promovendo um entendimento mais amplo sobre como superar barreiras de comunicação e informação.

Na pergunta dois, a análise é a seguinte: no âmbito de descrição dos enunciados a entrevistada relata experiências de abuso sexual durante sua infância e adolescência. Ela descreve detalhadamente as formas de abuso que sofreu por parte de membros de sua própria família, incluindo seu primo e seu padrasto. Ela descreve as restrições que enfrentou, bem como os comportamentos abusivos e ameaçadores dos agressores.

A entrevistada menciona: "quando eu tinha 10 anos", "a minha família era muito mal", "me batia com murros", "Eles me proibiram de sair na rua, passear e de namorar", "Eu tinha que ficar em casa, presa", "Meus irmãos, uma vez, me deixaram com olho roxo e me bateram nas costas", "meu primo, o José, ele tinha 29 anos", "Ele era mal", "Ele queria me penetrar", "ele sempre passava a mão nas minhas partes íntimas quase todos os dias", "se eu fosse contar na polícia, iria me matar", "ele disse que era tudo mentira", "minha mãe me abandonou quando era pequena", "minha avó quem me criou", "ela era responsável por mim", "ela sempre me levava e trazia da escola desde de pequena".

Relacionado as formações discursivas, a entrevistada traz à tona temas como abuso sexual, violência familiar e negligência por parte dos cuidadores. Ela relata a falta de proteção por parte de sua família e a incapacidade de encontrar apoio quando tentava relatar os abusos. O discurso revela uma quebra nas relações familiares e a falta de segurança e confiança nas figuras parentais.

Os dispositivos de poder presentes no discurso são evidentes na dinâmica familiar descrita pela entrevistada. Há uma clara desigualdade de poder, com os agressores exercendo controle e manipulação sobre ela, enquanto os membros da família ignoram ou minimizam os abusos. O medo de retaliação por parte dos



agressores, expresso através de ameaças de morte, demonstra como o poder é utilizado para silenciar a vítima e perpetuar o abuso.

Acerca dos efeitos de sentido, o discurso da entrevistada revela os impactos profundos dos abusos em sua vida, incluindo sentimentos de desamparo, traição e isolamento. Suas tentativas de buscar ajuda foram frustradas pela negação e falta de apoio de sua própria família. A experiência traumática influenciou sua visão sobre si mesma e sobre o conceito de família, deixando-a com uma sensação de desconfiança e descrença nas relações interpessoais.

#### **4.2.4. ENTREVISTA – RUANA**

Ruana aborda questões sensíveis relacionadas à sexualidade, experiências traumáticas e dinâmicas de relacionamento abusivo. Ela é composta por dois segmentos principais:

a) Experiências Iniciais com Sexualidade e Educação Sexual: A entrevistada recorda sua primeira exposição a uma situação de natureza sexual aos 12 anos, que a deixou assustada e confusa. Ela destaca a falta de conhecimento sobre sexualidade durante a adolescência, mencionando que as informações recebidas da mãe focavam principalmente nas consequências da gravidez, sem fornecer um entendimento abrangente sobre sexualidade.

Sua primeira experiência sexual, aos 18 anos, foi traumática e não consensual, marcada pela violência e falta de compreensão sobre o que estava acontecendo. Esse evento é descrito de forma detalhada, enfatizando a vulnerabilidade e a falta de consentimento.

A entrevistada menciona sua dificuldade em comunicar-se devido à sua surdez, o que adiciona uma camada de complexidade às suas experiências, especialmente em contextos sociais e sexuais.

b) Relacionamento com o Ex-Marido: Na segunda parte, a entrevistada fala sobre seu casamento com um homem que a abusava física e sexualmente. Ela descreve um padrão de comportamento abusivo por parte do marido, incluindo agressões físicas, ameaças com arma branca e coerção sexual.

A narrativa traz enunciados que detalham uma experiência traumática vivenciada pela entrevistada. Ela começa com um relato sobre a primeira vez que presenciou uma situação sexual: "fui ao banheiro, lá embaixo, e tinha uma menina com dois meninos. Os dois estavam pegando no corpo da menina, eu corri assustada." Esse momento marca o início de sua conscientização sobre sexualidade, ainda que de forma negativa.

A entrevistada também relata a falta de informação e comunicação sobre o tema: "Eu, de 13 a 15 anos, não sabia nada sobre sexualidade", e "Eu não entendia essa questão de gravidez, como ocorria." A mãe da entrevistada apenas adverte: "ter cuidado para não ficar grávida, senão ela ia chamar a polícia."

O momento do abuso é descrito com detalhes dolorosos: "só lembro dele em cima de mim, senti uma dor e vi muito sangue saindo." Esses enunciados são carregados de expressões que evidenciam medo, confusão e trauma.

Os enunciados refletem formações discursivas que circulam em torno da sexualidade, consentimento e violência. A narrativa revela um contexto de aprendizado sobre sexualidade marcado pelo silêncio e pela violência, onde as informações são transmitidas de maneira indireta e insuficiente.

A mãe menciona a gravidez de forma ameaçadora, sem oferecer uma educação sexual adequada, evidenciando uma formação discursiva que associa sexualidade a medo e consequências negativas, ao invés de compreensão e cuidado.

Em relação ao abuso sofrido pelo sujeito, ilustra claramente os dispositivos de poder em ação. A insistência e a violência do agressor, "ele ficou insistindo, insistindo, pegou no meu braço e foi me levando," demonstram um abuso de poder e uma clara violação do consentimento.

A narrativa da mãe, que impõe o medo da gravidez como um mecanismo de controle, atua como outro dispositivo de poder, regulando a sexualidade da entrevistada através do medo e da ameaça.

Por fim, os enunciados geram efeitos de sentido que enfatizam o trauma, a vulnerabilidade, a falta de comunicação e compreensão acerca da sexualidade. A experiência relatada não apenas violência sofrida, mas também critica a ineficácia dos mecanismos de educação sexual e comunicação, especialmente no contexto de pessoas surdas, que enfrentam barreiras adicionais.

#### 4.2.5. ENTREVISTA – ANDRÉ

A entrevista 5, fornecida por André, detalha um corpus pessoais significativas relacionadas à sexualidade, educação sexual, abuso sexual e suas repercussões. Esta análise é dividida em quatro partes principais, refletindo a estrutura da entrevista:

**Educação Sexual Inicial:** André destaca a importância da comunicação entre ele e sua mãe, apesar das barreiras linguísticas devido à sua surdez. Sua mãe usava o celular para escrever ou falava diretamente, e André lia lábios. Esta interação inicial com o conceito de sexualidade foi marcada por uma explicação materna aos 13 anos, a qual foi posteriormente complementada por uma intérprete. Isso sublinha a relevância de métodos de comunicação adaptáveis na educação sexual de jovens surdos.

**Compreensão sobre Abuso Sexual:** O discurso de André sobre abuso sexual reflete sua percepção de que muitos jovens surdos não compreendem plenamente os conceitos de sexo, assédio e estupro. Ele relembra um incidente na escola onde um professor agia inapropriadamente com alunas surdas, o que André identificou como assédio. Esta parte dos seus ditos aponta para a necessidade de educação sexual inclusiva e acessível, especialmente para jovens surdos, para que possam reconhecer e se proteger de abusos.

**Experiências Pessoais com Abuso:** André relata suas experiências pessoais com abuso, primeiro de forma mais sutil por um primo e depois de maneira mais direta e traumática por um tio. Ele descreve uma situação de abuso sexual claro por parte do tio, que ocorreu na ausência da mãe de André.

Este relato destaca o isolamento e a confusão enfrentados por vítimas de abuso, especialmente crianças e adolescentes surdos, que podem ter dificuldades adicionais em comunicar ou entender completamente suas experiências devido a barreiras linguísticas e de comunicação.

**Consequências e Reflexões:** André reflete sobre as consequências dessas experiências de abuso em sua identidade sexual e nas relações familiares. Ele discute o processo de aceitação de sua sexualidade por sua família e a complexidade de suas emoções em relação aos abusadores, especialmente em um contexto familiar onde a comunicação é desafiadora. André expressa a dor e o

conflito internos resultantes do abuso, bem como a dificuldade em revelar essas experiências à sua mãe.

André inicia seu relato destacando a abordagem de sua mãe sobre a sexualidade, que, apesar da barreira da língua de sinais, se comunicava através de texto e fala, esforçando-se para educá-lo: “Minha mãe no passado já havia me explicado, me aconselhado” Ele expressa uma curiosidade precoce sobre o tema do sexo, que foi adequadamente abordada por sua mãe aos 13 anos através de um texto explicativo.

Em relação ao abuso sexual, André demonstra uma compreensão do tema, associando-o à ignorância e vulnerabilidade, especialmente entre mulheres e jovens surdos: “muitos surdos, quando são jovens, não entendem o significado da palavra sexo, assédio, estupro”. Ele relata uma experiência observacional de conduta inapropriada de um professor com alunas surdas, evidenciando uma falta de conscientização sobre o assédio: “elas nem ligaram, disseram que era brincadeira”.

As experiências pessoais de abuso de André são relatadas com detalhes dolorosos. Ele descreve situações de abuso físico e emocional por um primo e um tio, destacando a complexidade das reações emocionais e a dificuldade em compartilhar essas experiências com sua família: “Ele fez sexo comigo, pegou minha mão e colocou no pênis dele... Eu me calei, aguentei.”

No que se refere à o depoimento de André revela formações discursivas em torno da educação sexual, do silêncio sobre o abuso e da construção da identidade sexual. A abordagem proativa de sua mãe contrasta com a falta generalizada de diálogo sobre sexualidade e abuso, particularmente na educação de jovens surdos. As experiências de abuso evidenciam uma formação discursiva onde o abuso é mascarado por dinâmicas de poder e silêncio, dificultando o reconhecimento e a articulação do trauma.

Os abusos sofridos por André ilustram o abuso de poder, onde a autoridade e a confiança são exploradas para fins de exploração sexual. Tanto o tio quanto o primo de André utilizam seu status e proximidade para abusar dele, destacando uma exploração de vulnerabilidades específicas, incluindo sua surdez e a falta de um vocabulário para expressar o que estava sendo experienciado.

Na interpretação dos efeitos de sentido, o relato de André traz à tona a necessidade de abordagens educacionais inclusivas e acessíveis sobre sexualidade

e consentimento, que sejam compreensíveis para todos os jovens, incluindo aqueles com jovens surdos. Além disso, sua enunciação sublinha a importância de espaços seguros para discussão e tratamento do abuso, promovendo uma cultura de proteção, respeito e compreensão.

#### **4.2.6. ENTREVISTA – JOÃO**

O relato de João revela uma variedade de enunciados que destacam a complexidade da comunicação sobre sexualidade e abuso, particularmente na experiência de indivíduos surdos. Em relação à descrição dos enunciados, estes variam desde a descrição das limitações enfrentadas para acessar informações sobre sexualidade, até experiências diretas de abuso.

Observa-se uma contraposição entre os modos de comunicação e de ensino da família e da escola, destacando uma discrepância na qualidade e na quantidade das informações transmitidas sobre sexualidade. O discurso do sujeito é marcado por uma língua que reflete tentativas de compreensão e expressão dentro de um contexto de acesso restrito a informações, evidenciado pelo uso de termos simplificados e descrições de observações pessoais sobre comportamentos abusivos.

Quanto às formações discursivas identificadas no discurso revelam uma clara divisão entre o conhecimento adquirido no ambiente familiar e escolar. Enquanto a família fornece uma base de cuidado e proteção focada nas necessidades básicas e segurança, a escola surge como o principal espaço de aprendizado sobre aspectos mais complexos da vida, incluindo sexualidade.

A formação discursiva em torno do abuso reflete uma lacuna significativa no diálogo e na educação sexual, especialmente adaptada para pessoas surdas. A dificuldade em reconhecer e nomear experiências de abuso também aponta para uma formação discursiva onde o silêncio e a falta de terminologia específica perpetuam a vulnerabilidade e a invisibilidade das vítimas.

Observa-se que os dispositivos de poder no discurso são manifestados de várias formas, incluindo a dinâmica familiar, a estrutura educacional, e as interações sociais e profissionais. A reação da família às experiências de abuso do entrevistado ilustra como as relações de poder podem influenciar a atribuição de culpa e a elaboração do trauma.

No ambiente de trabalho e em espaços públicos, o abuso de poder é evidenciado por comportamentos que exploram a vulnerabilidade das mulheres e de pessoas surdas. A marginalização das identidades LGBTQ+ e a subsequente resistência e assertividade do entrevistado na afirmação de sua identidade destacam as complexas interações entre poder, identidade e resistência.

Os efeitos de sentido produzidos pelo discurso do entrevistado sublinham a resiliência diante das adversidades e a busca por compreensão, justiça e aceitação. A narração dessas experiências desafia os estigmas e os silêncios em torno da sexualidade e do abuso, especialmente dentro da comunidade surda. O discurso revela uma crítica implícita às estruturas sociais e educacionais que falham em proteger e educar sobre abuso sexual de forma acessível e inclusiva.

#### **4.2.7. ENTREVISTA – JOANA**

Joana fornece em seus ditos um relato íntimo e perturbador sobre o abuso sexual cometido por seu pai desde a infância. Ela expressa sua angústia e a complexa dinâmica familiar através de uma língua que captura tanto a dor quanto a resiliência. A descrição do abuso e as tentativas de comunicação com sua mãe revelam a dificuldade de lidar com essas experiências dentro do contexto familiar. A narrativa detalha não apenas os atos de abuso, mas também as respostas subsequentes da família, incluindo o silêncio da mãe e as tentativas de reconciliação.

A enunciação de Joana ilustra uma formação discursiva que enfatiza o silêncio e o segredo em torno do abuso sexual intrafamiliar. A reação da mãe ao abuso — confrontando o marido, mas não buscando ajuda externa — destaca normas sociais que priorizam a unidade familiar acima da justiça para a vítima. A eventual reconciliação com o pai sugere uma complexa formação discursiva que envolve perdão e superação, apesar das circunstâncias traumáticas.

Os dispositivos de poder manifestam-se através da autoridade abusiva do pai, a passividade da mãe diante do abuso, e a luta de Joana para encontrar sua voz e resistir às opressões sofridas. O abuso de poder pelo pai é evidente em suas ações e na manipulação da situação para manter o silêncio de Joana.

A dinâmica de poder dentro da família muda à medida que Joana e seu irmão ganham a capacidade de confrontar seu pai, indicando uma redistribuição do poder e a importância do apoio fraternal.

O discurso de Joana produz um efeito de sentido que reflete as complexidades do trauma, a busca por justiça e reconciliação, e o poder do perdão. Sua narrativa evidencia as dificuldades enfrentadas por vítimas de abuso sexual intrafamiliar em buscar ajuda e justiça dentro de um sistema que muitas vezes favorece a preservação da "normalidade" familiar sobre a proteção dos vulneráveis.

A reconciliação e o perdão concedido ao pai introduzem nuances adicionais ao discurso, sugerindo uma complexidade na maneira como as vítimas de abuso processam suas experiências.

#### **4.2.8. ENTREVISTA – MÁRIO**

Mário compartilha experiências traumáticas de abuso sexual ocorridas na infância, destacando a dificuldade de comunicação com sua família, especialmente devido à falta de conhecimento em Libras por parte de sua mãe.

Sua narrativa revela um aprendizado precoce sobre sexualidade de maneira confusa e isolada, sublinhando a falta de educação sexual adequada para surdos. As descrições de Mário sobre os abusos são contadas de maneira que evidenciam dor, confusão e uma luta interna para entender e processar essas experiências.

A formação discursiva presente na entrevista de Mário reflete uma realidade onde o abuso sexual é entrelaçado com a falta de acessibilidade comunicativa e educacional para surdos.

A reação punitiva de sua tia ao abuso, ao invés de oferecer apoio, e a dificuldade de Mário em expressar e compartilhar suas experiências devido ao medo de rejeição e fofoca, destacam uma cultura de silenciamento e estigmatização das vítimas. Esta formação discursiva enfatiza as barreiras adicionais enfrentadas por surdos em situações de abuso.

Os dispositivos de poder nas experiências relatadas por Mário são evidenciados na exploração de sua vulnerabilidade por adultos abusivos e pelo subsequente silenciamento por membros da família. Este silenciamento atua como um mecanismo de poder que perpetua o abuso e impede a obtenção de apoio.

Adicionalmente, a rejeição inicial de sua identidade gay pela família, embora eventualmente superada, reflete as dinâmicas de poder relacionadas à orientação sexual e a busca por aceitação. A adoção de esportes por Mário sugere uma forma de reivindicar poder sobre seu próprio bem-estar e recuperação.

Mário gera reflexões sobre o impacto do abuso sexual, a complexidade da comunicação em contextos de surdez, e o processo de recuperação e resiliência. Suas lutas contínuas com a depressão destacam a persistência do trauma, enquanto sua participação em atividades esportivas indica um caminho para a superação e o autocuidado.

A eventual aceitação de sua orientação sexual pela família reflete uma mudança nas relações de poder e aceitação, ilustrando a importância do suporte familiar e da compreensão para a cura.

O discurso de Mário ressalta a necessidade crítica de recursos de apoio que sejam acessíveis e sensíveis às necessidades de pessoas surdas, bem como a importância de abordagens educacionais inclusivas que abordem a sexualidade e o abuso de maneira eficaz e compreensiva.

#### **4.2.9. ENTREVISTA – DORIANA**

O discurso de Doriana traz uma narrativa pessoal marcada por um vocabulário direto e simples, evidenciando uma comunicação clara sobre temas complexos e delicados. Palavras e frases são empregadas para descrever experiências traumáticas de forma detalhada, como "abusada", "me tocar nos seios e nas minhas partes íntimas", "doer muito". A escolha lexical reflete a tentativa de expressar sentimentos de dor, medo, e vulnerabilidade, além de uma tentativa de processar e compartilhar experiências traumáticas. As estruturas sintáticas utilizadas são predominantemente diretas, facilitando a compreensão do relato e a transmissão da gravidade dos fatos vivenciados.

Este discurso se insere em formações discursivas que abordam violência sexual, abuso de poder, e a condição de vulnerabilidade de pessoas surdas. Destaca-se a temática do silenciamento e da desinformação sobre sexualidade e abuso sexual, especialmente no contexto de jovens surdos.

O relato de Doriana também toca na dificuldade de acesso à informação e na vulnerabilidade aumentada devido à desinformação, ressoando com discursos mais



amplios sobre os direitos das pessoas com deficiência e a necessidade de proteção e educação sexual inclusiva.

Os dispositivos de poder manifestam-se no discurso por meio da descrição de relações de dominação e subordinação, especialmente na dinâmica entre a vítima e o abusador. O abusador utiliza sua posição de poder dentro da família e o isolamento comunicativo da vítima para perpetrar o abuso.

A narrativa evidencia como o poder pode ser exercido através do medo, da ameaça, e da exploração da vulnerabilidade da vítima. A intervenção da autoridade policial e o processo de denúncia também são apresentados como formas de exercício do poder, neste caso, visando à proteção da vítima e à punição do agressor.

O discurso produz efeitos de sentido que contribuem para a compreensão das complexidades envolvidas no abuso sexual de pessoas surdas. Ele evidencia o impacto psicológico profundo do abuso, como medo, desconfiança, e trauma, além de refletir sobre o processo de recuperação e a busca por normalidade após experiências traumáticas.

#### **4.2.10. ANÁLISE PSICANALÍTICA DOS DISCURSOS**

A abordagem psicanalítica na análise de discursos se fundamenta na integração dos conceitos previamente explorados, englobando tanto a manipulação dos dados quanto a elaboração do embasamento teórico para pesquisas que adotam a perspectiva de Lacan. No âmbito das pesquisas em ciências sociais aplicadas, observou-se que a Análise do Discurso (AD) e a psicanálise ganham terreno pela sua viabilidade; contudo, a aplicação dessas abordagens nos estudos pode ser realizada de maneira inadequada. Salienta-se a necessidade de refletir sobre a metodologia de pesquisa adotada neste caminho qualitativo e profundo. As metodologias de acesso aos discursos, devido à sua natureza frágil, exigem uma atenção meticulosa ao processamento dos dados.

Com um corpus extenso, a AD, a psicanálise e o foco do fenômeno em estudo nas ciências sociais aplicadas requerem um alinhamento conceitual detalhado, desafiador devido à complexidade dos escritos de Lacan. A análise psicanalítica de discursos busca realçar a subjetividade e as vozes presentes no discurso, tanto no que é explicitamente expresso quanto no implícito.

Apesar de a psicologia considerar a abordagem lacaniana como um desenvolvimento recente e em crescimento, os teóricos que influenciam Lacan estão presentes nas ciências sociais aplicadas há bastante tempo, evidenciando a compatibilidade da psicanálise lacaniana com o campo da psicologia.

A posição da psicanálise, da AD e, conseqüentemente, da análise psicanalítica de discurso nas pesquisas de ciências sociais aplicadas ainda apresenta certa ambigüidade. Mesmo com a epistemologia desses campos fundamentada na interdisciplinaridade, a interação entre as áreas e os fenômenos administrativos tende a ser polarizada. Portanto, estabelecer conexões representa um desafio que pode exigir tanto um resgate teórico quanto a ousadia de criar novas pontes sem bases pré-estabelecidas (Arnaud & Vidaillet, 2017).

Persiste também a discussão, por vezes improdutiva, sobre os impactos das pesquisas quantitativas em comparação às qualitativas. A precisão na conduta e no processamento dos dados exigida do pesquisador que adota uma abordagem qualitativa é comparável à requerida nas abordagens quantitativas.

Independentemente de ser um pesquisador ou parte do fenômeno estudado, adotar uma postura de investigação psicanalítica sem assumir o papel de analista clínico, seja ele um analista ou não, é crucial e necessário. A inclusão da psicanálise nas pesquisas em linguística visa a superar a predominância dos estudos quantitativos, atuando como uma força metodológica, cultural e social que desafia os paradigmas tradicionais.

A prática da análise psicanalítica de discursos demanda um rigor metodológico específico. O pesquisador deve se engajar ativamente na pesquisa, mantendo uma postura cuidadosa em relação ao fenômeno e aos sujeitos envolvidos, sem introduzir interpretações pessoais. A compreensão e a recuperação dos conceitos teóricos são essenciais nesse contexto.

Após analisar os ditos dos sujeitos fornecidas e considerando a teoria psicanalítica de Jacques Lacan, podemos identificar como os discursos dos entrevistados interagem com os conceitos lacanianos de desejo, o Outro, e o simbólico. Lacan postula que o inconsciente é estruturado como uma língua e que nossa identidade e desejos são formados em relação ao "Outro", uma entidade que simboliza as normas sociais, a língua, e a lei.

Maria, por exemplo, destaca a falta de responsabilidade das famílias na educação sexual de jovens surdos, apontando para uma falha no simbólico, na medida em que as estruturas familiares e sociais falham em transmitir conhecimento essencial sobre sexualidade.

A partir de Lacan (2004, p.32), poderíamos entender que os jovens surdos se encontram numa posição onde o desejo por conhecimento e compreensão sobre sexualidade é negado pelo Outro, neste caso, as famílias e a sociedade que não fornecem a educação necessária. Maria desafia esse déficit educacional ao enfatizar a necessidade de diálogo sobre sexualidade dentro do ambiente familiar, tentando reestruturar o simbólico para incluir informações essenciais que foram omitidas.

Outro exemplo significativo é o de Joana, que expressa um sentimento de abandono e desamparo, decorrente do abuso sexual intrafamiliar. O trauma vivenciado por Joana pode ser entendido através da psicanálise lacaniana como uma ruptura brutal com o simbólico, onde a lei e a proteção que deveriam ser garantidas pelo Outro (a família) são substituídas pela violência e pelo abuso. A busca de Joana por reconhecimento e justiça reflete um esforço para restabelecer a ordem simbólica que foi quebrada pelo ato de abuso.

André compartilha sua experiência de não entender completamente conceitos de sexo, assédio, e estupro devido à falta de educação sexual acessível, refletindo um conflito entre o imaginário e o simbólico. A interpretação lacaniana poderia ver a jornada de André como uma busca por significado dentro do simbólico que é dificultada pela falta de um discurso acessível sobre sexualidade que reconheça suas necessidades específicas como surdo.

A análise lacaniana destes ditos dos sujeitos sublinha a importância do simbólico na formação da identidade e no processamento de experiências traumáticas. Os entrevistados, através de seus discursos, buscam maneiras de reinterpretar e reinscrever suas experiências dentro do simbólico, seja através da educação sexual, do reconhecimento do trauma, ou da reivindicação de suas identidades e desejos.

A luta contra o silenciamento, a marginalização e a língua que possa expressar adequadamente suas experiências refletem o desejo incessante de serem reconhecidos e compreendidos pelo Outro.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise do estudo, composto por entrevistas com pessoas surdas sobre o tema do abuso sexual, ficou evidente a complexidade das relações entre o sujeito surdo e a questão do abuso na comunidade surda. Diversas problemáticas emergiram, revelando as intersecções entre a história de repressão do sujeito surdo, os efeitos de sentido do abuso sexual na comunidade surda, as imagens sobre o sujeito surdo e ouvinte, e as relações de poder presentes em relações abusivas.

Maria enfatiza a importância da educação sexual dentro do ambiente familiar, destacando uma lacuna significativa na comunicação sobre sexualidade, especialmente para jovens surdos. A análise revela uma crítica à falha das estruturas familiares e educacionais em fornecer informações acessíveis e adequadas, sugerindo uma necessidade de diálogo aberto e responsabilidade compartilhada entre famílias e instituições educacionais.

Matilde traz à tona uma experiência traumática de abuso sexual, ressaltando a falha das estruturas de apoio familiar e educacional. A análise aponta para a necessidade crítica de suporte emocional, educação sexual inclusiva e sistemas de proteção eficazes para vítimas de abuso, especialmente em ambientes que carecem de comunicação acessível para surdos.

Joana destaca a falta de educação e comunicação sobre sexualidade dentro de sua família, ressaltando a importância da escola especializada como compensação para essa lacuna. A análise sugere que a educação sexual adaptada e acessível é fundamental para superar barreiras de comunicação e informação, promovendo um entendimento abrangente sobre sexualidade e proteção.

Ruana compartilha experiências traumáticas de abuso sexual e dinâmicas de relacionamento abusivo, sublinhando a falta de comunicação eficaz e educação sexual adequada. A análise enfatiza a necessidade de abordagens de educação sexual que considerem as barreiras específicas enfrentadas por surdos, promovendo um ambiente de compreensão, respeito e consentimento.

André discute a importância da comunicação adaptável na educação sexual e compartilha suas experiências com abuso sexual, destacando a dificuldade de reconhecimento e proteção contra abusos. A análise reforça a necessidade de educação sexual inclusiva que aborde explicitamente conceitos de assédio e

consentimento, equipando jovens surdos com o conhecimento e a capacidade de protegerem-se.

João revela as complexidades da comunicação sobre sexualidade e abuso, particularmente para indivíduos surdos. A análise sugere uma urgente necessidade de diálogo aberto, educação sexual acessível e suporte para vítimas de abuso dentro da comunidade surda, visando reduzir o estigma e promover a resiliência.

Joana fornece um relato íntimo de abuso sexual intrafamiliar, expressando angústia e complexidade na dinâmica familiar. A análise aponta para o silêncio e o segredo como barreiras significativas à justiça e recuperação, destacando a importância do suporte fraternal e do processo de reconciliação e perdão.

Mário compartilha suas experiências traumáticas de abuso sexual, enfatizando as barreiras comunicativas e educacionais para surdos. A análise ressalta a importância de recursos de apoio acessíveis e sensíveis às necessidades de pessoas surdas, bem como a necessidade de abordagens educacionais inclusivas que abordem eficazmente a sexualidade e o abuso.

As entrevistas coletivamente ilustram a complexidade das experiências relacionadas à sexualidade, abuso sexual e educação sexual, particularmente no contexto de indivíduos surdos. Três temas principais emergem da análise: a falta de comunicação eficaz e educação sexual inclusiva, o impacto do abuso sexual e a importância do suporte emocional e social. Uma lacuna significativa na comunicação e na educação sobre sexualidade é evidente nas narrativas.

Há uma necessidade urgente de desenvolver e implementar programas de educação sexual que sejam não apenas inclusivos, mas também acessíveis a indivíduos surdos, utilizando língua de sinais e outros meios adaptativos de comunicação. Isso sublinha a importância de garantir que informações cruciais sobre sexualidade, consentimento e proteção contra abusos sejam compreensíveis e acessíveis, promovendo uma compreensão abrangente e respeitosa da sexualidade.

Uma das questões centrais que se destacou foi a falta de informação e comunicação adequada nas famílias dos surdos. Muitas crianças surdas cresceram com pouca ou nenhuma orientação sobre sua sexualidade e seus direitos, o que as deixa vulneráveis a situações de abuso.

A ausência de conhecimento sobre o próprio corpo e os limites saudáveis de interação contribuíram para a perpetuação de abusos, que muitas vezes são disfarçados sob o véu da brincadeira.

A comunicação também se mostrou um desafio significativo na vida dos surdos. A falta de fluência em Libras por parte de seus familiares gerou uma lacuna na comunicação e na transmissão de informações essenciais sobre sexualidade e proteção. Além disso, a invisibilidade da Língua de Sinais Brasileira nas escolas e na sociedade em geral criou barreiras adicionais para a educação adequada dos surdos sobre esses assuntos.

Outro ponto relevante foi a percepção da figura do sujeito abusador, muitas vezes mascarada por relações de poder e autoridade. Os abusos ocorreram em contextos familiares, escolares e até mesmo profissionais, onde a figura do professor foi envolvida em atitudes inadequadas com seus alunos surdos. Essas situações geraram confusão nos sujeitos abusados, que não compreendiam completamente o que estava acontecendo, reforçando o papel da inocência infantil nesse contexto.

As diferentes imagens construídas sobre o sujeito surdo e ouvinte também desempenharam um papel importante na compreensão dessas questões. A imagem de fragilidade e dependência associada aos surdos contribuiu para a desvalorização de suas experiências e sentimentos, dificultando a percepção de que estavam sendo vítimas de abuso. Por outro lado, a imagem de poder e autoridade atribuída ao sujeito abusador muitas vezes levou à aceitação passiva das situações abusivas.

Em suma, a análise do corpus revelou a urgência de promover uma maior conscientização e educação sobre sexualidade e abuso na comunidade surda. É essencial que as famílias, escolas e a sociedade como um todo reconheçam a importância de oferecer informações e comunicação adequada aos surdos desde a infância, para que possam se proteger e tomar decisões informadas sobre suas vidas.

Além disso, é fundamental combater estereótipos e preconceitos que contribuem para a perpetuação do abuso e da violência contra os surdos. É necessário empoderar os sujeitos surdos, promovendo sua autonomia e capacidade de se expressar, para que possam denunciar abusos e lutar por seus direitos.

A resiliência e a busca por justiça e compreensão manifestadas nos relatos ressaltam a necessidade de um forte apoio emocional e social. Famílias, escolas e comunidades devem atuar como redes de suporte que não apenas protegem os surdos de abusos, mas também promovem sua saúde emocional e bem-estar. O envolvimento de profissionais treinados, como conselheiros e terapeutas especializados, pode oferecer o suporte necessário para lidar com o trauma do abuso e facilitar a recuperação

A prevenção e combate ao abuso sexual de pessoas surdas exige educação, conscientização e políticas públicas inclusivas. É fundamental capacitar professores, familiares e profissionais de saúde para oferecer informações acessíveis sobre sexualidade e proteção desde a infância, utilizando Libras e materiais adaptados.

O fortalecimento de redes de apoio, com a presença de intérpretes em serviços de proteção e a criação de centros especializados, é essencial para garantir suporte emocional e jurídico adequado. Inovações tecnológicas, como aplicativos de denúncia em Libras, podem facilitar o acesso à justiça e à proteção. A articulação de políticas públicas, educação e envolvimento da comunidade surda é vital para construir uma sociedade mais inclusiva, capaz de proteger suas minorias e assegurar que suas vozes sejam ouvidas e respeitadas.

Por fim, é preciso reforçar a importância da escuta ativa e do respeito à diversidade na construção de uma sociedade mais inclusiva e justa para todos. Somente através de uma abordagem empática e comprometida com o bem-estar dos sujeitos surdos poderemos garantir que eles sejam protegidos de abusos e que suas vozes sejam ouvidas e respeitadas.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

ALVES, Elizabete Gonçalves; FRASSETTO, Silvana Soriano. Libras e o desenvolvimento de pessoas surdas. Aletheia, n. 46, 2015.

ANDERSON, M. L., & Leigh, I. W. (2011). Intimate partner violence against deaf female college students. *Violence Against Women*, 17(7) 822-834. <https://doi.org/10.1177/1077801211412544>.

ARNAUD, G.; VIDAILLET, B. (2017). *Clinical and Critical: the Lacanian Contribution to Management and Organization Studies*. Organization. SAGE Publications. pp. 1-29

ASSIS SILVA, César Augusto. *Cultura surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade*. Editora Terceiro Nome, 2019.

BATES, L., Delgado, C., & Simms, L. (2016). Understanding sexual violence against women with disabilities. *Journal of Forensic Nursing*, 12(1), 25-32. doi: 10.1097/JFN.0000000000000108

BAUMAN, H.-D. L., & Murray, J. J. (2010). Deaf Studies in the 21st Century: “Deaf-Gain” and the Future of Human Diversity. In Annelies Kusters (Ed.), *Deaf Gain: Raising the Stakes for Human Diversity* (pp. 23-33). University of Minnesota.

BENOIT, J., Shumka, L., Vallance, K., Hallgrimsdottir, H., & Jansson, M. (2017). Social determinants of health and safety in Canadian agriculture: A national survey. *Journal of Agromedicine*, 22(1), 15-24. doi: 10.1080/1059924X.2016.1241373

BENTO, I. C. B. (2005). *Educação preventiva em sexualidade, ist/aids para o surdo através da pesquisa/ação* (Tese de doutorado). Escola de Enfermagem de Riberão Preto, Universidade de São Paulo, Riberão Preto, SP.

BOUCHOUCHA, S. L., Kassis, C., Lafrance, M., Lafortune, V., & Hébert, M. (2016). Victimization and posttraumatic reactions in deaf adults who experience sexual violence. *Journal of Child Sexual Abuse*, 25(5), 558-576. doi: 10.1080/10538712.2016.1172414

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2002.

BROWNRIDGE, D. A., & Halli, S. S. (2002). Understanding sexual violence against women with sensory disabilities. *Violence Against Women*, 8(12), 1532-1550. doi: 10.1177/107780102237407

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2006.

CLINE, K. D., & Baldwin, J. M. (2015). *Deaf Culture, Language, and Identity*. Oxford University Press.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. (2017). *Manual de Comunicação e Justiça: Pessoa com Deficiência*.



CORREIA, Luana Paula de Figueiredo; FERREIRA, Márcia de Assunção. Atenção à saúde de pessoas surdas em tempos de pandemias por coronavírus. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 75, 2021.

DELLA LATTA, fernando. neurolinguística forense no tribunal do júri: interface com ouvintes, surdos e intérpretes de libras. no3 junho de 2021, p. 57.

DUVAL, J., Nadeau, L., & Proulx, G. (2013). Physical and sexual abuse against deaf and hard-of-hearing individuals: A review

FAIRCLOUGH, N. (2001). *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

FAIRCLOUGH, Norman; WODAK, Ruth. *Critical Discourse Analysis*. In: VAN DIJK, Teun A. (ed.). *Discourse Studies: A Multidisciplinary Introduction*. London: Sage Publications, 1997. p. 258-284.

FINKELHOR, D. (1984). *Child Sexual Abuse: New Theory and Research*. Free Press.

GLICKMAN, N. S. (2013). Understanding Violence and Abuse. *The Gallaudet Encyclopedia of Deaf People and Deafness*, Volume 3. Oxford University Press.

HARRINGTON, M. (2010). *Deafening modernism: Embodied language and visual poetics in American literature*. NYU Press.

HINTERMAIR, M. (2013). Sexual education of deaf and hard-of-hearing students: A study of instructional practices. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 18(3), 430-447. doi: 10.1093/deafed/ent011

HUMPHRIES, T. (2005). Audism: The making of a word. *American Annals of the Deaf*, 150(4), 332-343.

JOB, J. (2004). Factors involved in the ineffective dissemination of sexuality information to individuals who are deaf or hard of hearing. *American Annals of the Deaf*, 149(3), 264-273. <https://doi.org/10.1353/aad.2004.0025>  
<https://doi.org/10.1353/aad.2004.0025>.

JUNIOR, Almeida et al. *A curatela como instrumento de apoio à emancipação da pessoa com deficiência intelectual*, 2018.

KAMMOUN, S., & Turki, M. (2019). A comparative study between Tunisian sign language and American sign language. *Heliyon*, 5(9), e02483.

KRAUSE, Keli. *Feminismos surdos, deficiências e políticas públicas*. *Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades*, v. 5, 2017.

KVAM, M. H., Loeb, M., & Tambs-Lyche, H. (2006). Sexual abuse and lifetime diagnosis of psychiatric disorders: Systematic review and meta-analysis. *BMC Psychiatry*, 6(1), 1-11.

LACAN, J. (2004). *Le séminaire: Livre 10: L'angoisse*. Paris: Seuil. (Originalmente publicado em 1962-1963).

LACERDA, C. B. F. (2006). *A educação de surdos no Brasil*. Campinas: Autores Associados.

LADD, P. (2003). Understanding Deaf Culture: In Search of Deafhood. *Multilingual Matters*.

LANE, H. (1992). *The Mask of Benevolence: Disabling the Deaf Community*. Random House LLC.

LIMA, K. J. S. (2019). O abuso sexual contra pessoas com deficiência intelectual no Brasil: uma revisão sistemática da literatura. *Revista Kairós Gerontologia*, 22(3), 221-240.

LOPES, Sonia de Castro; FREITAS, Geise de Moura. A construção do projeto bilíngue para surdos no Instituto Nacional de Educação de Surdos na década de 1990. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 97, p. 372-386, 2016.

MACHADO, Laeda Bezerra; DAVI, Maria Luciana. O papel de mães frente à educação e inclusão de estudantes surdos em tempos de pandemia. *Revista diálogos e perspectivas em educação especial*, v. 8, n. 1, p. 55-70, 2021.

MAGNUSSON, L. (2011). Sexual abuse of deaf persons: A review. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 16(3), 306-318.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2008.  
MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1997.

MARSCHARK, M., & Spencer, P. E. (2011). *Oxford Handbook of Deaf Studies, Language, and Education*. Oxford University Press.

MCCONKEY, R., & Ryan, J. (2013). Sexual abuse of adults with intellectual disabilities: a review. *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities*, 26(4), 295-305.

MCNEIL, K., & Singleton, J. L. (2017). Language deprivation syndrome: A possible neurodevelopmental disorder with sociocultural origins. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 52(12), 1451-1464. doi: 10.1007/s00127-017-1414-z.

MOELLER, K., & O'Hearn, A. (2012). Deaf children and sexual abuse: A Review of the literature. *Journal of Child Sexual Abuse*, 21(1), 1-21. doi: 10.1080/10538712.2012.622147

MUSSALIM, M. C. M. BENTES, A. C. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez Editora, 2019.

NOGUEIRA, Tais Gentil et al. Inclusão do surdo no trabalho: diálogos sobre trajetórias e reconhecimento social. *Revista Baiana de Saúde Pública*, v. 44, n. 3, p. 36-55, 2020.

OLIVEIRA, Yanik Carla Araújo de et al. Conhecimento e fonte de informações de pessoas surdas sobre saúde e doença. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 19, p. 549-560, 2015.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 9. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. A análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988. p. 61-162.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

PEDROSA, CLEIDE. Entre a inclusão e a exclusão: caminhos da educação de surdos no Brasil. *Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades*, v. 7, n. 2, 2019.

PIRES, Edna Misseno; SILVA, Silvia Clemente. A ACESSIBILIDADE DA PESSOA SURDA AO PODER JUDICIÁRIO. *REVISTA UNIARAGUAIA*, v. 6, n. 6, p. 146-160, 2014.

POWELL, A., & Berman, R. (2001). Issues and Challenges in the Assessment and Treatment of Sexual Abuse and Trauma with Persons with Disabilities. In *Handbook of Sexual Assault and Sexual Assault Prevention* (pp. 459-480).

QUADROS, R. M. de ; KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. ArtMed. Porto Alegre, 2004.

RAMOS, Tâmara Silva; ALMEIDA, Maria Antonieta Pereira Tigre. A Importância do ensino de Libras: Relevância para Profissionais de Saúde. *ID on line. Revista de psicologia*, v. 10, n. 33, p. 116-126, 2017.

REICHLE, J., McComas, J., & Bausch, D. (2014). Sexual education for individuals who are deaf or hard of hearing. *American Annals of the Deaf*, 159(4), 400-411. doi: 10.1353/aad.2014.0031.

RIBEIRO, Viviane Lameu; BARBOSA, Raquel Lazzari Leite; MARTINS, Sandra Eli Sartoreto Oliveira. Pais ouvintes e filhos surdos: o lugar das famílias em propostas educacionais bilíngues. *Educação UFSM*, v. 44, 2019.

ROSA ZUCOLOTTI, Marcele Pereira; RUIZ, Luciana Rodrigues; PINHEIRO, Najara Ferrari. Reflexões sobre linguagem, sociedade e surdez. *Revista Uniabeu*, v. 12, n. 30, p. 134-147, 2019.

SHAKESPEARE-FINCH, J., & Jones, L. K. (2012). *Sexual violence against women with disabilities: Silence, stigma, and barriers to justice*. New York: Routledge.

SILVA, Pedro Henrique de Macedo et al. A família como fator de apoio à aquisição da libras por crianças surdas. 2021.

SOBSEY, D., & Doe, T. (1991). Patterns of sexual abuse and assault. *Sexuality and Disability*, 9(4), 243-259.

SOUZA, Jacqueline Crepaldi. Surdez e alteridade: expressões religiosas das crianças surdas. 2016.

STANG, Gabriela et al. População Surda: Direitos sociais e serviços de saúde. 2016.

STEINBERG, A. G., & Russo, N. F. (2009). Aggression in the lives of deaf and hard-of-hearing children. *Journal of deaf studies and deaf education*, 14(3), 372-387.

STEINBERG, A. G., Sullivan, V. J., & Loew, R. C. (1998). Cultural and linguistic barriers to mental health service access: The deaf consumer's perspective. *American Journal of Psychiatry*, 155(7), 982-984. doi: 10.1176/ajp.155.7.982

SULLIVAN, P. M. (2017). Child maltreatment in the deaf and hard of hearing population: a literature review. *Journal of child and family studies*, 26(10), 2766-2775.

SUTTON-SPENCE, R., & Woll, B. (1999). *The linguistics of British Sign Language: An introduction*. Cambridge University Press.

THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

WHO, & Pan American Health Organization. (2011). *World report on disability*. Geneva, Switzerland: WHO Press.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. (2016). *Understanding and addressing violence against women: sexual violence*.

YU, B., Chen, J., Jin, Y., Zhang, W., Feng, Y., & Zhao, X. (2017). The knowledge and skills related to sexual abuse prevention.

## ANEXOS

*Observação: Surdos apresentam uma estrutura de língua diferente da língua portuguesa. Por esse motivo, serão vistas muitas repetições, bem como “inadequações” se colocadas em análise da Gramática Normativa da Língua Portuguesa, o que se chama de norma-padrão.*

### **Entrevista 1 - Lara**

**A) Eu queria conversar com você sobre uma temática que muitas vezes é um tabu: o sexo. Muitas vezes, porque os surdos jovens não têm informação sobre esse assunto e acaba ficando desinformado. O que você acha sobre isso?**

“Na minha opinião, o que falta é as famílias terem a responsabilidade em ensinar seus filhos desde jovens, eles precisam aprender sobre esse assunto, entendeu!”

**B) Não sei se você sabe, mas algumas famílias de pais surdos acham que os filhos não conseguem entender sobre sexualidade nem precisam aprender sobre isso. O que você acha?**

“Bem, eu acho que primeiro tem que haver interesse dos próprios filhos né!? Eu sempre fui interessada em entender sobre essas coisas. Primeiramente eu acho que deve haver o respeito tanto dos filhos com os pais como dos pais com os filhos em relação a esse assunto, mas eu não acho que as coisas devem ser sem regras, sem disciplina, os pais precisam aconselhar os filhos sobre esse assunto. ”

**C) Quando você era mais jovem, por exemplo, com 13, 14 anos, você sabia alguma coisa sobre sexo?**

“Nessa idade eu não sabia muita coisa, não, na verdade, quase nada. Naquela época, eu não ficava prestando atenção nessas coisas, mas, com o tempo, eu fui aprendendo e fui amadurecendo sobre esse assunto, mais ou menos 15-16 anos. Minha mãe sempre me aconselhava sobre esse assunto. Ela me dizia que eu precisava ter cuidado com os homens safados que poderiam querer se aproveitar de mim ou querer abusar de mim. Então eu comecei a prestar atenção e ter

bastante cuidado em relação a isso e comecei a ter responsabilidade pessoal em relação a isso.

Eu aprendi que em uma relação precisa ter respeito e empatia. Sempre vejo nas redes sociais sobre a violência contra a mulher, vejo várias coisas, o exemplo de outras mulheres que sofrem violência e desrespeito. Fico admirada, pois as mulheres tomam coragem, se posicionam e dizem que homens e mulheres têm os mesmos direitos. Tudo isso me ensinou a ser uma mulher bem-sucedida e positiva. Minha mãe sempre me aconselhou. Às vezes eu não respeitava ela, mas hoje amadureci e entendi. Hoje eu já sei, porque tenho um filho e responsabilidade. ”

**D) Lembro que, quando fui professora, em um plano de ação sobre abuso, você me contou sobre uma experiência de abuso sexual. Você se lembra disso?**

“Vou contar um pouco da história da minha mãe. Eu sou filha do primeiro casamento dela. Meu pai era um homem honesto e trabalhador, livre de vícios. Me recordo que ele me levava para passear, tomar sorvete, mas depois ele ficou doente de câncer e faleceu. Minha mãe sofreu muito, sentia muita falta dele. Depois disso minha mãe teve vários relacionamentos, mudávamos de casa com frequência, porque esses homens bebiam muito, havia muitas brigas e conflitos. Meus irmãos são de diferentes pais.”

**E) E o seu atual padrasto?**

“Eu lembro de uma situação em que houve uma briga entre minha mãe e meu padrasto. Ele com raiva jogou um coco na cabeça da minha mãe, ela ficou com o rosto muito inchado. Eu avisei ela para largar dele, para ela ter uma iniciativa de viver a vida dela, mas isso é problema deles. Eu lembro quando eu cheguei da escola, umas 19:30 horas, nem minha mãe nem meus irmãos estavam em casa. Cheguei em casa e meu padrasto estava deitado no sofá bêbado. Quando eu vi, fiquei com medo, não suportava ele. Entrei no meu quarto, tirei minha roupa, meu quarto não tinha porta, só uma cortina, coloquei uma toalha e ia para o banheiro quando ele pegou pelo meu braço me jogou na cama e me abusou. Lutei, depois, consegui correr para o fundo da casa.

Ele veio atrás de mim e me agarrou de novo, eu gritei para minha tia que morava perto, ela ouviu. Eu disse para ela que ele tinha me abusado. Ela começou a gritar e a dizer que ele não podia fazer isso. Meu irmão chegou e ameaçou ligar para a polícia. Ele disse que não ligasse para polícia, por favor. Quando minha mãe chegou, falei tudo para ela. Eu disse que ele era um homem mal, que ele tinha me agarrado. Eles brigaram, mas minha mãe não quis deixar ele porque ela não tinha dinheiro para comprar as coisas para gente.

Ele e outros padrastos que tive também tinham o costume de ficar me brechando quando eu estava tomando banho. Minha mãe não estava em casa. Às vezes, quando eu percebia, abria a porta e espantava eles. Eu sempre vivia com medo. Eles sempre diziam que eu era bonita, que queriam transar comigo, eu sempre repudiava isso, me afastava. Todos os meus padrastos me assediaram de alguma forma, o único que foi educado e me respeitava foi meu pai, mas ele morreu logo, mas, graças a Deus, eu me casei e mudei de casa, foi um alívio. Mas nunca esqueci desses traumas.”

**F) Quem você acha que foram as pessoas que lhe ensinaram sobre como se proteger?**

Bem, eu tive o pastor da igreja, que me ensinava muitas coisas. Na escola, meus professores davam diferentes palestras sobre bullying, assédio e violência. Eu comecei a entender que não se pode aceitar esses comportamentos dos homens. Hoje eu penso no meu filho, eu tenho 23 anos, não quero que ele cresça sem informações. Quero que ele aprenda libras comigo e o pai dele, e a língua portuguesa com as tias dele, que são ouvintes. Espero um futuro positivo e feliz para ele.

**Entrevista 2 – Matilde**

**A) Quando você lembra sobre as primeiras dúvidas que teve sobre sexo, com quem conversou? A escola te ajudou de alguma forma a entender sobre a sexualidade?**

“Bem, não tive muita informação da minha família. Minha mãe separou-se do meu pai e casou com outro homem. Depois de um tempo, minha mãe faleceu e eu não

conhecia o meu pai. Por isso fui criada pelo meu padrasto que casou com outra mulher, mas ele não era bom, era ruim.

Infelizmente foi ele quem tirou minha virgindade, mas não sabia de nada, culpa dele. Ele mexia em mim, transava comigo. Eu tinha 14 anos e não gostava.

Meu pai biológico morreu e minha mãe também morreu. Eu fiquei sozinha.

Eu sempre desconfiava que havia algo errado. Ele usava drogas, bebia muito e abusava de mim, depois descobriram. Foi muita briga e discussão e em 2020 foi feita a denúncia do estupro, mas minha família me culpou, disse que eu era fofqueira, mas não fui eu, foi minha madrasta. Eu não disse nada. Meu padrasto me ameaçou, disse que, se eu contasse para polícia, ele iria me matar, eu tinha muito medo.

Em 2022, não aguentei mais viver com eles e me mudei para casa do meu tio aqui no interior em Rio Preto da Eva. Aqui é muito bom, sinto carinho, são muito religiosos, também me batizei. Agora eu me sinto em paz e aliviada. Sou feliz agora.”

#### **B) Você já usou algum tipo de anticoncepcional?**

“Não, não. Nunca usei. Não conheço.”

#### **Entrevista 3 - Joana**

##### **A) Quando você lembra sobre as primeiras dúvidas que teve sobre sexo, com quem conversou? A escola ou a família te ajudou de alguma forma a entender sobre a sexualidade?**

“Minha família nunca me ensinou nada. Era muito difícil a comunicação com ela, mas, quando eu comecei a estudar na escola de surdos, foi que comecei a aprender sobre os cuidados ao ter relação, como usar camisinha. Minha família em casa não me ensinava nunca, havia discussões que eu não entendia nada, eu queria pegar tudo isso e jogar para trás (queria esquecer essas lembranças).

Eles têm uma teimosia em sempre querer falar comigo em português, eu não entendo, mas como eu podia entender?

Até que, na escola Augusto Carneiro dos Santos, os professores me ensinaram a questão da prevenção da gravidez na adolescência, o uso de camisinha e outras



temáticas sobre sexualidade. Eu lembro, uma vez, que vi uma jovem grávida na escola, cheguei com ela e perguntei qual a sua idade. Ela respondeu '15 anos'. Fiquei admirada, mas eu não estava praticando bullying contra ela. Ela me disse que sua família não lhe ensinou nada, então fez sexo sem segurança. Tomei isso para mim.

Tempos depois, quando iniciei meu primeiro namoro, deixei claro que precisava iniciar camisinha, mas aconteceu e engravidei. Comecei a sentir enjoos e descobri que estava grávida. Minha família ficou muito chateada, meus amigos na escola também ficaram falando, foi uma época muito difícil, depois todos se acostumaram. Hoje minha família se arrependeu e todos amam meu filho. ”

**B) Lembro que, quando fui professora, em um plano de ação sobre abuso, você me contou sobre uma experiência de abuso sexual. Você se lembra disso?**

“Lembro que, quando eu tinha 10 anos, a minha família era muito mal, me batia com murros. Eles me proibiram de sair na rua, passear e de namorar. Eu tinha que ficar em casa, presa. Meu irmão, que era ouvinte, podia sair, ele era livre. Eu tinha que ficar presa em casa, apanhando, não tinha comunicação com eles. Meus irmãos, uma vez, me deixaram com olho roxo e me bateram nas costas. Outra coisa foi sobre o meu primo, o José, ele tinha 29 anos. Ele era mal, tentava me pegar, me afastava dele, ele queria me penetrar.

Dizia para ele que ele ia ser preso, mas não adiantava ele sempre passava a mão nas minhas partes íntimas quase todos os dias, e a minha tia era falsa, fingia que nada acontecia. Nunca aceitei aquilo, eu falava para minha avó, até que ele aprontou feio em casa e expulsaram ele de casa.

Antes de ir embora, ele disse que, se eu fosse contar na polícia, iria me matar. Ele foi embora, hoje ele se casou e tem um filho.

Minha família era falsa, eles sabiam que meu primo me molestava, eles eram falsos. Talvez seja porque eu sou adotada, minha mãe me abandonou quando era pequena. Minha avó quem me criou. Me recordo que todos saíam de casa, minha tia, minha avó, meu irmão, eu ficava sozinha. Tempos depois, meu primo ficava mandando mensagem, oferecendo 30 reais para eu transar com ele.

Nunca aceitei, tinha nojo. Minha família era tão ocupada, não ligava para mim. Minha família não é boa.

Nunca houve penetração, eu sempre consegui afastar ele, consegui me manter virgem. Na época eu não sabia de nada, poderia ter denunciado, mas eu perdi a oportunidade. Eu já contei todas essas histórias para meu marido, ele sabe desse passado.

Outra situação foi com o marido da minha avó, meu padrasto, ele também me molestava. Meu avô, meu padrasto, no passado, eram muito ruins. Eu falava para minha avó, ela sabe. Eu chegava em casa e ele ficava mostrando o pênis dele, eu corria para meu quarto. Isso era um absurdo.

Perguntei para uma amiga que era adotada se ela já tinha sido tocada por alguém no corpo dela assim, ela disse que não, a família dela protegia ela, dava carinho. Ela ficou com pena de mim e disse 'Como puderam permitir isso!? Seu primo era um marginal mesmo'. Eu concordo com ela, mas minha família é falsa. Uma vez eu falei para uma pessoa na escola o que aconteceu no passado e chamaram minha mãe, mas ela disse que era tudo mentira. Eu não acreditei.

Família falsa, eu concordo com isso. Para ela, a única coisa que importava era minha virgindade, ela às vezes fazia com que eu abrisse a perna para ver se meu hímen estava intacto, ela bisbilhotava minha vagina, afinal, ela era responsável por mim. Ela sempre me levava e trazia da escola desde de pequena, cuidava de mim, era muito preocupada comigo.”

### **C) Aconteceu novamente outro abuso?**

“Aconteceram só esses que lhe falei. Ah, não! Lembrei de outra coisa, tem uma outra pessoa, mas não lembro o nome. Um foi meu primo que lhe falei e outro era o meu tio. Os dois ficavam rindo de mim, achavam que eu não sabia de nada.

Eu não sei de nada? Jamais. Sei. Cresci e hoje entendo aquelas conversas. Falei para minha família, mas eles dizem que sou mentirosa, que estou inventando. Eu disse pra eles que pararem de mentir. Eles me chamam de surda doida.

Meu tio me mandava mensagem oferecendo dinheiro para eu transar com ele, mandava fotos do pênis dele, pedia fotos do meu corpo. Eu nunca respondia, ficava calada. Minha família acha que eu estava mentindo, mas eles são livres para pensarem o que quiserem.

Deus está vendo que eles estão errados. Eu engravidei, mas não queria, queria terminar meu ensino médio para fazer uma faculdade. Estou tomando injeção, porque ele quer (relacionamento atual) que eu engravide novamente. Já percebi que ele só quer marcar território, um sentimento de posse, como se a gravidez fizesse com que eu só fosse só dele, ele é esperto. Quando engravidei, foi porque (meu primeiro namorado) ele estava com ciúme e muita raiva, ele me pegou com força e transou comigo sem camisinha. Engravidei e ele parou com ciúme, houve paz. Muito difícil. No passado havia muitas discussões na minha família, mas agora já tenho paz. ”

#### **Entrevista 4 - Ruana**

**A) Quando você lembra sobre as primeiras dúvidas que teve sobre sexo, com quem conversou? A escola ou a família te ajudou de alguma forma a entender sobre a sexualidade?**

“Me lembro, quando eu tinha 12 anos, dentro da escola pública onde eu estudava, que fui ao banheiro, lá embaixo, e tinha uma menina com dois meninos. Os dois estavam pegando no corpo da menina, eu corri assustada. Foi a primeira vez que presenciei aquela situação. Eu, de 13 a 15 anos, não sabia nada sobre sexualidade, mas depois, quando fui ficando mais velha, minha mãe me dizia para ter cuidado para não ficar grávida, senão ela ia chamar a polícia. Eu tinha muito medo de transar sem camisinha e ficar grávida.

Eu não entendia essa questão de gravidez, como ocorria.

Quando eu tinha 18 anos, comecei a sair com meus amigos para vários lugares, mas eu era muito inocente, não conseguia me comunicar com os ouvintes, utilizava mímicas. Estávamos em quatro amigos ouvintes, só eu era surda. Um rapaz fez uma mímica: “vamos transar”, “beijinho”. Não entendi. Ele me chamou para perto de umas árvores, eu disse que não queria ir, ele ficou insistindo, insistindo, pegou no meu braço e foi me levando, ele era um moleque safado, entendia das coisas, ficou me beijando, beijando. Ele me levou para um lugar escondido, tinha um gramado, eu falei que não ia sentar, ele tirou a camisa e colocou no chão, eu sentei, só lembro dele em cima de mim, senti uma dor e vi muito sangue saindo, empurrei ele porque doía e saí correndo. Foi assim que perdi a minha virgindade, eu não entendia o que

estava acontecendo, eu tinha 18 anos quando ocorreu, mas nunca mais vi aquele rapaz, eu não tinha sentimentos por ele. Foi uma história do meu passado. ”

**B) Você me disse que foi casada. Como era sua relação com seu ex-marido?**

“Eu casei com 25 anos, ele tinha 24, ele bebia, me batia e depois me forçava a fazer sexo com ele. Ele não tinha maturidade. Todo dia, ele ia para a praça da saudade beber com outros surdos. Ele chegava em casa bêbado.

Eu estava dormindo cansada de limpar a casa e cuidar das crianças, ele me assustava, mas eu empurrava ele da cama, sentia nojo do cheiro de bebida e sujeira. Consegui me sair de várias situações. Uma vez, quase ele me acerta com uma faca, foi por pouco. Outra vez, ele estava me batendo e foi me empurrando em direção às escadas, eu caí de lá e fiquei muito machucada. Com o tempo, meu amor por ele foi diminuindo, terminei com ele e voltei para casa da minha família. Eu nunca denunciei ele na polícia, deixei pra lá.”

**Entrevista 5 - (André)**

**A) Quando você lembra sobre as primeiras dúvidas que teve sobre sexo, com quem conversou? A escola ou a família te ajudou de alguma forma a entender sobre a sexualidade?**

“Minha mãe no passado já havia me explicado, me aconselhado. Ela não sabe libras, mas ela escrevia o que queria dizer no celular ou ela falava mesmo. Eu sei ler lábios um pouco e, dessa forma, nos comunicamos. Me recordo que, quando eu tinha 8 anos, eu já tinha visto essa palavra (sexo), mas não sabia o que significava e deixei para lá. Quando eu fiz 13 anos perguntei pra minha mãe o que significava a palavra sexo. Então, minha mãe fez um texto para mim, explicando, e eu entendi. Depois, mostrei para a intérprete o texto, ela complementou o que havia entendido da explicação da mamãe.”

**B) O que você entende sobre abuso sexual?**

“Às vezes algumas mulheres inocentes sobre o assunto são abusadas por homens maus, o padrasto abusa enquanto a mãe não está em casa. As mulheres têm cuidado com o HIV, porque, através das relações sexuais, pode transmitir o vírus.

Precisa difundir informações sobre essa temática para as alunas adolescentes. Elas precisam entender que isso não é uma brincadeira, é um assunto sério, mas eu percebo que muitos surdos, quando são jovens, não entendem o significado da palavra sexo, assédio, estupro. Por isso precisam aprender sobre os perigos e saber como se defender. Quanto mais aprendermos sobre esses assuntos, mais poderemos evitar os casos de abuso sexual.

Em uma escola onde estudei no primeiro ano, eu presenciei o professor de geografia, um homem velho já, brincando com as meninas surdas de 13, 14 anos, dando tapa na bunda das meninas, abraçava elas, tocava elas, riam, achavam uma brincadeira entre elas e o professor. Foi a primeira vez que vi aquilo. Conversei com elas, mas elas nem ligaram, disseram que era brincadeira. Fiquei indignado e percebi que elas não entendiam o que era a palavra assédio. Aquilo não era uma brincadeira, fiquei indignado. Ele era esperto, enganava elas, não suportava aquele professor, me dava nojo.”

**C) Hoje você entende o significado de abuso, mas você tem alguma lembrança de algum tipo de abuso contra você?**

“Já aconteceu comigo no passado, um primo mais velho meu, ele gostava de me abraçar, de ficar roçando em mim de roupa mesmo, achava aquilo estranho. Ele fazia com outros primos também, eu não entendia porque ele fazia aquilo, como tinha coragem, mas a minha família não sabia. Quando estava perto dos meus tios, brincávamos normal, mas, quando estávamos sozinhos, era diferente das brincadeiras.”

**D) Mas seu primo abusou de você?**

“Nunca, eu sempre tomei cuidado. Minha mãe sempre me ensinou a ter cuidado e saber me proteger, mas eu lembro que, quando eu tinha 8 ou 9 anos, minha família tinha viajado, ficamos eu e meu tio, sozinhos em casa. Ele fez sexo comigo, pegou minha mão e colocou no pênis dele. Ficou segurando a minha mão para passar no pênis dele e me fez masturbá-lo.

Na hora que aconteceu, eu fiquei com muito medo dele, ele me beijava e tocava pelo meu corpo todo. Depois eu senti muita vergonha, nunca disse nada para minha mãe, eu me calei, aguentei. Ela nunca soube disso, ela não pode nunca saber

disso. Ele é irmão da minha mãe, não quero confusão com minha família, por isso não disse nada.

Hoje em dia meu tio, como se nada tivesse acontecido, às vezes, vai lá em casa, mas nunca conversamos sobre o assunto. Eu cumprimento ele normalmente, percebo que ele tem muito medo que eu conte, mas eu evito mesmo qualquer contato com ele. Desde aquele dia eu fiquei traumatizado, foi uma vez que aconteceu aquilo e por isso me afastei dele.

Tem o meu primo também. Com ele, foram cinco vezes, ele pensa que ser surdo significa não saber nada, acho que ele pensou: 'vou me aproveitar porque ele não entende nada sobre sexo, ele é surdo, eu tive sorte que ele não sabe de nada'.

Ele me assediava brincando e eu não conseguia entender o que estava acontecendo. Hoje esse meu primo se casou, parece que mudou a vida dele e se tornou uma pessoa religiosa. Então resolvi não falar para minha mãe.

Dos 9 aos 11 anos foi acontecendo uma mudança em mim. Depois que meu tio fez aquilo comigo, meu primo também, parece que fiquei atraído por aquelas sensações, ficava me perguntando se eu era gay, senti que mudei por dentro. Nesse período, eu gostava de brincar de boneca e eu apanhava muito por isso, mas eu não tenho culpa de ter me tornado assim, foram eles, porque me abusavam. Quando eu tinha 18 anos, minha mãe aceitou minha opção sexual e me liberou. Eu sentei e conversei com eles sobre minha escolha de ser gay, eles ficaram tristes, mas eu entendo e respeito os sentimentos deles. Eles não me bateram por isso, ficaram calados e depois começaram a discutir na minha frente, por fim, se acalmaram.

Ela me perguntou o que havia acontecido no passado para eu decidir me tornar gay, eu fiquei sem saber o que dizer, mas não lhe disse a verdade, me calei. Ela queria saber se eu tinha perdido a virgindade, se eu tinha sido influenciado por alguém, mas não respondi nada, fiquei com medo e calado. Hoje eu olho o meu primo, ele mudou a vida dele, não faz mais aquilo, mas eu fico olhando para ele e sinto algo por ele, mas ele tirou minha virgindade daquela forma. Eu não sabia nada sobre sexo, era inocente, tenho sentimentos conflitantes em relação a ele. Eu me lembro que meus pais tinham ido para o shopping com meus tios e eu estava sozinho em casa jogando videogame quando dois primos meus chegaram e ficaram lá na sala conversando e rindo. Eu não estava entendendo nada porque eu sou surdo, um

deles tocou em mim e começou a fazer a mimica de sexo oral, mas eu não entendia, não conhecia aquele gesto, não entendi o significado. Então ele chegou perto e colocou o pênis na minha boca, eu lembro que ele dizia para o outro:

‘– Que sorte que ele e surdo não vai dizer nada!’

Eu nunca esqueço do que aconteceu naquele dia. Naquela época, eu não entendia, mas hoje eu compreendo. Eles transaram comigo, fizeram várias coisas. Depois que terminaram, disseram, li os lábios deles, que era a primeira vez que tinham transado com um surdo. Depois, no outro dia, eu comecei a me sentir angustiado, não entendia o que estava acontecendo, aquelas sensações de prazer que havia sentido, mas que não compreendia, tudo muito confuso. Aí me lembrei do que meu tio fez comigo também, minha mãe percebeu que eu estava diferente, eu sempre respondia que estava tudo bem.

Um dia eu estava em casa brincando com minhas bonecas, que inclusive minha mãe sempre brigava, porque eu tinha que brincar com carrinhos, meus dois primos chegaram lá em casa, eu fiquei assustado e quase chorando dizia para ela:

(Mímica de sexo anal.) ‘Eles fizeram isso comigo mamãe, enfiaram’, mas ela não entendia libras nem a mímica. Achava que eu estava encrencando com meus primos e me colocava de castigo. Ela percebeu minha angústia e perguntou para família se alguém sabia o que havia acontecido, eles responderam que não sabiam de nada, eles mentiram, eles sabiam.

Eu tinha mandado uma mensagem pelo celular para minha tia, explicando o que o meu tio tinha feito, mas eu fiz ela prometer que nunca ia dizer para minha mãe, ela concordou. Minha tia me perguntou se eu queria que ela fosse lá na casa do meu tio, esculhambar com ele e dizer para ele ficar longe de mim. Eu respondi que não precisava, não queria problemas com minha família. Enfim, foi muito difícil o que aconteceu entre eu e meu primo, senti muita dor, chorei muito na hora e depois quando fui dormir, mas acho que é assim quando se perde a virgindade. Um dia desse meu tio foi lá em casa e bateu na minha bunda, eu fiz o sinal ‘pode parar’. Minha mãe estava lá e disse para eu não ser tão chato, ela pensa que é só uma brincadeira. Minha mãe não sabe o que fez comigo, ela não entende. Eu tenho medo. Sempre me afasto dele. Esse meu tio é um safado, nunca casou. Até hoje, mora sozinho, ele é bissexual.”

## **Entrevista 6 – João**

**A) Quando você lembra sobre as primeiras dúvidas que teve sobre sexo, com quem conversou? A escola ou a família te ajudou de alguma forma a entender sobre a sexualidade?**

“No interior, é muito difícil o acesso às informações sobre sexualidade, precisa de escolas com professores que saibam libras. O que posso dizer é que a família e a escola foram grupos que me ensinaram de forma diferente. A minha família me ensinou coisas como cuidado quando estiver na rua, informações básicas do dia a dia, a comunicação era bem pouca. Já na escola onde realmente aprendi coisas mais complexas, meus professores surdos eram bem experientes. Com eles, aprendi tudo sobre a vida. Minha família me ajudava a fazer os deveres da escola, compravam as coisas que eu precisava, roupas e outras coisas como remédio, cuidavam de mim quando estava doente. A escola e a família tiveram papéis diferentes em minha vida.”

**B) Você conhece a palavra abuso?**

“Abuso... não estou lembrando o que significa a palavra a-b-u-s-o.

Ah, tá! S-e-x-u-a-l, misturar sexo com tocar no corpo. Eu observo que as mulheres bonitas entram no ônibus e os homens ficam olhando e se esbarrando nas mulheres. Já vi muitos líderes, nos lugares em que trabalhei, pedirem o número das meninas mais bonitas, ficavam passando a mão nos cabelos delas ou convidava pra sair, elas ficavam constrangidas. Eu mesmo já passei por isso, ficarem apertando barriga ou na minha bochecha, não era brincadeira, eu percebia, mas suportava para evitar problemas no trabalho. Um dia, perdi a paciência e falei para ele que estamos no trabalho, ele tinha que ter educação.”

**C) Já aconteceu algo na sua infância que lhe incomodou nessa questão de sexualidade?**

“Sim, eu me lembro que, quando tinha 12 anos, estava brincando de pega-pega com minha prima, e fomos nos afastando perto das árvores. Enquanto eu estava contando, ela veio por trás e começou a me pegar, eu não entendi nada, fez sexo oral. Depois, sentou em cima de mim. Fiquei assustado, não entendi nada. Não entendia direito sobre sexo.



Minha mãe descobriu e brigou muito comigo, porque não podia ter acontecido. Eu acho que ela achava que eu tinha sido o culpado, mas foi minha prima. Depois, aconteceu novamente quando fomos tomar banho no rio, ela me enganou e ficou pegando no meu corpo todo, aquilo me agoniava, eu não entendia nada.

Hoje entendo que ela se aproveitou de mim, mas isso ficou no passado. Hoje, ela tem filhos. Minha família contou que isso aconteceu, mas eu nem lembrava mais disso. Eu nem acredito que foi assim que perdi minha virgindade. Hoje eu tenho 28 anos e entendo o que aconteceu. Por muito tempo, eu era apaixonado por minha prima, ela dizia que era minha namorada, crescemos juntos, mas ela engravidou, me traiu, eu me decepcionei e esqueci ela. Eu não queria mais me relacionar com mulher, eu só gosto de homens.

Sei que alguns homens enganam as mulheres e abusam sexualmente delas, algumas até engravidam. Aconteceu com a minha irmã, ela é surda, foi abusada pelo nosso pai. Eu lembro que na época ela chamou a professora e falou.

Espera que vou chamar ela.

*(Pausa para a irmã participar da conversa.)*

‘Verdade! Nosso pai fazia sexo oral e transava comigo. Quando a professora chamou na escola e perguntou, meu pai ficou com vergonha e disse que era mentira, mas minha mãe continuou casada há anos com ele.’

*(Continuação com o entrevistado.)*

Depois de um tempo, ele traiu minha mãe, ela ficou muito triste com o término do casamento. Com 14 anos, percebi que eu era gay. Chamei meus professores e falei para eles que queria que eles chamassem meus pais para uma reunião, porque eu queria explicar para eles minha sexualidade. Também eles não sabem libras. Eu contei tudo, minha mãe chorou e depois toda a minha família estava sabendo. Sofri muito bullying dos meus primos e tios, ficavam me chamando de bichinha, que eu iria me prostituir, não teria sucesso na vida. Minha mãe me defendia, pedia para eles pararem, mas eu calei eles, terminei meu ensino médio com muita luta e consegui um bom emprego. Agora eu desejo fazer uma faculdade. Prometi que eles estavam errados. Hoje eu ajudo minha família financeiramente e me considero uma pessoa bem-sucedida.

**Entrevistada 7- Joana**

**A) Quando você lembra sobre as primeiras dúvidas que teve sobre sexo, com quem conversou? A escola ou a família te ajudou de alguma forma a entender sobre a sexualidade?**

“No passado, quando eu tinha 13 anos, não sabia de nada. Juro que não entendia nada. Meu pai entrava no meu quarto à noite, mandava eu fazer silêncio para minha mãe não ouvir, mas aquilo não poderia ter acontecido, me deixava angustiada. Sem pensar, fez sexo comigo... ainda bem que não fiquei grávida. O responsável foi ele, meu pai, eu não queria aquilo. Ele fez sexo oral em mim e depois fez penetração. Eu só tinha 13 anos e doeu muito, eu era muito delicada. Fiz uns gestos para minha mãe e ela entendeu, sabia de tudo, por isso brigou muito com ele e disse que não era para ele fazer sexo comigo. Ele fez silêncio, não respondeu nada. Ela também não falou nada para a polícia.

Hoje eu sou casada, tenho filhos, só tenho relações com meu marido. Depois de um tempo, falei para meu irmão surdo sobre o que tinha acontecido, falamos com nossos professores, porque queríamos fazer uma reunião com nossos pais, eles foram chamados na escola, eu expliquei o que tinha acontecido, mas meu pai negou, ele fingiu, guardou em segredo. A primeira e segunda vez que aconteceu foi em casa, a terceira vez ele me chamou para passear de carro, eu não sabia de nada, ele me levou para um lugar longe, o lugar tinha muitas árvores. Ele me deu 100 reais para ficar calada, mas aquilo acabou, ficou no passado e na mente. Hoje moro com meu pai, meu irmão, meu marido e meus filhos.

Meu pai tem uma namorada, mas ele está viajando para o interior. Na segunda-feira ele volta. Temos uma boa relação, me abraça, me respeita, sexo acabou, ele sabe disso. Minha mãe morreu e foi para o céu. Agora, meu pai tem uma namorada.

Eu queria namorar na adolescência, mas meu pai me proibia sob ameaça de me bater, só permitiu que eu namorasse com 20 anos. Meu primeiro namorado era ouvinte meu vizinho, eu tive um filho com ele, mas não deu certo, nos separamos. Casei novamente, dessa vez, com um surdo, tive um filho com ele também. Agora sou feliz, tenho uma boa vida conjugal. Meu pai tem a namorada dele, ele tem relações com ela. Ele precisa me respeitar, ele sabe, eu tenho meu marido agora. Essas coisas acabaram, tiveram um fim. Eu perdoei meu pai, conversamos, ele chorou. Eu deixei para trás essas coisas. Eu amo meu pai e minha mãe, só o sexo que não gostava. Minha mãe me levou ao médico, fiz vários exames, não deu nada,

eu estava sem nenhuma doença. Minha mãe ficou preocupada porque meu pai era safado, saía com outras mulheres. O médico percebeu que eu não era mais virgem, mas minha mãe não falou nada. O médico passou vários remédios e tomei umas injeções. Na época, não entendia o porquê.

**B) Você acha que seu pai já fez isso com outras crianças?**

Sim, ele fez. Eu não vi. Meu irmão surdo e minha irmã ouvinte viram. Meu pai conheceu uma menina de 11 anos na rua e trouxe para casa, escondido. Minha irmã ouvinte foi lá na porta ouvir o que estava acontecendo. Ela disse que ouviu barulho de sexo. Meu pai é um cara de pau, uma menina tão pequena. Não pode isso, é errado. Meu pai já é velho, tem 67 anos, isso tá errado. Depois, a menina foi embora. Eu e meu irmão não permitimos mais isso. Nós ameaçamos ele: se ele fizesse isso novamente, iríamos chamar a polícia. Meu pai é um cara de pau. Na semana passada, ele ficou me brechando no banheiro, eu falei que ia dizer para o meu marido, então meu pai ficou com medo. Por isso sempre chamo meu marido para tomar banho comigo ou peço para minha irmã ficar vigiando enquanto tomo banho, difícil isso. Minha mãe era a única que sabia um pouco de libras, ensinei para ela. Sinto muita falta dela, faz quatro anos que ela foi para o céu. Aliás, eu e meu irmão sentimos muito a falta dela, sempre lembramos dela. Mas ela tá com Deus no céu, em paz.

**Entrevistado 8 - Mário**

**A) Como você aprendeu sobre sexualidade?**

Minha mãe não sabia Libras, era muito difícil a comunicação. Eu tentava explicar as coisas, mas ela não entendia. Acho que é normal a maioria das mães de surdos não saberem. Lembro que, quando eu estava entre 6 e 7 anos, aprendi sobre vários assuntos de doenças, sobre os exames anuais, sobre opções sexuais.

**B) Você conhece a palavra abuso sexual?**

Não conheço a palavra abuso sexual em português, conheço só o sinal em libras. Às vezes pode acontecer que uma mulher pode estar andando à noite e um homem pode pegá-la à força. Eu me recordo que, quando eu tinha 7 anos, viajei para Coari,

sem meus pais. Um homem, que não lembro quem era, sem pensar, abusou de mim, fez sexo oral doeu muito, chorei à noite. Eu não sabia de nada, não sabia como explicar isso para meus pais ouvintes. A segunda vez foi um tio gordo que era vizinho da minha vó, eu não entendia, ele me pegou pela mão e me levou. A terceira vez foi um rapaz jovem, eu estava brincando e ele me chamou para trás de uma árvore e fez sexo comigo. Quando consegui me soltar dele, saí correndo, fiquei com muito medo, eu tinha 8 anos.

Uma vizinha viu tudo e falou para minha tia. Minha tia brigou comigo, disse que não era para eu fazer sexo com ninguém, mas eu não entendia direito o que ela dizia, apanhei por isso. Nunca falei nada, nem para amigos, nem para professores, não confiei em ninguém, ficava com medo de fofoca, de ficarem falando de mim. Não consigo me comunicar nem com meus pais, acho que eles não souberam dessas coisas que aconteceram, ainda mais quando falei para minha mãe e meu padrasto que eu era gay. Ele não acreditou, mas, com tempo, aceitaram. Hoje em dia tenho depressão, não esqueço das coisas que ocorreram, elas sempre voltam na minha cabeça. Por isso gosto de praticar esportes com meus amigos, isso me ajuda muito. (O entrevistado, nesta última entrevista, mostrou uma sinalização muito rápida e com poucos detalhes. Tive que realizar mais perguntas que o usual, e, mesmo assim, as respostas não eram claras, porque as pessoas e o tempo dos acontecimentos eram confusos.)

## **Entrevista 9 - Dorian**

**A) Eu queria conversar com você sobre uma temática que muitas vezes é um tabu: o sexo. Muitas vezes, porque os surdos jovens não têm informação sobre esse assunto e fica desinformado. O que você acha sobre isso?**

As primeiras informações que tive sobre sexualidade, eu soube com 15 anos, no ano de 2022 na escola de ouvintes. Eu aprendi sobre gravidez, uso de preservativos e sobre ter cuidado com abuso sexual. Eu fiquei admirada e guardei na memória aquelas informações. Às vezes homens gostam de fazer muita safadeza. A pedagoga explicou que pode acontecer com todos os alunos, que existe muita

violência e que podem ser qualquer pessoa os abusadores, até mesmo o pai ou mãe.

### **Mas já ocorreu algo parecido com você?**

Já, sim. Eu tinha 12 anos quando eu fui abusada. A minha mãe não sabia o que estava acontecendo, ela não pensou que eu estava mentindo, ela acreditou em mim. Ela chorou muito. Eu tive três pais, meu pai que foi embora para o interior, depois eu tive dois padrastos. Meu último padrasto abusou de mim. Eu falei para minha irmã e para minha prima, elas me apoiaram em conversar com minha mãe.

Ela chorou muito, a minha irmã falou que minha mãe não precisava chorar, que ela já tinha conversado muito comigo e que minha mãe podia ficar tranquila. No outro dia, fomos para a polícia, me levaram para uma sala com muitos brinquedos, eu tinha 12 anos. A mulher usou dois bonecos para perguntar sobre várias coisas, inclusive os lugares que meu padrasto tinha me tocado e explicou que ninguém podia fazer aquilo. Aquele tipo de comportamento não é brincadeira, é algo sério. Quando acabou a conversa com eles, fomos para casa. E eu continuei minha vida.

Elas ficaram atentas se eu ficaria grávida, mas eu não cheguei a perder a minha virgindade, eu acho. Eu tive que tomar vários remédios alguns dias, fiquei enjoada, não queria tomar, mas minha mãe fez eu tomar todos. Eu tenho alguns planos para o ano que vem: trabalhar pela manhã e estudar à tarde, pode ser qualquer trabalho, por exemplo, no supermercado. Assim vou esquecendo meu padrasto que foi preso e eu nunca mais soube notícia dele. Meu outro padrasto morreu de câncer, eu gostava muito dele. Eu lembro que eu gostava muito de banana, ele sempre me dava, mas às vezes ele não tinha dinheiro, mas ele pedia um dinheiro de um amigo e comprava umas bananas e me dava.

Depois minha mãe descobriu que estava grávida do meu padrasto que me abusou, no entanto ela nunca foi atrás dele. Hoje minha irmã não sabe que ela é filha do meu padrasto que foi preso. Minha mãe preferiu não falar porque ele está preso.

### **Mas como foi que seu padrasto começou com esses comportamentos?**

Na primeira vez, minha mãe ia trabalhar, mas eu não queria ficar em casa com meu padrasto, pedi para eu ir para casa do meu outro padrasto, pai da minha irmã, porque eu estava com medo de ficar com ele, mas ela não deixou. Ela foi embora para o trabalho. Depois eu fui tomar banho e esqueci a toalha, eu pedi para ele pegar a toalha. Ele abriu a porta e ficou me olhando. Depois ele me chamou no quarto e me mostrou no computador várias imagens pornográficas e vídeos com pessoas fazendo sexo. Eu fiquei com medo. Ele me disse que não podia falar para mamãe, eu entendi.

Depois de um tempo, acho que um domingo, ele me chamou e pediu para eu tirar a roupa. Eu fiquei paralisada, então ele tirou minha roupa e começou a me tocar nos seios e nas minhas partes íntimas, e o pênis ele colocou na vagina, começou a doer muito, eu empurrei e saí correndo. Ele me chamou e disse que não era para contar para ninguém. Eu fiquei com muito medo.

Depois eu mudei de casa, para perto da casa do meu outro padrasto que tinha me criado. Novamente minha mãe foi trabalhar, eu fui tomar banho, a porta estava quebrada e sem tranca, levei um susto, porque ele entrou no banheiro, tirou a roupa e começou a tocar em mim. Ele começou a chupar minha parte íntima, eu não gostava, ficava com muito medo.

Ele saiu para beber na rua. Eu fui lavar louça, fazer as coisas em casa. Quando a mamãe chegou em casa, eu falei para ela, ela começou a chorar. Fomos para delegacia fazer um B.O e assinar os papéis. Ele foi preso quando eu tinha 13 anos. Então pronto, acabou.

Voltei para casa para ajudar minha mãe. Depois fizemos uma festa de aniversário-surpresa para o meu padrasto que me criou, que hoje é falecido. A mamãe fez bolo e várias coisas. Antes eu tinha ciúmes dele com a minha mãe, quando ela estava grávida. Ele cuidou de mim desde pequena. Eu só conheci meu pai de verdade com 6 anos, mas ele mora no interior. Eu tenho uma irmã que mora com ele. Ele soube o que aconteceu comigo, mas ele não conversou comigo.

### **Foram 3 episódios em que seu padrasto fez essas coisas com você?**

Foram vários episódios, mas era só um pouco (os abusos), porque eu não conseguia falar para mamãe.

Ele me ameaçava de morte, eu ficava com medo. Eu fiz vários exames, mas o médico disse que só entrou um pouco, não rompeu o hímen, só machucou um pouco.

Ele tem uns 38 anos e uma filha, eu conheço ela, porque ele me apresentou. Ele não fez com ela, só fez comigo.

Depois eu fiquei muito triste e com medo, me cortava, mas eu já parei com isso. Às vezes, sinto muita raiva da minha família, tenho vontade de morar com uma prima ou sozinha mesmo. Às vezes, culpo a minha mãe, porém sei que ela trabalha muito, e, às vezes, ela fica muito estressada. Semana passada, ela me bateu muito porque esqueci a água ligada. Olha aqui as marcas. Outra vez ela me bateu na cabeça e no rosto, quase fiquei cega. Aí eu comecei a chorar muito. Ela ficava muito chateada se eu fizesse algo errado.

Hoje eu tenho um namorado, mas ele é tranquilo, nos abraçamos. Não gosto que ele me toque. Às vezes, quando vejo um homem bêbado, fico longe e com medo. Com meu namorado, só ficamos conversando e nos abraçando.

Eu lembro que, quando ele (padrasto) ficava fazendo aquelas coisas, eu olhava para o teto. Eu tinha muito medo dele. Eu olhava pra cima, me sentia nervosa e com medo. Eu não entendia o que estava acontecendo. Depois que ele fazia aquelas coisas, eu me sentia cansada, com medo e fraca. Eu ia para meu quarto e me trancava assustada. Eu não entendia o que estava acontecendo. Na minha cabeça, eu ficava pensando o que ele tava fazendo.

Depois, quando fui à delegacia, entendi que aquilo não era certo, não era brincadeira. Depois aprendi na escola sobre abuso sexual. Se acontecer, avisar a mamãe.

Meu namorado é legal, muito preocupado comigo, ele não gosta que eu demore quando ficamos na parada de ônibus conversando, porque minha mãe pode brigar e ficar preocupada. Nós temos muitas coisas em comum, ele também foi abusado... pelo pai dele, com 13 anos. Quando a mãe dele descobriu, expulsou o pai dele de casa. Hoje ela se vira sozinha. Ele ajuda a mãe dele, cuidando dos irmãos